

## **ALEPO: CIDADE ABERTA**

Uma Escola de Artes e Ofícios em Contexto pós-Conflito

Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Ana Carolina Oliveira Helena

Orientação Científica

Professor Doutor Hermenegildo Nuno Goinhas Fernandes [FL-UL]

Professor Doutor José Manuel dos Santos Afonso

Júri

Professor Doutor José Luís Mourato Crespo (Presidente)

Professor Doutor Vítor Manuel de Matos Carvalho Araújo [IST-UL] (Vogal)

Lisboa, Dezembro 2019







## RESUMO

### TÍTULO

Alepo: Cidade Aberta  
Uma Escola de Artes e Ofícios  
em Contexto pós-Conflito

### AUTORA

Ana Carolina Oliveira Helena

### ORIENTADORES

Prof. Dr. Hermenegildo  
Fernandes  
Prof. Dr. José Afonso

Projecto Final de Mestrado  
Dezembro de 2019  
FAUL

A brutalidade do recente conflito armado sírio transformou Alepo, ponto de passagem emblemático de rotas comerciais milenares, num campo de batalha. Parcialmente destruída, a cidade tida como referência de co-habitação inter-religiosa pacífica no Oriente Médio encontra-se privada dos mais variados serviços e infra-estruturas de usufruto público.

Expulsos os *jihadistas* e com o governo de novo no controlo, os alepinos vão, aos poucos, dando ordem ao caos resultante. O esforço individual deu um pontapé de saída informal à reconstrução: habitações são reerguidas; lojas e as pequenas oficinas voltam a abrir portas. No entanto, os grandes equipamentos, essenciais à normalização da vida quotidiana, continuam moribundos, espectantes por decisões superiores e investimentos proibitivos para uma economia dizimada.

Pensando na reconstrução crítica da estrutura física da cidade como elemento basilar da recuperação económica e da restituição duradoura da paz urbana, propõe-se uma solução de continuidade, intervindo directamente sobre um dos principais pontos de eclosão do conflito, as linhas de cisão entre a cidade e o subúrbio esquecido.

Sugere-se o ensino do vasto património de técnicas e saberes artesanais, criando pontes de diálogo social através do património comum, como arma de exclusividade num violento mercado globalizado onde a manufactura e o saber prático parecem já não ter lugar.

## PALAVRAS-CHAVE

Alepo | Arquitectura Pós-guerra | Limite | Escola | Ofícios Tradicionais



## ABSTRACT

### TITLE

Aleppo: Open City  
An Arts and Crafts School in  
post- Conflict context

### AUTHOR

Ana Carolina Oliveira Helena

### ADVISORS

Prof. Dr. Hermenegildo  
Fernandes  
Prof. Dr. José Afonso

Integrated Master in Architecture  
Lisbon, December 2019  
FAUL

Due to the brutality of the recent conflict, Aleppo, an emblematic crossing point in the millenar commercial routes, became a battlefield. Partially destroyed, the city, once a reference for peaceful inter-religious co-habitation in the Middle East, is now deprived from the majority of public services and infrastructures.

After evicting the *ihadists*, the government is back in control and alepins are slowly giving order to the remaining chaos. Individual efforts have started the informal reconstruction: houses are being rebuilt; shops and small workshops are opening doors again. However, large equipments, essential to the normalization of daily life, are still moribund, waiting for superior decisions and prohibitive investments to a decimated economy.

Thinking in the physical reconstruction as a fundamental element to the economic recovery and the re-establishment of lasting urban peace, a solution of continuity is propounded; acting directly on one of the main epicenters of the conflict - the edges between the city and the forgotten suburbia.

Traditional crafts and knowledge are suggested in this work as an exclusive tool against a violent globalized market where handmade crafts do not seem to fit anymore; as well they serve to connect groups of people together through this common heritage.

## KEYWORDS

Aleppo | Post-war Architecture | Edge | School | Traditional Crafts



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço,

aos meus orientadores,

o Professor José Afonso,

por me inculir o gosto pelo detalhe e pelo trabalho decoroso, por me ensinar, com paciência e zelo, o saber acumulado de décadas de prática profissional.

o Professor Hermenegildo Fernandes,

por ter embarcado nesta sinergia interdisciplinar, que se revelou tão pertinente e enriquecedora, por todo o rigor e exactidão que imprimiu à minha investigação.

à minha família,

pelo apoio incansável e incondicional, por todas as palavras e gestos de amparo e compreensão, fulcrais na condução a bom porto deste trabalho final.

aos meus amigos e fiéis companheiros de trabalho,

pelas horas de labor partilhadas, pelas discussões empolgantes que pautaram estes últimos seis anos, por todo o auxílio e companheirismo que marcou este percurso.

a todos aqueles que, de algum modo, ajudaram na elaboração deste trabalho, em especial, à Dra. Ana Quintela e ao Abrar, da Associação CRESCER, por me porem em contacto com alguns sírios em Lisboa, e ao Bilal e à mulher, por terem aceite a entrevista e me brindarem com preciosas histórias; ao Karim, colega de ofício, solícito guia nas intrincadas ruas de Marraquexe, sempre disponível para qualquer questão e à Leen e ao Shujáa, os meus professores de Árabe, que me ajudaram a abrilhantar todo o processo, ensinando-me as bases do seu precioso idioma.





“Pina: Questo inverno sembra che non debba finire mai.

Francesco: Finirà, Pina, finirà. E tornerà pure la primavera. E sarà più bella dalle altre (...).”

*Roma, città aperta*, Roberto Rossellini, 1945

“Pina: Este Inverno parece que nunca mais acabará.

Francesco: Acabará, Pina, acabará. E virá ainda a Primavera. E será mais bonita que todas as outras (...).”

*Roma, cidade aberta*, Roberto Rossellini, 1945



## ÍNDICE

IV	Resumo
VI	Abstract
VIII	Agradecimentos
XII	Índice
XVI	Índice de Figuras
1.	Introdução
<b>11.</b>	<b>1. Alepo</b>
11.	1.1. O território
14.	1.2. Da colónia grega à contemporaneidade
25.	1.3. A planificação de uma matriz informal
30.	1.4. O conflito, a destruição e o futuro
<b>32.</b>	<b>2. Bab Qinnisrin</b>
32.	2.1. A cidade islâmica comercial
35.	2.2. A entrada sudoeste: de ponto de controlo a enclave cidadão
43.	2.3. O papel da muralha: da tradição nómada à urbanidade
<b>46.</b>	<b>3. A Porta, Elemento de Continuidade</b>
46.	3.1. O limite urbano
46.	3.1.1. O limite contínuo, o limite fragmentário
47.	3.1.2. O limite físico, o limite pressentido
48.	3.1.3. A clareza, a ambiguidade
50.	3.1.3.1. Porta de Valletta   Renzo Piano Building Workshop (2015)
53.	3.2. O ponto de encontro entre a cidade histórica e o subúrbio

<b>57.</b>	<b>4. A Escola de Artes e Ofícios</b>
57.	4.1. Aprender fazendo
58.	4.1.1. A oficina
59.	4.1.2. Os mesteres tradicionais
63.	4.2. <i>Object-city</i> : a escola como elemento gerador de urbanidade
67.	4.2.1. Universidade Livre de Berlim   Candilis, Josic, Woods, Schiedhelm (1963)
70.	4.3. <i>Learning-city</i> : a escola como micro-cidade
71.	4.3.1. O átrio como praça
72.	4.3.1.1. FAU-USP   João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi (1969)
74.	4.3.2. O corredor como estrada
74.	4.3.3. A aprendizagem passiva, a aprendizagem activa
76.	4.3.4. Os elementos flexíveis, o mobiliário-âncora
77.	4.3.4.1. Escola de Arquitectura de Oslo   Jarmund/Vigsnæs As Architects (2001)
79.	4.4. A escola para lá da porta
95.	Considerações Finais
99.	Bibliografia
105.	Anexos





## ÍNDICE DE IMAGENS

X | fig.1 | Bombardeamento aliado a São Lourenço, Roma. 1943. Autor desconhecido. - <https://www.wantedinrome.com/news/rome-marks-1943-bombing-of-s-lorenzo.html>.

pág.8 e 9 | fig.2 | Imagem aérea de Aleppo, Síria. s/d. Arquivo Yasser Tabbaa, Centro de Documentação Aga Khan, MIT. - [http://archnet.org/authorities/3497/media\\_contents/111133](http://archnet.org/authorities/3497/media_contents/111133).

pág.13 | fig.3 | Localização da intervenção. Esquema da autora.

pág.15 | fig.4 | Regularidade dos quarteirões do bairro *Al-Medina*. s/d. Arquivo SURADEC, in NEGLIA, 2009, p.110.

pág.15 | fig.5 | Transformação de um *souk*. in SAUVAGET, 1941, cap.1.

pág.15 | fig.6 | Reconstrução do eixo principal da cidade. in NEGLIA, 2009, p.110.

pág.15 | fig.7 | *Bab al-Maqam*. c.1930. Michel Écochard - [https://archnet.org/collections/151/media\\_contents/91382](https://archnet.org/collections/151/media_contents/91382).

pág.18 | fig.8 | *Khan al-Wazir*. c.1940. Jean Sauvaguet, in MANSEL, 2016, Anexos.

pág. 18 | fig.9 | Novos quarteirões residenciais fora da cidade. s/d. Autor desconhecido, in BOISSIÈRE; DAVID, 2014, cap.8 - <https://books.openedition.org/ifpo/6662>.

pág.18 | fig.10 | Levantamento da cidade de Aleppo. 1778. C.Niebuler, in GAUBE; WIRTH, 1984, p.32.

pág.21 | fig.11 | Construção da linha ferroviária de Bagdade. c.1900. Arquivo da Library of Congress - Washington, D.C. - <http://www.loc.gov/pictures/resource/mat-pc.04677/>.

pág.21 | fig.12 | A cidade cresce com as migrações internas. c.1984. Yasser Tabbaa - [https://archnet.org/media\\_contents/111140](https://archnet.org/media_contents/111140).

pág.21 | fig.13 | Mapa da cidade de Aleppo. 1940. Service Géographique du Levant. Escala 1:10000, in NEGLIA, 2009, p.35.

pág.24 | fig.14 | Evolução da malha urbana da cidade. Esquema adaptado pela autora - fonte: SAUVAGET, 1941, cap.1.

pág.26 | fig.15 | Plano Gutton. 1952. André Gutton, in GAUBE; WIRTH, 1984, p.51.

pág. 26 | fig.16 | Demolição do quarteirão de *Bab al-Faraj, Bahsita et Bandara*. 1979. Jean-Claude David, in BOISSIÈRE; DAVID, 2014, Prólogo - <https://books.openedition.org/ifpo/6644>.

pág. 26 | fig.17 | Restauro da Cidadela. 2004. Reem Qudsi - [https://archnet.org/sites/6414/media\\_contents/76376](https://archnet.org/sites/6414/media_contents/76376).

pág.29 | fig.18 | Levantamento cartográfico da área de intervenção. Esquema adaptado pela autora. Escala 1.25000 - fonte: (consultar *Anexos*)

pág.31 | fig.19 | Os minaretes omíadas da mesquita de Aleppo, datada do século XI, protegida pela UNESCO, destruídos. 2013. Dimitar Dilkoff - <https://www.abc.net.au/news/2013-04-25/syrian-rebels-shelter-in-umayyad-mosque/4650330>.

pág.33 | fig.20 | Aleppo no panorama das rotas comerciais terrestres. in GAUBE; WIRTH, 1984, p.231.

pág.33 | fig.21 | Caravanas perto de Aleppo. c.1930. Autor desconhecido, in MANSEL, 2016, *Anexos*.

pág.36 | fig.22 | Contexto urbano da intervenção. Esquema da autora.

pág.38 | fig.23 | Planta de *Bab Qinnisrin*. in GAUBE; WIRTH, 1984, p.141.

pág.38 | fig.24 | *Bab Qinnisrin*. c.1930. Michel Écochard - [https://archnet.org/media\\_contents/91376](https://archnet.org/media_contents/91376).

pág.38 | fig.25 | *Bab Qinnisrin*. Janeiro de 2017. Autor desconhecido - Google Earth.

pág.40 | fig.26 | Proposta de zonamento para a área limítrofe às muralhas. in UNESCO, 1980, p.55 - <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042161>.

pág.41 | fig.27 | Mercado ao ar-livre. 1984. Yasser Tabbaa - [http://archnet.org/media\\_contents/111158](http://archnet.org/media_contents/111158).

pág.41 | fig.28 | *Bab Qinnisrin Park*. 2010. Aga Khan Trust for Culture - <https://archnet.org/system/publications/contents/6673/original/DPC3529.pdf?1384800493>.

pág.42 | fig.29 | Eixo urbano de *Bab Qinnisrin*. Esquema da autora. Escala 1:5000.

pág.45 | fig.30 | A morfologia do eixo urbano. Esquema da autora. Escala 1:5000.

pág.49 | fig.31 | Mercado em Via Pignasecca, Nápoles. Setembro de 2016. Fotografia da autora.

pág.49 | fig.32 | Mercado em Konstablerwache, Frankfurt. Março de 2017. Autor Desconhecido - [https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g187337-d1965636-i248214677-Bauernmarkt\\_Konstablerwache-Frankfurt\\_Hesse.html](https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g187337-d1965636-i248214677-Bauernmarkt_Konstablerwache-Frankfurt_Hesse.html).

pág.51 | fig.33 | Fachada oeste. Renzo Piano Building Workshop - [https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation](https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad_medium=widget&ad_name=recommendation).

pág.51 | fig.34 | Plano geral. Renzo Piano Building Workshop - [https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation](https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad_medium=widget&ad_name=recommendation).

pág.51 | fig.35 | Esquisso do projecto. Renzo Piano Building Workshop - <https://www.domusweb.it/architettura/2012/06/27/riflettere-sulla-nostalgia-delle-citta.html>.

pág.51 | fig.36 | Vista aérea. 2015. Michel Denancé - <https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop>.

pág.51 | fig.37 | Vista do interior da cidade. 2015. Michel Denancé - <https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop>.

pág.54 | fig.38 | O conceito do desenho urbano. Esquema da autora.

pág.56 | fig.39 | A proposta urbana. Desenho da autora.

pág.57 | fig.40 | *Kukeldash Madrasah*, Tashkent, Uzebequistão. s/d. Autor desconhecido - <https://www.istockphoto.com/pt/foto/kukeldash-madrasah-in-tashkent-uzbekistan-gm868044648-144700705>.

pág.58 | fig.41 | *Khan al-Goumrok*. c.1980. Jean-Claude David, in BOISSIÈRE, Thierry; DAVID, 2014, cap.20 - <https://books.openedition.org/ifpo/6709>.

pág.60 | fig.42 | Artesãos especializados nas técnicas tradicionais de corte de pedra. c.1980. Jean-Claude David in BOISSIÈRE; DAVID, 2014, cap. 22. - <https://books.openedition.org/ifpo/6713>.

pág.60 | fig.43 | Produção de sabão tradicional. 2017. Autor desconhecido - <https://www.thecandletree.uk/blog/2017/1/24/aleppo-soap-the-savour-for-winter-skin-and-dry-skin-problems>.

pág.60 | fig. 44 | Duas lojas de vendedores de sabão. s/d. C. Delpal e M. Carbonare in DAVID, Jean-Claude, 1998, cap.2 - <https://books.openedition.org/ifpo/7586>.

pág.62 | fig.45 e 46 | Curdos fabricantes de sapatos. s/d. C. Delpal in BOISSIÈRE, ; DAVID, 2014, Alep en images - <https://books.openedition.org/ifpo/6717>.

pág.62 | fig.47 | Armazenamento do algodão bruto na periferia de Alepo. s/d. C. Delpal in BOISSIÈRE, ; DAVID, 2014, Alep en images - <https://books.openedition.org/ifpo/6717>.

pág.64 | fig.48 | A diferença entre *integrar* e *segregar*. Jan Gehl, adaptado pela autora in GEHL, 1971, p.101 e 113.

pág.66 | fig.49 | Proposta para *Frankfurt-Romemberg*, exemplo do *objecto-cidade*. 1963. Candilis, Josic, Woods in KRUNIC, 2012, p.38.

pág.66 | fig.50 | *Plan Voisin*, exemplo da *cidade dos objectos*. 1925. Le Corbusier - <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=2&itemCount=2&sysParentName=Home&sysParentId=65>.

pág.66 | fig.51 | *Cities: Moving, Master Vehicle-Habitation*, exemplo da *cidade-objecto*. 1964. Ron Herron (Archigram) - [https://www.moma.org/documents/moma\\_catalogue\\_148\\_300153298.pdf](https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_148_300153298.pdf).

pág.68 | fig.52 | Fachada do edifício principal da Universidade Livre de Berlim. 2015. Lena Giovanazzi - <http://projects.archiexpo.es/project-27830.html>.

pág.68 | fig.53 | Vista aérea - Universidade Livre de Berlim. 1974. Autor desconhecido in KRUNIC, 2012, p.45.

pág.68 | fig.54 | Desenhos apresentados a concurso - Universidade Livre de Berlim. 1963. Candilis, Josic e Woods in KRUNIC, 2012, p.34.

pág.71 | fig.55 | Castelvittorio, Itália. s/d. Herman Hertzberger in HERTZBERGER, 2008, p.133.

pág.73 | fig.56 | Planta do piso térreo - FA-USP. 1969. João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi ,editado pela autora - <https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>.

pág.73 | fig.57 | Corte transversal - FA-USP. 1969. João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi - <https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>.

pág.66 | fig.58 | Átrio central - FA-USP. 2011. OWAR Arquitectos - <https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>.

pág.76 | fig.59 | *Montessori College Oost*, Amesterdão. s/d. Herman Hertzberger - <https://inspiration.detail.de/montessori-college-oost-in-amsterdam-103696.html?lang=-de>.

pág.78 | fig.60 | Planta do piso de aulas - AHO. 2001. Jarmund/Vignæs AS Architects, editado pela autora - <https://www.archdaily.com/2240/oslo-school-of-architecture-jva>.

pág.78 | fig.61 | Espaço expositivo - AHO. 2008. Autor desconhecido - <https://www.archdaily.com/2240/oslo-school-of-architecture-jva>.

pág.78 | fig.62 | Salas oficinais - AHO. 2001. Jaro Hollan - [https://www.statsbygg.no/files/eiendommer/Region\\_ost/03558\\_ArkitektDesignHiO/andreFiler/ahoTegnesal](https://www.statsbygg.no/files/eiendommer/Region_ost/03558_ArkitektDesignHiO/andreFiler/ahoTegnesal).

pág.80 | fig.63 | Axonometria da proposta arquitectónica. Desenho da autora.

pág.81 | fig.64 | Planta dos vários pisos do projecto. Desenho da autora. Escala 1:2000.

pág.82 | fig.65 | Corte e alçado do projecto. Desenho da autora. Escala 1:500.

pág.83 | fig.66 | Mapa de áreas. Tabela da autora.

pág.85 | fig.67 e 68 | Esquissos do pátio público. Desenhos da autora.

pág.85 | fig.69 e 70 | Esquissos da biblioteca. Desenhos da autora.

pág.85 | fig.71 | Esquissos da entrada principal. Desenhos da autora.

pág.86 | fig.72 | Pátio principal. Desenhos da autora.

pág.88 | fig.73 | Sala de aula. Desenhos da autora.

pág.88 | fig.74 | Oficina. Desenhos da autora.

pág.89 | fig.75 | Esquisso das salas de aula. Desenho da autora.

pág.89 | fig.76 | Esquisso das oficinas. Desenho da autora.

pág.89 | fig.77 | Estudo da fachada. Desenho da autora.

pág. 90 | fig.78 | Os espaços devotos à aprendizagem. Desenho da autora. Escala 1:300.

pág.91 | fig.79 | Alçado este. Desenho da autora. Escala 1:100.

pág.92 | fig.80,81 e 82 | Maquete da proposta arquitectónica. Maquete da autora. Escala 1:200.

pág.93 | fig.83 | Espaço exterior - Alçado este. Desenho da autora.

pág.97 | fig.84 | Espaço exterior - Alçado oeste. Desenho da autora.





## INTRODUÇÃO

A corrente situação de Aleppo torna difícil imaginar a vida borbulhante e efervescente que outrora a animou. Antes do conflito, contava com o mais vasto aglomerado populacional urbano sírio; hoje é uma paisagem de destruição desoladora. A salutar entreatada e convívio que animava os *souks*, as lojas coloridas e atoladas onde se entreviam os mais variados produtos manufacturados, parecem uma memória distante, perante toda a destruição e miséria deixadas e vividas durante os períodos mais negros do conflito.

*Bab Qinnisrin*, uma das principais portas da cidade, foi outrora um importante ponto nodal, onde confluíam as caravanas vindas dos terrenos áridos mais a Sul, ávidos de estabelecer vantajosos negócios com os comerciantes da cidade em troca dos produtos que transportavam por quilómetros e quilómetros. Contudo, antes mesmo da guerra, esta confinava já com uma enorme área expectante: uma terra de ninguém entre os cidadãos e os novos-urbanos, migrantes internos vindos de áreas rurais menos favorecidas à procura de melhores condições e oportunidades.

O presente trabalho pega no tema de projecto da turma 5AP, no âmbito da disciplina de Laboratório de Projecto VI (2017-2018) relativo à temática da intervenção arquitectónica pós-conflito, tendo sido desenvolvido paralelamente entre Fevereiro de 2018 e Outubro de 2019. A proposta consiste numa Escola de Artes e Ofícios, com vista à profissionalização de adultos, incluindo ainda o desenho urbano da área adjacente, expectante por uma solução de continuidade com a cidade histórica.

A escolha deste tema prendeu-se, sobretudo, com a vontade de contribuir com uma possível resposta a um problema actual, sublinhando as competências e conhecimentos cada vez mais plurais exigidos hoje ao arquitecto. Espera-se trazer estas questões para a discussão académica, contribuindo para a sensibilização de uma nova geração de profissionais, provida de conhecimento teórico e espírito crítico; preparada para cooperar em equipas multi-disciplinares na resolução de problemas nos quais pode ter uma contribuição preponderante apesar de extravasarem um pouco da sua área de intervenção tradicional.

**Tema**

**Enquadramento**

**Motivações**

## Objectivos

Assim sendo, a proposta prática apresentada nasce de uma longa investigação teórica que, devido à sua especificidade, se desdobrou na análise de três grandes temáticas: 1 | os preceitos da intervenção pós-conflito; 2 | a aplicabilidade de valores basilares da gramática arquitectónica islâmica vernacular à contemporaneidade e 3 | a História da cidade - *Alepo* - e do lugar - *Bab Qinnisrin*.

Da avaliação do primeiro ponto, constatou-se que as experiências eram várias e filhas dos seus contextos específicos (ver *Anexos*). Apesar de bem documentadas, na sua maioria, raras vezes estavam sistematizadas as conclusões retiradas de cada uma, de modo que era inexistente um corpo metodológico único que pudesse servir como ponto de partida para este trabalho.

O segundo ponto, mais do que um processo de escrutínio metódico, ambicionou a recolha de conhecimento teórico essencial à boa compreensão do terceiro (ver *Anexos*). A viagem de estudo a Marrocos, dada a impossibilidade de visitar o local de projecto, foi essencial e esclarecedora devido à similitude, no que à matriz urbana islâmica e à intervenção urbana e arquitectónica do protectorado francês diz respeito, reconhecendo-se, contudo, as especificidades próprias da Arquitectura Magrebina, não inferíveis no Médio Oriente.

Por fim, o último ponto trouxe informação sobre a cidade. Através de uma leitura mais pormenorizada do contexto histórico e do desenvolvimento urbano, revelou-se que a guerra não é um acidente inesperado, mas sim o culminar de uma instabilidade urbana que se vai instalando. A entrevista feita a um casal alepino, asilado em Lisboa e integrado no projecto “É Uma Vida” (Associação CRESCER), veio confirmar essa mesma leitura (ver *Anexos*).

Deste modo, a pertinência de intervir, mais do que sobre as áreas mais fustigadas pela artilharia, nos pontos de eclosão do conflito, tornou-se assim óbvia. O programa proposto visa responder a uma das principais necessidades funcionais levantadas - a insuficiente oferta educativa profissionalizante e a urgência na criação de emprego numa economia profundamente debilitada após anos de guerra.

A elaboração deste Projecto Final de Mestrado subdividiu-se em quatro grandes etapas. Foram elas: 1 | a recolha cartográfica e fotográfica; 2 | a produção de elementos de trabalho; 3 | a elaboração do documento escrito e 4 | a elaboração do projecto;

## Metodologia

A primeira etapa consistiu na compilação dos elementos cartográficos e fotográficos recolhidos, através dos meios disponíveis, dada a distância e situação política vividas à data de elaboração do presente trabalho.

A segunda etapa focou-se na sistematização dos dados recolhidos na etapa anterior, com vista à produção de desenhos de suporte ao exercício de projecto. Nesta etapa inclui-se a correcção das plantas obtidas através do cruzamento com registos fotográficos, dados de satélite e documentos cedidos pelos alunos da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Aleppo.

A terceira etapa corresponde à elaboração do presente documento escrito, onde se procurou compilar as conclusões retiradas das etapas anteriores, bem como cimentar as escolhas projectuais respectivas à quarta e última etapa, desenvolvida paralelamente.

Esta última, correspondeu à execução do projecto, materializado na realização de desenhos técnicos e representações tridimensionais em diversas escalas de detalhe.

O título escolhido - *Alepo: Cidade Aberta* - é uma clara referência à obra maior de Roberto Rossellini, de 1945, filmada em Roma, imediatamente após a expulsão dos ocupantes nazis. Também este é um trabalho desenvolvido em tempo de re-solução, onde tudo é fresco e impera ainda assimilar e reflectir para agir consequentemente.

## Título

Aqui, contudo, o conceito de *cidade aberta* não foi escolhido enquanto referência à gíria militar - de cidade que se rende e entrega ao inimigo, na esperança de poupar vidas e significantes marcos históricos -, mas antes na acepção urbana dada por Richard Sennett (ver pág.41) - de cidade a que as-

piramos mesmo sabendo um tanto utópica, de cidade que se constrói com todos e para todos, onde a pluralidade e a espontaneidade são celebradas -, dando o tom ao tipo de intervenção que se defende ao longo deste projecto.

## **Estrutura**

O presente documento encontra-se dividido em quatro partes:

Em *1. Aleppo* é feita uma introdução à cidade. Evidenciam-se os seus principais traços físicos e sócio-culturais, correlacionando-os com os principais episódios históricos que marcaram o seu desenvolvimento urbano, desde a sua formação até à contemporaneidade. O conflito é explicado de forma sumária e tecem-se considerações sobre o impacto que a destruição, apurada até ao momento, tem na vida quotidiana da cidade e no desenhar de um futuro mais luminoso.

Em seguida, *2. Bab Qinnisrin* apresenta-se um relato mais detalhado do sítio de projecto, esmiuçando o papel preponderante que a actividade comercial teve na implantação e crescimento dos principais eixos urbanos da cidade. Questiona-se ainda a relevância actual da sua antiga estrutura murária e consequentemente das suas portas, num aglomerado urbano que há muito as extravasou e onde a divisão outrora marcante entre a cidade e o mundo rural é cada vez mais ténue.

No capítulo *3. A Porta, Elemento de Continuidade* justifica-se a relevância de projectar para a linha de cisão urbana em contexto pós-conflito. Reflecte-se ainda sobre a natureza dos limites urbanos e sobre o modo como estes mais do que barreiras aparentemente intransponíveis, podem tornar-se pontos hierquizadores da malha urbana, configurando novos pontos de encontro e partilha.

Por último, em *4. A Escola de Artes e Ofícios* descorre-se sobre a proposta arquitectónica, evidenciando o potencial latente que a tradição manufactureira e as técnicas artesanais locais podem ter no reflorescimento citadino, finda a guerra. Sublinha-se o papel preponderante que os grandes equipamentos de usufruto público podem abarcar na reconstrução sustentável da

urbe. Reflecte-se também brevemente sobre alguns princípios basilares da Arquitectura Islâmica e o como estes podem ser a chave para o diálogo com a pré-existência, sem cair em cópias acríticas dos modelos tradicionais.



O presente documento contém 13 980 palavras e encontra-se redigido segundo o Acordo Ortográfico de 1945.





**Fig.2** | Imagem aérea de Aleppo, Síria.  
A fotografia revela a imponência da  
Citadela e a sua centralidade. [s/d]



# 1. ALEPO

A cidade

## 1.1. O território

**Leitura física** - Alepo (38° 68' 5"E; 40° 42'N) localiza-se no planalto interior (390 m de altitude), que ladeia a nordeste, a grande depressão que cinde a República Árabe da Síria de Norte a Sul<sup>1</sup> (fig.3).

A uniformidade da paisagem, pautada pela parca vegetação, é apenas interrompida pela imponente Cidadela, que ocupa uma posição central, em torno da qual se amontoa o denso casario.

O clima é peculiar – “*climat syrien*” -, sofrendo maior influência da aridez do interior da Península Arábica do que da brisa temperada do Mediterrâneo. A amplitude térmica anual é acentuada e a precipitação escassa e exclusiva do curto Inverno<sup>2</sup>.

O rio *Quweiq*, que passa a Oeste da cidade, assegura territórios férteis para a produção de frutas e vegetais nas suas margens, mas é insuficiente para garantir o abastecimento de água, especialmente durante a época estiva, em que é necessário recorrer aos lençóis freáticos subterrâneos a Norte.

As plantas autóctones do clima mediterrâneo também subsistem, como é o caso da oliveira, da figueira e da videira. Tradicionalmente, ocupavam vastas áreas nos limites da cidade e nos vilarejos rurais adjacentes. O pistacho e o algodão são plantados para exportação e o trigo para subsistência.

O território não oferece grande resistência à urbanização, já que o relevo não constitui obstáculo à expansão concêntrica da cidade e os solos rochosos oferecem calcários compactos e resistentes - os materiais de construção por excelência da região.

**Leitura sócio-cultural** - Alepo era, antes do conflito, a maior área metropolitana síria. Segundo os dados dos *Censos Sírios de 2004*, abarcava cerca de 2,1 milhões de habitantes, crescendo de ano para ano<sup>3</sup>.

1. SAUVAGET, Jean [1941] "Alepo. Essai sur le développement d'une grande ville syrienne, des origines au milieu du XIXème siècle", cap.I, p.1.

2. SAUVAGET, Jean [1941], op. cit., cap.I, p.3.

3. VON RABENAU, Burkhard [2010] "Syria Urban Development Project (SUDP): Municipality of Aleppo: LED Assessment, Damascus and Columbus", 2010.

4. SAUVAGET, Jean [1941] , op. cit.,  
cap.I, p.19.

Não é na cidade antiga, cuja população é sensivelmente a mesma desde a década de 70, mas sim nos bairros que a circundam – destino de grande parte dos migrantes rurais que afluem à cidade -, que se nota este incremento.

O comércio é o principal motor da vida urbana, responsável em tempos pelo florescimento alepino. A aridez dos terrenos sempre foi uma constante, dificultando a auto-suficiência das várias comunidades locais, que convergiam no centro do planalto, para trocar e regatear os produtos em falta<sup>4</sup>.

No entanto, a instabilidade sentida no país, já antes da guerra, e a centralização do sector bancário e industrial na capital – *Damasco* - iniciaram um período de declínio no sector, essencial à economia local, para o qual ainda não foi encontrado um plano de acção reformador.

Inserida numa lógica global, a cidade não consegue competir com os novos colossos industriais, muito devido à falta de acordos internacionais vantajosos. A dificuldade de acesso ferroviário e aéreo também é uma notável condicionante, dadas as parcas e irregulares ligações para o exterior.



### **Síria**

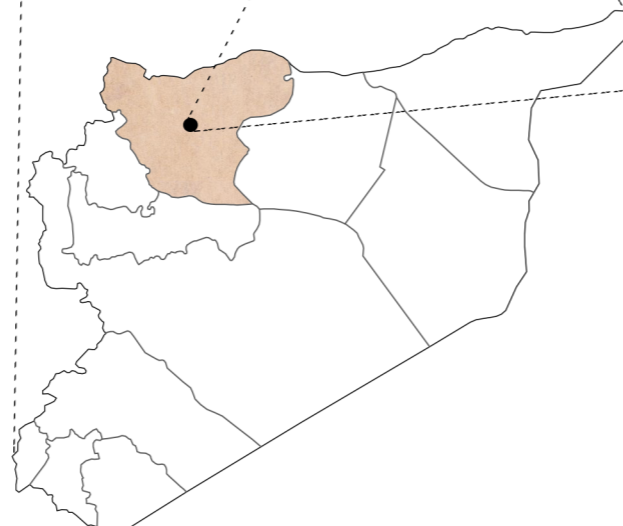
O país

Em guerra desde 2011, a Síria localiza-se no Médio Oriente, num ponto estratégico do Mar Mediterrâneo. País independente desde 1923, o governo nacional está nas mãos da família al-Assad há já várias décadas. O conflito actual já causou a morte e abandono de muitos civis, a destruição das principais cidades e a perda de património inigualável.

### **Alepo**

A cidade

Uma das maiores cidades do país - a par com Damasco, a capital -, Aleppo tem uma história milenar. Apesar de ter passado ao lado dos primeiros meses da guerra, a cidade sofreu física e humanamente com os confrontos entre as forças governamentais, os *ihadistas* e a intervenção internacional. Com a expulsão final do ISIS, a cidade está esperançosa por um futuro mais risonho.



### **Bab Qinnisrin**

A zona de intervenção

Localizada no limite sudoeste da cidade muralhada, esta zona de aterro constituía já uma zona de descontinuidade urbana antes do início da guerra. Situada nas proximidades de uma das principais portas da cidade - da qual toma o nome - estava destinada à construção de um grande parque urbano, que não chegou a ser iniciado.



**Fig.3 |** Localização da intervenção.

Do país, Síria, passando pela cidade, Aleppo, até ao bairro, Bab Qinnisrin. [s/ escala, esquema da autora]

## 1.2. Da colónia grega à contemporaneidade

### Enquadramento Histórico

“Aleppo is a city of importance and prestige. Through the ages its renown has spread, and many kings have tried to win its hand in marriage. It holds a cherished place in men’s spirits. (...) City of wonder! Its rulers come and go, they perish, but the city is never quite destroyed. She’ll find new suitors after them, and what’s to stop her marrying again? She has plenty of admirers, and she’s not hard to get, this Aleppo.”<sup>1</sup>.

in *A Description of the City of Aleppo*, Ibn Jubayr, 1184

**Pré-História** (... - 333 a.C.) - Os primeiros indícios de fixação humana na cidade de Alepo datam de cerca de 5000 a.C.

É durante a Idade do Ferro (c.1200-900 a.C.), devido à localização não muito distante das principais rotas comerciais intercontinentais e à domesticação do camelo - que permitia percursos mais longos, alcançando povoações mais longínquas da costa -, que Alepo se expande timidamente e introduz novas culturas agrícolas com o intuito de aumentar as exportações e dinamizar o comércio na cidade.

**História Clássica** (333 a.C. - 637) - Governada durante um longo período por soberanos estrangeiros, só com a chegada dos Gregos Selêucidas<sup>2</sup> (300 a.C.) é que a cidade entra finalmente num período de estabilidade sócio-política, pondo um ponto final à constante disputa entre a Mesopotâmia e o Irão.

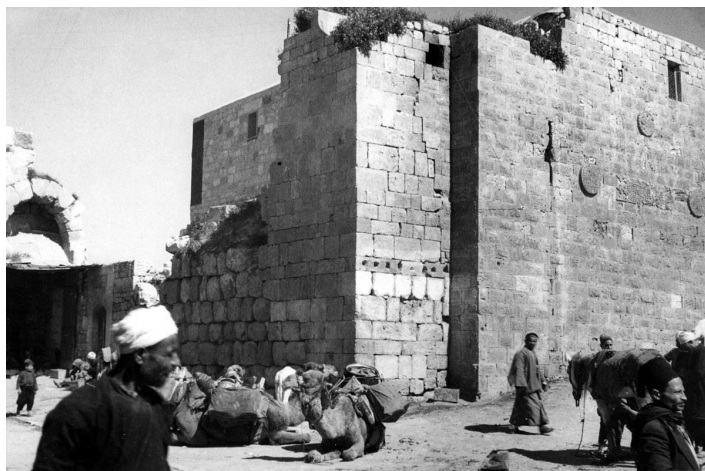
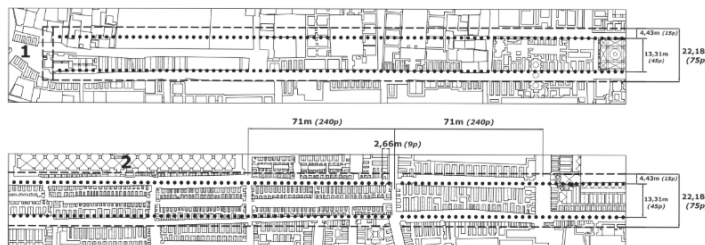
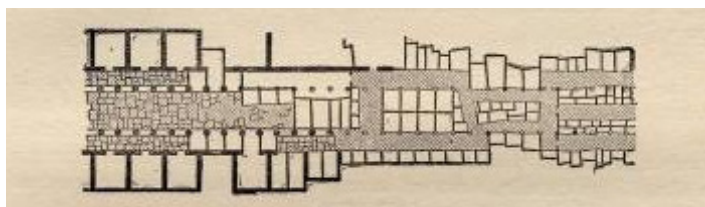
Alepo foi escolhida para a implantação de uma colónia de veteranos de guerra e rebatizada como *Beroia*<sup>3</sup>. Mais do que um padrão formal, os Gregos deixaram à cidade uma matriz civilizadora inspirada no seu modelo de *polis*. Definiram-lhe limites e construíram os primeiros quarteirões planeados – segundo uma matriz racional e a dimensão das tradicionais *insulae*<sup>4</sup> - a Oeste do assentamento primitivo (fig.4,5 e 6).

A *agora*, sobre o eixo principal, com a dimensão de duas ou três *insulae*, no coração do novo quarteirão, albergava os templos dos deuses menores e grande parte das funções públicas. Junto à costa, a cerca de 100km

1. IBN JUBAYR in BURNS, Ross [2016] “Aleppo: a History”; tradução livre: “Alepo é uma cidade de importância e prestígio. Ao longo dos tempos o seu bom nome foi sendo espanhado, e muitos reis tentaram ganhar a sua mão em casamento. Guarda um saudoso lugar no espírito dos homens. (...) Cidade de maravilha! Os seus governantes vão e vêm, mas a cidade nunca é totalmente destruída. Encontrará novos donos depois deles, e o que a impedirá de se casar novamente? Ela tem inúmeros admiradores, e não é difícil de obter, esta Alepo.”

2. BURNS, Ross [2016], op. cit.; Apesar de influenciado pelos valores democráticos atenienses, o governo da cidade era deixado em mãos locais - a uma monarquia selêucida -, o que fomentava uma saudável competição entre os centros urbanos mais próximos.

3. Ibid.; Nome de uma já existente cidade próxima de Tessalónica – hábito comum, parte da estratégia de aculturação utilizada para implementar o controlo helénico.



**Fig.4 |** Regularidade dos quarteirões do bairro *Al-Medina*. Vestígio da grelha urbana grega e romana.

**Fig.5 |** Transformação de um *souk*. Esquema revelador do processo de degradação da rígida matriz antiga e a localização topográfica dos *souks* medievais correspondentes.

**Fig.6 |** Reconstrução do eixo principal da cidade.

**Fig.7 |** *Bab al-Maqam*. [1930]

a Oeste de Alepo, fundam uma nova cidade – *Antioquia* –, entreposto estratégico com o restante Mediterrâneo, que beneficiou significativamente o desenvolvimento do comércio alepino. Após uma breve investida dos Partos (c.100 a.C.), surge uma nova potência que rapidamente engole a hegemonia helénica – Roma.

Os Romanos anexaram esta região, constituindo-a enquanto província – *Provincia Syria* - com capital em Antioquia, num quadro de expansão, garantindo a presença política e militar nos territórios mais distantes do coração do seu vasto império através de príncipes vassalos locais.

Em Alepo, a colónia grega em grelha foi apropriada e expandida. O eixo horizontal principal da cidade – o *cardus magnus*<sup>5</sup> – foi enfatizado com a construção de uma colunata de ambos os lados, resultado de um plano de embelezamento das cidades e de construção de novos edifícios públicos de apoio à população, alimentado pelas cada vez mais frequentes visitas imperiais à Ásia Menor.

Gerir um império tão vasto era, no entanto, difícil. O aparecimento de uma nova fé – o Cristianismo –, a que rapidamente Oriente Médio se converteu - incompatível com o politeísmo imperial - e as investidas de uma nova dinastia persa – os Partos Sassânidas (224) – motivaram a criação de uma nova capital romana a Oriente – Constantinopla - sobre a grega Bizâncio com o Imperador Constantino (330) e a cisão do império em dois sectores: o Ocidental e o Oriental (395). Não chegava, contudo, ao fim o período de supremacia cultural helénica, apesar do não esmorecimento da forte matriz cultural semita, isto é, aramaica de Alepo.

**Período Omíada – Abássida - Aiúbida (661 -1260)** - A entrada dos conquistadores islâmicos em Alepo (637) – vindos da Península Arábica, na sua maioria de origens nómadas tribais<sup>6</sup> - foi pacífica e consta ter passado despercebida. A primeira dinastia califal árabe – os Omíadas<sup>7</sup> – (661) dominou rapidamente uma vasta área que ia desde Espanha até à Ásia Central. Em Alepo, são construídos os primeiros grandes edifícios de índole islâmi-

4. Ibid.; 114 x 47,2m – no total o assentamento nunca excedeu os 550m (Norte-Sul) x 780m (Este-Oeste).

5. Ibid.; Este eixo, com cerca de 25 metros de largura - por contraste com as ruas gregas originais, que não ultrapassavam os 5 metros de largura – contava com uma via central principal destinada à circulação de veículos de tracção animal, ladeada por vias secundárias cobertas destinadas à circulação pedestre e à actividade comercial.

6. Ibid.; Sabe-se que se estabeleceram primeiramente em *Qinnisrin* – conhecida por *Chalcis* pelos Gregos e Romanos – alguns quilómetros a Sul de Alepo.

7. Ibid.; Os Omíadas (661-750) foram uma dinastia califal com capital em Damasco, no Sul da actual Síria.

8. Ibid.; i.e. rua comercial coberta.

9. Ibid.; Os Abássidas (750-1299) foram uma dinastia califal com capital em Bagdade, no actual Iraque.

10. Ibid.; Decretada pelo Papa Urbano II. Milhares de europeus rumaram ao Médio Oriente com o propósito de resgatar Jerusalém aos infiéis, ajudando os Gregos Bizantinos, igualmente preocupados com a manutenção da sua capital – Constantinopla – e dos portos do Mediterrâneo, como era o caso de Antioquia.

11. Ibid.; i.e. escolas corânicas.

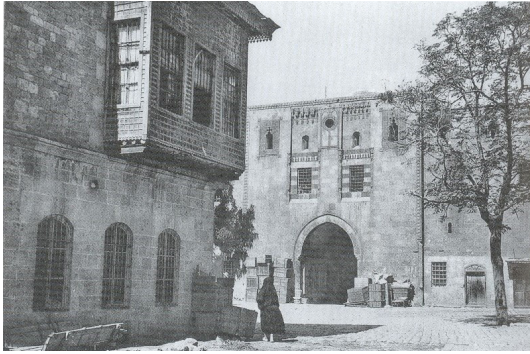
12. Ibid.; Também conhecida por Porta de Damasco, por marcar a partida e a chegada do caminho que levava à cidade homónima.

13. Ibid.; i.e. Porta de Qinnisrin.

ca – como é o caso da Grande Mesquita de Alepo (715). O tecido urbano geométrico clássico densificou-se. O *cardus maximus* deu origem a um *souk<sup>8</sup> duplo*, e mais tarde a um *souk triplo*. A fragmentação urbana informal deveu-se não a uma tentativa premeditada de esbater a memória dos anteriores poderes, mas a um período de crise e à queda das estruturas de poder local, o que dificultou a manutenção do legado arquitectónico clássico. Com a chegada dos Abássidas<sup>9</sup> (800), Alepo tornou-se ainda mais secundária, dada a distância ao centro do poder. A constante redefinição de fronteiras, motivada pelo duradouro conflito entre Árabes e Bizantinos, votou a cidade a anos de instabilidade.

Alepo sobreviveu como pôde à Primeira Cruzada<sup>10</sup> (1095), não sendo capaz de oferecer verdadeira resistência. O domínio Zengida muçulmano (1127-1174), que sucedeu aos Turcos Seljúcidas responsáveis pela subjugação abássida (1055), retirou Alepo da sombra. Iniciou-se um período próspero, que fez florescer a cidade e ficou responsável pela sua consagração enquanto lendário entreposto comercial.

O intuito dos Zengidas era unir todo o mundo islâmico sob um mesmo governo. O seu primeiro chefe, Nur-al-Din (r.1146-1174), foi um construtor entusiasta, fomentando o comércio e o artesanato. Saladino (r.1174-1193), o seu sucessor, dotou Alepo de novas mesquitas e madrasas<sup>11</sup>, dos primeiros hospitais e alargou a estrutura defensiva da cidade para Sudeste (*Bab Al-Maqam*<sup>12</sup>). Al-Zahir Ghazi (r.1193-1216) fomentou o comércio internacional através do controlo do porto de Latakia e do estreitamento de relações com outras cidades portuárias tais como Génova e Trieste. Continuou, também, a consolidação da estrutura defensiva da cidade – que entretanto já tinha crescido para fora dos limites iniciais -, melhorando a cintura muralhada em torno da Cidadela, aumentando a cintura externa para Sudoeste e reconstruindo as portas já existentes (entre as quais *Bab Qinnisrin*<sup>13</sup>) (fig.7).



**Fig.8 | Khan al-Wazir.** Aleppo tinha cerca de cinquenta *khans*, onde os mercadores viviam e trabalhavam. Construído em 1682, o *khan al-Wazir* era um dos maiores da cidade.

**Fig.9 |** Novos quarteirões residenciais fora da cidade. Estes foram construídos imediatamente após a 1ª Guerra Mundial, em consonância com o estilo arquitectónico implementado pelos Otomanos nas décadas precedentes.

**Fig.10 |** Levantamento da cidade de Aleppo [1778. C. Niebuler]

14. Ibid.; Os Mongóis foram um povo invasor proveniente da Ásia Central.

15. Ibid.; Os Mamelucos, originalmente soldados-escravos turcos, pertencentes à milícia egípcia, formaram uma casta militar.

16. Ibid.; i.e. casas-escritório, com espaço para o armazenamento de bens comerciais; organizadas em torno de um pátio, onde viviam os emissários estrangeiros na cidade.

17. Ibid.; Os Otomanos, originários da actual Turquia, muçulmanos, controlaram um vasto império em torno do Mediterrâneo durante vários séculos. Mantiveram o controlo da cidade de Alepo entre 1516-1916.

**Período Mameluco (1260-1516)** – A estabilidade aiúbida termina com a chegada dos Mongóis<sup>14</sup> a Alepo (1260), comandados por Genghiz Khan, imediatamente após terem erradicado o poder abássida e a sua cidade capital, Bagdade (1258). Montados a cavalo, progrediam rapidamente, o que lhes dava grande vantagem bélica.

A cidade foi brutalmente destruída e a população aterrorizada, perseguida e muitas vezes morta, mas estes optaram por não implementar um governo duradouro, subjugando o mecanismo governamental existente. A sua reconstrução foi feita já sobre a alçada dos Mamelucos<sup>15</sup>, mercenários do antigo exército aiúbida que, aproveitando uma ausência do exército mongol, reclamaram para si os territórios do antigo império, fundando uma nova dinastia. A economia e o sistema comercial, profundamente enfraquecidos, retomaram lentamente, para o que muito contribuiu o reconhecimento europeu da posição estratégica de Alepo.

Os primeiros a chegar foram os venezianos, a que se seguiram pouco mais tarde outras potências europeias. Ocuparam áreas do principal eixo comercial – *souk al-Medina* -, onde se estabeleceram em *khans*<sup>16</sup> (fig.8).

**Período Otomano (1516-1916)** – Os Otomanos<sup>17</sup>, aproveitando a distração mameluca com quezílias familiares internas, surgem na cidade, tomando-a (1516). O primeiro século de dominação foi pautado pela estabilidade e prosperidade económica – *pax ottomana* (fig.9 e 10).

Alepo enriqueceu, graças maioritariamente ao comércio com o Irão e com a Índia, ocupando um honroso lugar na geopolítica imperial. O modelo de governação descentralizado utilizado pelos Turcos no Levante, encabeçado por governadores desconhecedores da língua e dos costumes locais, mantinha-se graças aos grandes proprietários locais, próximos do poder, que cobravam impostos à população, custeando os serviços e o exército.

A prosperidade económica chamou à atenção de outras potências europeias, que para ali enviaram cônsules - caso dos Ingleses e dos Holandeses -, que se

vieram juntar à já antiga presença veneziana, contribuindo para o crescente cosmopolitismo da cidade e para o favorecimento das elites cristãs, que mesmo antes do seu aparecimento já dominavam o sector comercial.

No entanto, o declínio da antiga Rota da Seda<sup>18</sup> e a crescente corrupção dos governadores otomanos locais, forçou os habitantes a investir em culturas agrícolas valorizadas nos mercados europeus, como era o caso do algodão e do tabaco, para subsistir. A Aleppo, acorreram, desesperados, muitos camponeses de áreas rurais adjacentes, que fizeram crescer a população urbana, maioritariamente absorvida pela criação de novos bairros extramuros – para onde se deslocaram também as indústrias pesadas e o comércio caravaneiro grossista (fig.9).

Perante tal situação, é difícil compreender como é que o domínio turco perdurou tanto, mas é importante lembrar que os árabes os viam como “protectores da fé”, já que garantiam o domínio islâmico das cidades sagradas mais a Sul. Aleppo esteve sob um breve período de dominação egípcia (1831-40) - onde surgiram os primeiros sinais de revolta - conhecido por francas melhorias nas infraestruturas, mas com ajuda europeia, os Turcos conseguiram voltar à cidade.

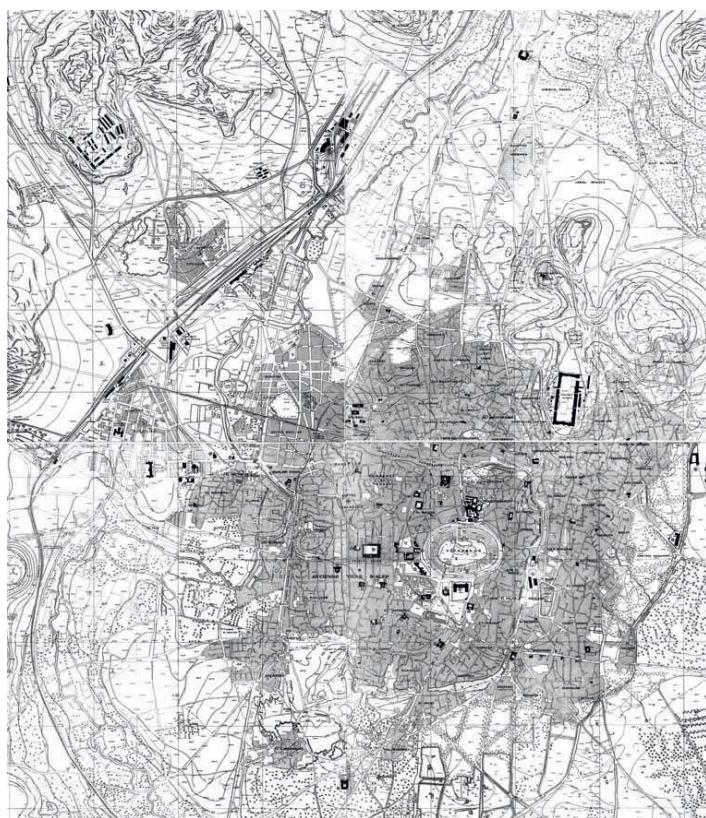
Contudo, a revolta encabeçada pelos Jovens Turcos<sup>19</sup> contra o sultão (1908) e a clara afiliação turca à Alemanha (fig.11), bem como a chegada da guerra (1914), despertaram o adormecido nacionalismo árabe e precipitaram o fim de três séculos de hegemonia otomana.

A 1ª. Guerra Mundial (1914-1918) devastou a Síria, não sendo Aleppo excepção. O antigo império divide-se: de um lado proclamou-se a nova República da Turquia (1922), do outro, o território conhecido como Arabistão ficou entregue à agenda ocidental. O sonho de um governo turco-árabe nos antigos domínios otomanos estava longe do horizonte e os fortes interesses coloniais europeus, alicerçados em tratados assinados durante o período da guerra<sup>20</sup>, manifestaram a sua ganância.

18. UNESCO, “Silk Route - Dialogue, Diversity and Development.”, “The historic Silk Roads were a network of trade routes across land and sea that spanned much of the globe from prehistoric times until the present day, along which people of many different cultures, religions and languages met, exchanged ideas and influenced each other.”

19. BURNS, Ross [2016], op. cit.; Os Jovens Turcos eram um conjunto de grupos militares, maioritariamente constituídos por estudantes, descontentes com o sultanato otomano.

20. O Acordo Sykes-Picot (1916), assinado entre a França e a Inglaterra, que dividia o Levante em áreas de influência - francesa e inglesa - e a Declaração de Balfour (1917), que previa a criação de uma nação para os Judeus, na área de influência britânica, ignorando por completo os interesses da população islâmica local.



**Fig.11** | Construção da linha ferroviária de Bagdade. Com a ajuda económica alemã. [c.1900]

**Fig.12** | A cidade cresce com as migrações internas. [1984]

**Fig.13** | Mapa da cidade de Aleppo. Nota-se o peso das infra-estruturas construídas no início do século XX, sob jugo francês. [1940]

**Período do Protectorado (1920-1946)** – Sob a alçada francesa, surge uma nova entidade – a Síria (1923), com base nos limites geográficos romanos e omíadas (fig.13). Os Turcos, perdedores, mais preocupados com o estabelecimento de novas fronteiras vantajosas para a sua recém-independente nação, entregaram as antigas províncias árabes à sua própria sorte.

A história de Aleppo não foi tida em particular consideração nestes jogos políticos. A cidade foi forçada a redescobrir-se numa nova lógica nacional, estranha aos seus habitantes. A sua situação ficou ainda mais fragilizada com a cedência de grande parte da sua área de influência a Norte e do seu porto tradicional – Antioquia – (1938) à recém-formada Turquia. O protectorado francês negou o crescimento de um sentimento nacionalista árabe, não tomando quaisquer medidas no sentido de fomentar uma passagem progressiva para um eminente sistema democrático. Com a invasão de França pelos Nazis (1940), este termina abruptamente e a Síria é declarada território independente.

**Período Contemporâneo (1946-...)** – Aleppo, fortemente abalada pelas decisões do pós-guerra, conheceu uma tímida retoma, com um reinvestimento no sector têxtil (anos 50), devido a uma nova vaga de popularidade do algodão - e com a construção de uma nova barragem no Eufrates, que veio diminuir a incerteza produtiva dos campos em redor da cidade (anos 80) (fig.12).

A formação do Partido Socialista Árabe Baath (1952), assente sobre a ideologia europeia dos anos 20 e 30, com uma proposta secular para o país, abre caminho para o golpe de estado que colocou Hafez al-Assad (g.1971-2000) no poder, logo após um breve período de unificação com o Egipto - República Árabe Unida (1958-1961).

Apesar do inicial investimento nas áreas rurais, tornou-se rapidamente claro o carácter clubístico do partido, francamente corrupto, ao promover um favorecimento dos seus membros e das minorias étnicas e religiosas que o tinham ajudado a chegar ao poder. Tornou-se um verdadeiro monopólio da família Assad (1969) – alauíta (um ramo do xiismo) -, em nada em comunhão

com a maioria sunita que habita no país.

Alepo manteve-se sempre um pouco à margem destas questões, esforçando-se por manter os seus traços identitários, para o que muito contribuiu a protecção dos seus principais marcos arquitectónicos, o incentivo à reapropriação de edifícios históricos vazios e a preservação da tradição e lojas artesanais.

A transição do poder de pai para filho (2000) foi vista pelos sírios com bons olhos. Bashar al-Assad (g.2000 -...) trazia uma nova visão e novas estratégias para o desenvolvimento do país, fortemente alicerçadas num ambicioso programa de industrialização e no fomento do turismo - o terceiro sector económico mais significativo antes do início da guerra, logo atrás das divisas e do petróleo e derivados.



**período grego**  
cerca de 300 a.C.

A - o "teli"; B - a cidadela; C - a agora;

**período romano**  
cerca de 200 d.C.

A - al-Astaris; B - Bahsita; C - Djalloum; D - Farafra;  
E - catedral e palácio episcopal

**período omíada-abássida**  
fim do século XI

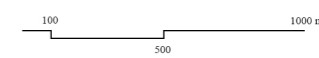
A - a mesquita primitiva; B - a Grande Mesquita Omíada; C - a "mousalla"; D - o mercado de frutas e legumes; E - a cidadela do chérife; F - o palácio real; G e H - as mesquitas da cidadela; I - a derivação do Qoueiq perto do Palácio de Saif ad-Daula; 1 - a Pequena Porta; 2 - a Porta do Iraque; 3 - a Porta de Qlnasrin; 4 - a Porta de Antioquia; 5 - a Porta dos Jardins; 6 - a Porta dos Judeus; 7 - a Porta dos Quarenta

**período mameluco**  
meados do século XIII

A - o Palácio Real; B - a Grande Mesquita da cidadela; C - o Hipódromo da cidadela; D - o Palácio da Justiça; E - a Grande Praça; F - o bairro turco; G - o bairro turcomano; H - as oficinas de sabão; I - as fábricas de curtumes; J - as oficinas de cerâmica; K - o bairro judeu; 1 - a Porta da Entrega; 2 - a Porta da Felicidade; 3 - a Porta de Maqâm; 4 - a Porta de Neirab; 5 - a Porta do Fosso de Yaloudj; 6 - a Porta da Canalização

**período otomano**  
fim do século XIX

A - o "khan" da Douane; B - o "khan" dos Venezianos; C - o "khan" dos Franceses; D - a Igreja dos Franciscanos; E - a fábrica de curtumes; F - o quarteirão cristão; G - o mercado de Sexta-feira; H - o mercado dos Frangos; I - o bairro judeu; J - o mercado de Domingo; L - o palácio do Sultão otomano; M - a "pequena" Agha; N - os Baggâra; O - os Balayeurs; P - os Châker-agma; R - os Char'ellu; Q - o entreposto do gelo; S - os "guias"; T - a Pequena Praça; U - os fabricantes de pentes; V - os Qâdi-Askar; X - as gentes de Soukhné; Z - os Tártaros



**Fig.14** | Evolução da malha urbana da cidade. [escala gráfica; esquema adaptado pela autora]

### 1.3. A planificação de uma matriz informal

#### Desenvolvimento Urbano

O progressivo isolamento da cidade de Aleppo, iniciado com a definição de novas fronteiras pós-1ª Guerra Mundial, levou, progressivamente, a um estado de quase auto-gestão regional com o passar do tempo, digno de cidade-estado grega.

O agravamento deste problema fez com que o, em tempos, grande pólo cosmopolita, alimentado pelas constantes partidas e chegadas dos mercadores da seda, se fechasse sobre si, ignorando as grandes assimetrias urbanas que já pautavam os desacatos na cidade antes mesmo do início do conflito.

O protectorado francês e os seus megalómanos planos urbanos, convencidos dos seus valores de interesse e propósito universais, revelaram-se incapazes de compatibilizar a descontinuidade entre a cidade antiga e os novos aglomerados extramuros, que começaram a surgir durante o período otomano.

O planeamento moderno chegou a Aleppo com a criação do *Service d'Urbanisme* (1925), com o intuito de mapear a cidade e a região – missão que ficou concluída em 1930. Paralelamente, o *Service d'Antiquités*, coordenado por Jean Sauvaget, fez o primeiro levantamento dos edifícios de interesse histórico.

A década seguinte assistiu ao desenvolvimento dos primeiros planos urbanos que, mais do que estudar e compreender a cidade, visavam o seu alargamento, tendo por base os modelos europeus e os princípios estabelecidos na *Charte d'Athènes* (1925): *Plan d'aménagement, d'embellissement et d'extension d'Alep*, de R. Danger (1931) e *Projet d'Urbanisme*, de Michel Écochard (1938).

Ambos partiam da implementação de uma nova grelha estradal geométrica, impondo a lógica dos novos bairros modernistas à cidade antiga. Profundamente radicais, nunca chegaram a ser realizados, pois foram francamente contestados pelos habitantes do centro histórico, já que obrigavam à expropriação de áreas significativas de terreno e o tráfego automóvel não era, à



**Fig. 15** | Plano Gutton. Previa a extensão da cidade maioritariamente para Norte e Oeste. [1952]



**Fig. 16** | Demolição do quarteirão de *Bab al-Faraj, Bahsita et Bandara*. No seguimento do Plano Banshoya. [1979]



**Fig. 17** | Restauro da Cidadela. Integrado no projecto da UNESCO de protecção da cidade histórica classificada. [2004]

altura, significativo para justificar a construção de vias tão megalómanas.

Na década de 50, com o objectivo de fomentar o comércio, o *Plan Gutton*, de André Gutton (1954), (fig.15) propunha novamente alterações significativas ao tecido urbano histórico, através da construção de duas grandes vias que atravessariam a cidade no sentido este-oeste (“do mar até ao deserto”) e de uma via circular interna, que permitiria o acesso automóvel directo aos *khans* e *souks* da *Medina*. O *Plan Banshoya*, de Gyoji Banshoya (1969), apresenta a primeira tentativa de compatibilização entre o novo sistema viário proposto no plano anterior e as circulações existentes, mas revelou-se insuficiente pela falta de um plano para a cidade muralhada – por oposição à ênfase dada aos novos bairros planeados que a circundariam, reveladora da desvalorização em relação ao tecido de matriz islâmica.

Finda a dominação europeia, grande parte da população recém-urbana vivia segregada (anos 50) em zonas periféricas, de génese maioritariamente informal, resultado claro da estratégia de desenvolvimento adoptada que defendia a renúncia à leitura histórica.

Nos anos 70, a classe média-alta mudou-se para os novos bairros de matriz europeia - modernos “contentores humanos” circundantes - propagandeados como uma vontade benévola e desinteressada de aumentar a insuficiente oferta habitacional, mas que, na verdade, mascaravam selváticos interesses capitalistas e um sonho bem vendido de valores importados ditos progressistas, profundamente incompatíveis com os princípios que regiam o equilíbrio atingido pelo urbanismo vernacular.

A cidade antiga, abandonada à sua sorte, foi massivamente ocupada por migrantes, na sua maioria provenientes de áreas rurais, economicamente incapazes de a manterem e de substituírem as infraestruturas datadas de modo a terem condições de vida condignas.

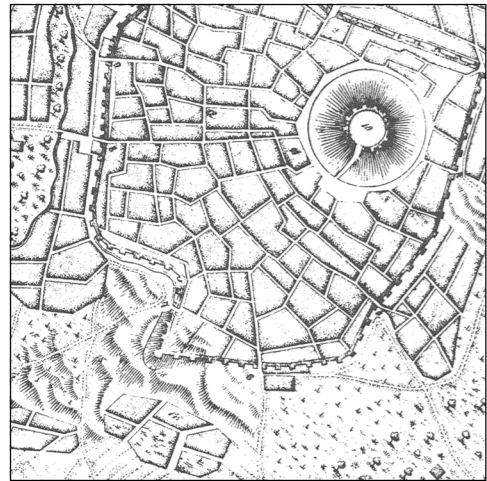
A demolição de grandes áreas de tecido urbano tradicional (fig.16) e a construção de novos edifícios descontextualizados e visualmente agressivos no

seio da *Medina*, chamaram a atenção nacional e internacional para a importância de desenvolver um novo plano estratégico que não só regresse o crescimento urbano retalhado como também garantisse a conservação do rico património urbano vernacular.

Na década de 80, a Antiga Cidade de Alepo foi incluída na Lista de Património Mundial pela UNESCO (1986), após primeiramente ter sido considerada Monumento Histórico Nacional pelo Ministério da Cultura Sírio, fruto do trabalho de sensibilização e apelo à comunidade internacional encabeçado por arquitectos nacionais e internacionais, destacando-se Adli Quesdi e Stefano Bianca, respectivamente.

Paralelamente, é feito um estudo que visa interpretar a actuação anterior e propor novas linhas-guia para o futuro – *The Conservation of the Old City of Aleppo*, da UNESCO (1980) (fig.17). O desenvolvimento dos pressupostos deste documento tem vindo a ser posto em prática pelo Estado Sírio em cooperação com a *Technical Cooperation Corporation* (GTZ) – subjugada ao Estado Alemão – mas à data do início da guerra, muito havia ainda por fazer.

Não deixa, assim, de ser curioso que a população rural em torno das cidades tenha sido um dos principais estaleiros onde o Estado Islâmico se foi munir de material humano plástico e esmorecido para esta guerra. Ao fugirem da miséria e da criminalidade impune vividas no campo, muitos foram os que se apinharam nestas *banlieues* desregradas e tristes (fig.14 e 18), juntando-se à revolta iminente, que pode ser lida mais do que tudo como uma extensão da revolta interior e incompreensão experimentadas diariamente.



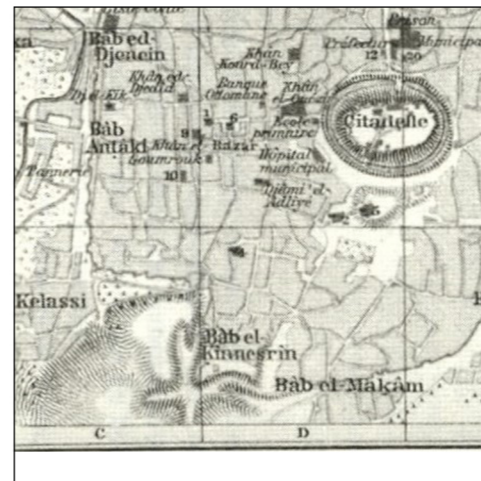
1778



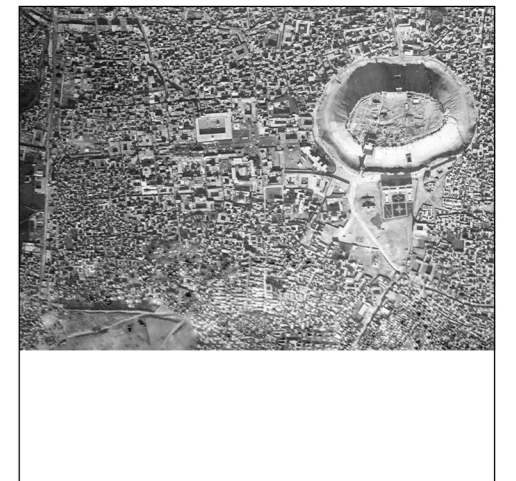
1839



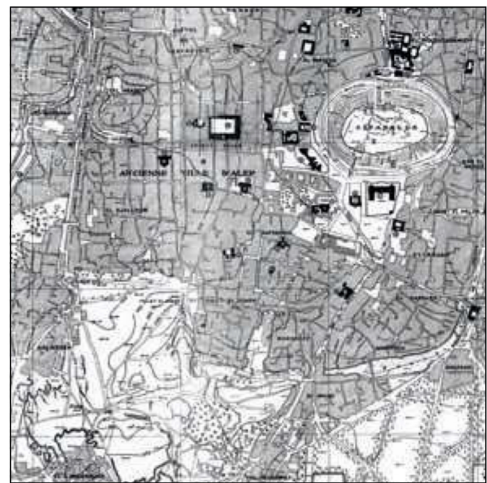
1900



1930



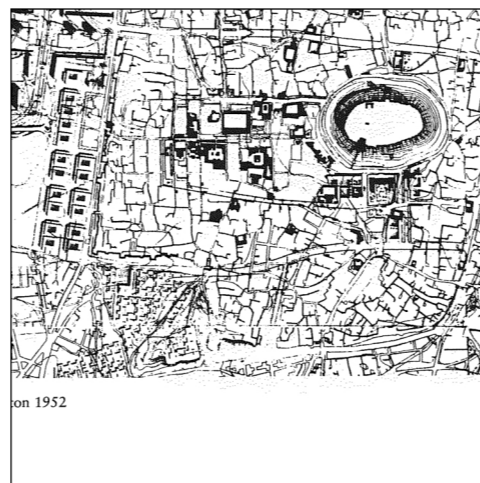
1930



1930

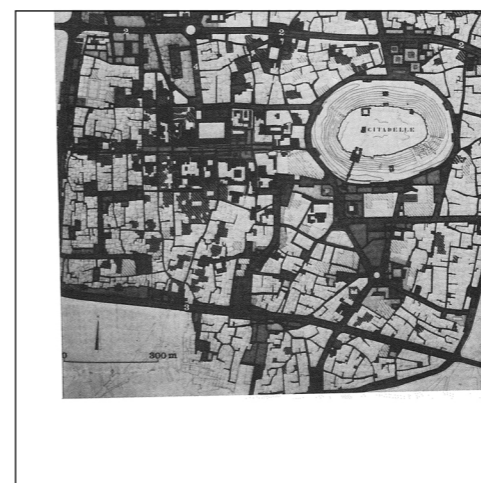


1940



on 1952

1952 [Proposta]



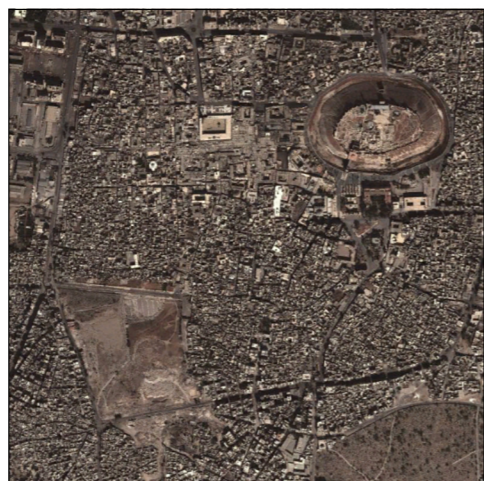
1974 [Proposta]



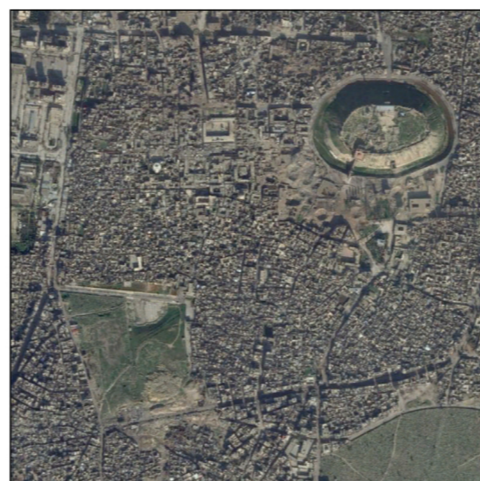
2004



2009



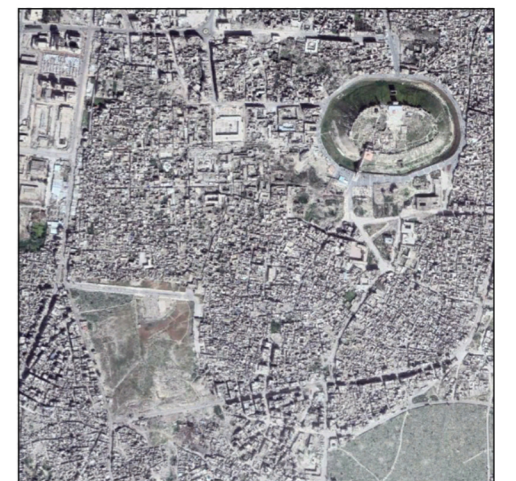
2012



2014



2016



2019

Fig.18

#### 1.4. O conflito, a destruição e o futuro

Olhando a História, compreende-se a relação interdependente, tantas vezes paradoxal, entre a cidade e a guerra. As primeiras eram desenhadas em função das segundas – pense-se nas muralhas, fortificações e restantes construções defensivas -, que por sua vez obrigavam ao constante redesenhar das primeiras, num ciclo aparentemente destinado a repetir-se *ad eternum*<sup>21</sup>.

Maquiavel (1469-1527) afirma em *O Príncipe* – um dos textos fundadores da administração política ocidental – que, sendo as cidades “um centro de liberdade, de modo a dominá-las e a mantê-las sob controlo, é paradoxalmente necessário destruí-las”<sup>22</sup>.

Actualmente, num mundo onde as fronteiras estão estabelecidas e defendidas por acordos transnacionais é difícil justificar a necessidade desta destruição salvífica<sup>23</sup>, tendo toda esta destruição infligida sobre os centros urbanos sido elevada a crime atroz e injustificado – o *urbicídio* –, entendido como “destruição e eliminação intencional da memória colectiva ‘feita de pedra’”<sup>24</sup>.

Hoje, a guerra adquire maioritariamente contornos de luta pela supremacia cultural, tendo-se assistido, desde o fim da Guerra Fria (1991), a uma transição da predominância do número de conflitos armados das quezílias internacionais, ao serviço de valores patrióticos, para as guerrilhas internas, entre grupos distintos, que partilham um mesmo território<sup>25</sup>.

Isto é, a guerra passou a ser, mais do que uma luta pelo poderio de um território mais extenso, uma ferramenta de erradicação da pluralidade sócio-cultural. Hoje, mais do que edifícios, destrói-se a identidade do inimigo – a sua cultura – para assim o enfraquecer e subjugar – o *culturicídio*.

A cidade, enquanto manifestação física e visível de um dado património cultural, tornou-se o alvo a abater na contemporaneidade, apenas possível dada a invenção do bombardeamento aéreo de longo alcance universalizado durante a 2ª Guerra Mundial. O campo de batalha, no passado sobre as linhas de cisão - as fronteiras geo-políticas -, passou a ser a cidade, que se torna um “organismo frágil”, muito frágil<sup>26</sup>.

21. ALBRECHT, Benno in W.A.Ve. 2017 [2017], “Syria – The Making of a Future”, p.26; reflecte sobre a ciclicidade aparente entre a guerra e a paz.

22. MAQUIAVEL, Nicolau, “O Príncipe”, cap. V, in W.A.Ve 2017 [2017], op.cit., p.26.

23. Ibid.,p.26, tradução livre da citação em inglês.

24. Ibid.,p.23, tradução livre da citação em inglês.

25. CHARLESWORTH, Esther [2006] “War, Reconstruction and Design Responsibility”, p.8.

**Fig. 18** | (página anterior) Levantamento cartográfico da área de intervenção. [Esquema adaptado pela autora. Escala 1.25000]

26. Ibid., p.35

27. UNESCO, "The 1954 Hague Convention for the Protection of Cultural Property in the Event of Armed Conflict and its two [1954 and 1999] Protocols: basic texts", p.5; "being convinced that damage to cultural property belonging to any people whatsoever means damage to the cultural heritage of all mankind, since each people makes its contribution to the culture of the world".

Mas o culturicídio, o *magnum crimen* de guerra dos nossos tempos, toma contornos ainda mais obscuros, pois torna a questão global: a destruição patrimonial lesa toda a Humanidade<sup>27</sup>, atingindo-nos a todos. Quem a pratica conhece-lhe a extrema força (fig.19).

Na Síria, os primeiros sinais de revolta surgiram nas imediações de Damasco (2011). O Governo acusa grupos extremistas islâmicos de estarem contra o projecto secular do seu partido. Aleppo, inicialmente à margem durante os primeiros meses de conflito, assistiu às primeiras contendas entre o *Exército Sírio Livre* e o Governo (Julho 2012), seguidas pela entrada de grupos rebeldes terroristas que usurparam o poder e instalaram a guerra (Janeiro 2013).

É por isso que o caso de Aleppo, inserido no contexto do corrente conflito sírio, nos lembra que a discussão, a partir de agora, deverá incidir também no como voltar a erigir fisicamente a cidade dos seus escombros, não esquecendo o impacto que a destabilização sócio-cultural remanescente terá no sucesso dessa mesma reconstrução.



**Fig. 19** | Os minaretes omíadas da mesquita de Aleppo. Datados do século XI, foram destruídos apesar de protegidos pela UNESCO. Tanto o governo de Bashar Al-Assad como os civis libertários se culpam mutuamente pela sua destruição. [2013]

## 2. BAB QINNISRIN

O lugar

### 2.1. A cidade islâmica comercial

“The merchants of Old Aleppo believed on religious grounds that you are blessed by being good to your neighbours, and that you earn your place in the community - such is what true belonging consists in. This is exactly what was perpetuated by the architectural configuration: facing and adjoining shops, a shared route under one ceiling united them, and one sky above them all.”<sup>1</sup>.

in *The Battle for Home*, Marwa al-Sabouni, 2016

Observando o núcleo antigo da maioria das tradicionais cidades islâmicas, constata-se as suas enormes similitudes formais. Esta resposta unívoca à organização urbana, que resulta, curiosamente dada a sua informalidade, em modelos bastante similares e coesos<sup>2</sup> desde o Norte de África à Ásia Central<sup>3</sup>, deve-se ao rigor e detalhe com que as questões da cidade e da casa são tratadas pela religião muçulmana.

A análise cautelosa desse desenho de cidade revela que a prosperidade social e económica assenta sobretudo na actividade comercial e na indústria manufactureira. Prova disso é o *bazar*, composto por uma intrincada rede de *souks*, se situar sempre no coração da cidade juntamente com a *jami*<sup>4</sup>, revelando a união entre o poder político-religioso e o comércio.

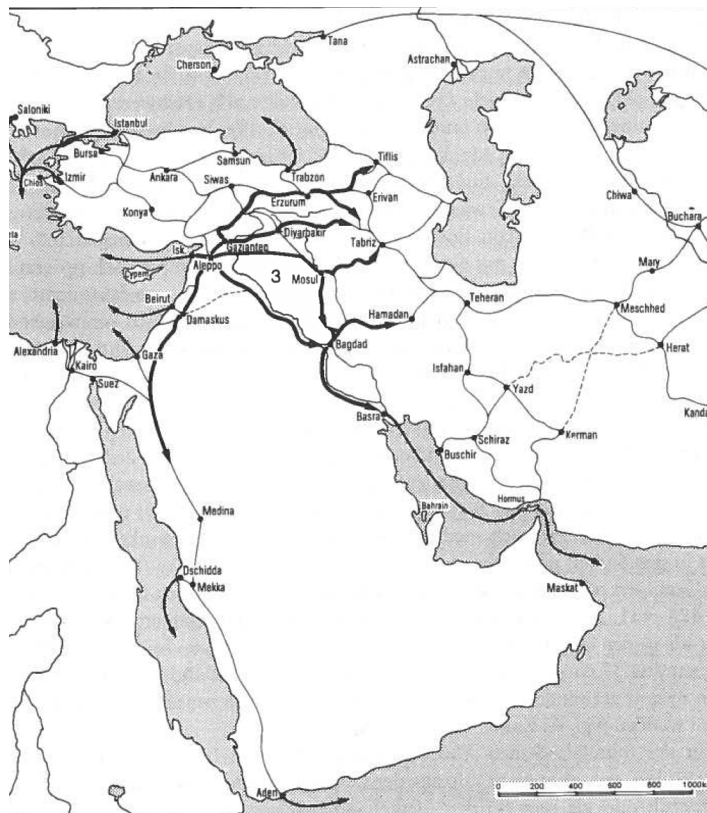
Esta rede de ruas cobertas, ora com estruturas mais leves e temporárias ora com trabalhadas cúpulas, subdivide-se em pequenas lojas que se agrupam por mester, detidas por astutos vendedores, que muitas vezes têm as suas oficinas acopladas.

Cada centro urbano não funcionava, contudo, isoladamente; era mais um entre tantos pontos de passagem num mapa de vias comerciais complexo, alimentado por rotas caravaneiras transcontinentais que transportavam matérias-primas e produtos manufacturados ao longo de vastas distâncias.

1. Op.cit., p.66; tradução livre: “Os comerciantes da cidade antiga de Alepo acreditavam, fruto das suas bases religiosas, que seriam abençoados fazendo o bem pelos vizinhos, e que se ganha um lugar na comunidade - isso é o que verdadeira pertença significa. Isto foi exactamente o que foi perpetuado pela configuração arquitectónica: lojas adjacentes, frente a frente, uma rua comum debaixo de uma única cobertura que as une e só céu por cima de tudo isto.”

2. MORTADA, Hisham [2003] “Traditional Islamic Principles of Built Environment”, p.1.

3. MICHELL, George [1995] “Architecture of the Islamic World – Its History and Social Meaning”, p.7; “Islamic architecture is more than just a spectacle of domes (...) it is a true expression of a rich culture that has unified countries as far apart as Spain and Java, Central Asia and Sub-saharan Africa.”



**Fig.20** | Aleppo no panorama das rotas comerciais terrestres. Apesar de não se localizar sobre os eixos principais, motivava frequentemente desvios, dadas as suas estreitas relações com o porto de Antioquia.

**Fig.21** | Caravanas perto de Aleppo. Os animais carregados circulam em eixo, percorrendo longas distâncias. [c.1930]

Os muçulmanos herdaram algumas das rotas das civilizações que os antecederam. As caravanas, chegadas a uma nova cidade, albergavam-se provisoriamente nos *caravenserais*<sup>5</sup> (fig.21) junto das portas citadinas. Aí fazia-se grande parte da venda grossista, mas eram frequentes as idas ao centro da cidade para fechar acordo com intermediários locais, sediados nos seus *khans*.<sup>6</sup>

Alepo beneficiou durante muito tempo da sua posição estratégica entre Oriente e Ocidente, no caminho terrestre entre a Ásia Central e os portos do Mediterrâneo, que davam acesso à Europa (fig.20). Cresceu ao longo do eixos que marcam o percurso entre as principais entradas na cidade e o *souk* central.

A quebra na produção das sedas persas e a oferta crescente das rotas marítimas de longo curso, mais rápidas e eficientes (meados do século XVIII), alteraram para sempre as regras do comércio global assentes desde a Antiguidade, menorizando o valor da posição geográfica alepina, que se viu forçada a investir todas as suas cartas no comércio interno.

A centralização do sector bancário e industrial na capital (Damasco) com a constituição da Síria moderna (século XX) e o sistema de transportes ineficaz de que a cidade dispõe (rede viária, ferroviária e ligações áreas internas e externas) dificultam o futuro económico alepino inserido numa lógica global<sup>7</sup>.

Para além disso, a mão-de-obra é pouco qualificada<sup>8</sup> e sofre de um grande desequilíbrio demográfico, já que a participação feminina é residual<sup>9</sup> e quase metade população tem menos de 15 anos.

No entanto, o baixo custo de vida, a popularidade internacional da manufactura local e o espírito empreendedor<sup>10</sup> podem ajudar à recuperação económica pós-conflito. Compreender a alteração da procura é essencial para adaptar a oferta, criando sinergias entre o saber prático dos mais velhos e as jovens gerações, em busca de oportunidades que façam jus à sua formação académica.

4. Ibid., p.95; i.e. mesquita de maiores dimensões, onde se realizam as celebrações de Sexta-feira.

5. DICKIE, James in MICHELL, George [1995], op.cit., p.80; alojamento temporário no limite da cidade. "Muslim civilization has always been mobile. (...) The wealth of cities depended upon the transport of goods over vast distances."

6. SIMS, Eleanor in MICHELL, George [1995], op.cit.,p.100.

7. VON RABENAU [2010], op.cit.,p.1.

8. Ibid., p.2. Apenas 7,7% da população com mais de 15 anos concluiu o ensino secundário ou superior.

9. Ibid., p.2. Apenas 5% das mulheres em idade activa estão inseridas no mercado de trabalho.

10. Ibid., p.2. Mais de 78% dos negócios em Alepo são não-públicos.

## 2.2. A entrada sudoeste: do controlo da urbe ao enclave citadino

### Enquadramento Histórico

“En direction du Sud, entre les steppes hostiles - sans eau et soumises à la perpétuelle menace des pillards nomades - et la montagne impraticable, le plateau syrien forme un large couloir dépourvu d'obstacles (...)”<sup>11</sup>.

in *Alep. Essai sur le développement d'une grande ville syrienne, des origines au milieu du XIXème siècle*, Jean Sauvaget, 1941

11. Op.cit., cap.I, p.18. Tradução livre: “Para Sul, entre as estepes hostis - sem água e sujeitas à ameaça constante dos saqueadores nómadas - e a montanha impraticável, o planalto sírio forma um amplo corredor sem obstáculos(...)”

12. TABBAA, Yasser in BURNS, Ross [2016], op.cit.

13. DICKIE, James in MICHELL, George [1995], op.cit., p.68.

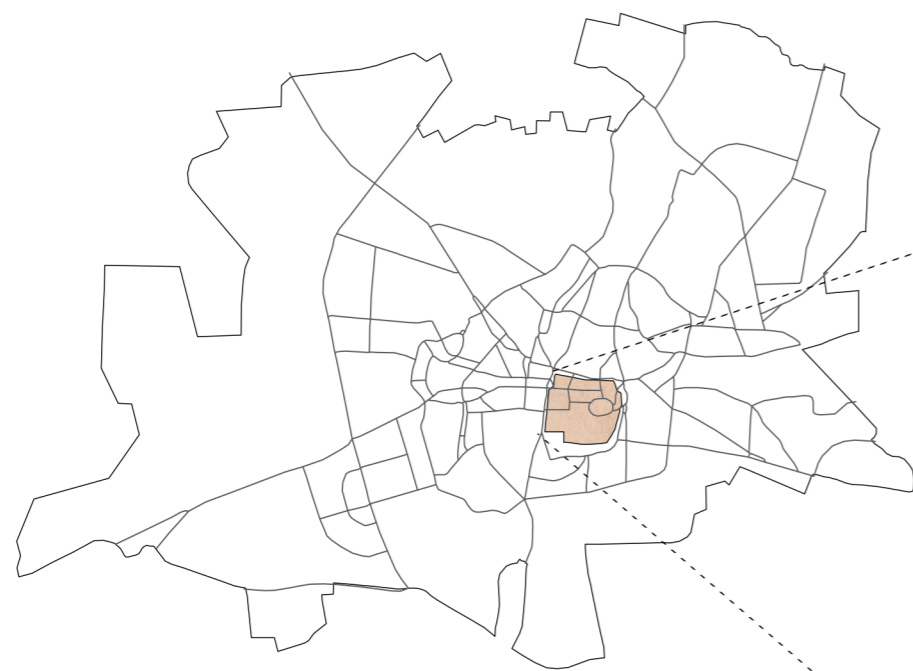
**Bab Qinnisrin - Bab Qinnisrin**, a porta sudoeste da cidade, foi erigida pelo governador hamdanida Sayf al-Dawla (século X), durante a dominação abássida. Era, à altura da sua construção, a porta mais meridional da cidade, construída sobre a primeira linha de fortificações de origem romana (fig.22).

Fazia a ligação com a cidade de *Qinnisrin* – fundada pelos Romanos com o nome de *Chalcis* -, que actualmente não é mais que uma inexpressiva povoação periférica. Durante o século XIII, aquando da grande iniciativa aiúbida de fortalecimento do sistema defensivo da cidade, foi reconstruída no mesmo local (1256), sob o governo de Al-Nasir Yusuf II<sup>12</sup>.

Era composta por duas torres maciças de diferente altura. A torre oeste – com 8 metros – tinha funções meramente defensivas, enquanto que a torre este – com 26 metros – abarcava o canal que fazia o controlo das entradas e saídas na cidade (fig.23).

Aos nossos dias, chegou apenas a torre este, “em cotovelo”, o modelo mais frequente por motivos defensivos<sup>13</sup>. É constituída por um portal em forma de arco ogival alto, que conduz a uma nave tripartida com uma câmara intermédia abobadada com arcos quebrados. Esta primeira câmara conduz a outra, similar, que fazia a ligação à desaparecida torre oeste através de um corredor que se estendia até à muralha. Pelo contrário, seguindo em frente e percorrendo outras duas antecâmaras, entra-se na cidade.

Acoplado à porta, existe também um edifício quadrado notório, em pátio, em tempos, uma fábrica de seda (*khan Fansa*), que incluía também “um poço de água, uma cisterna, um moinho de azeite



### Área metropolitana de Aleppo

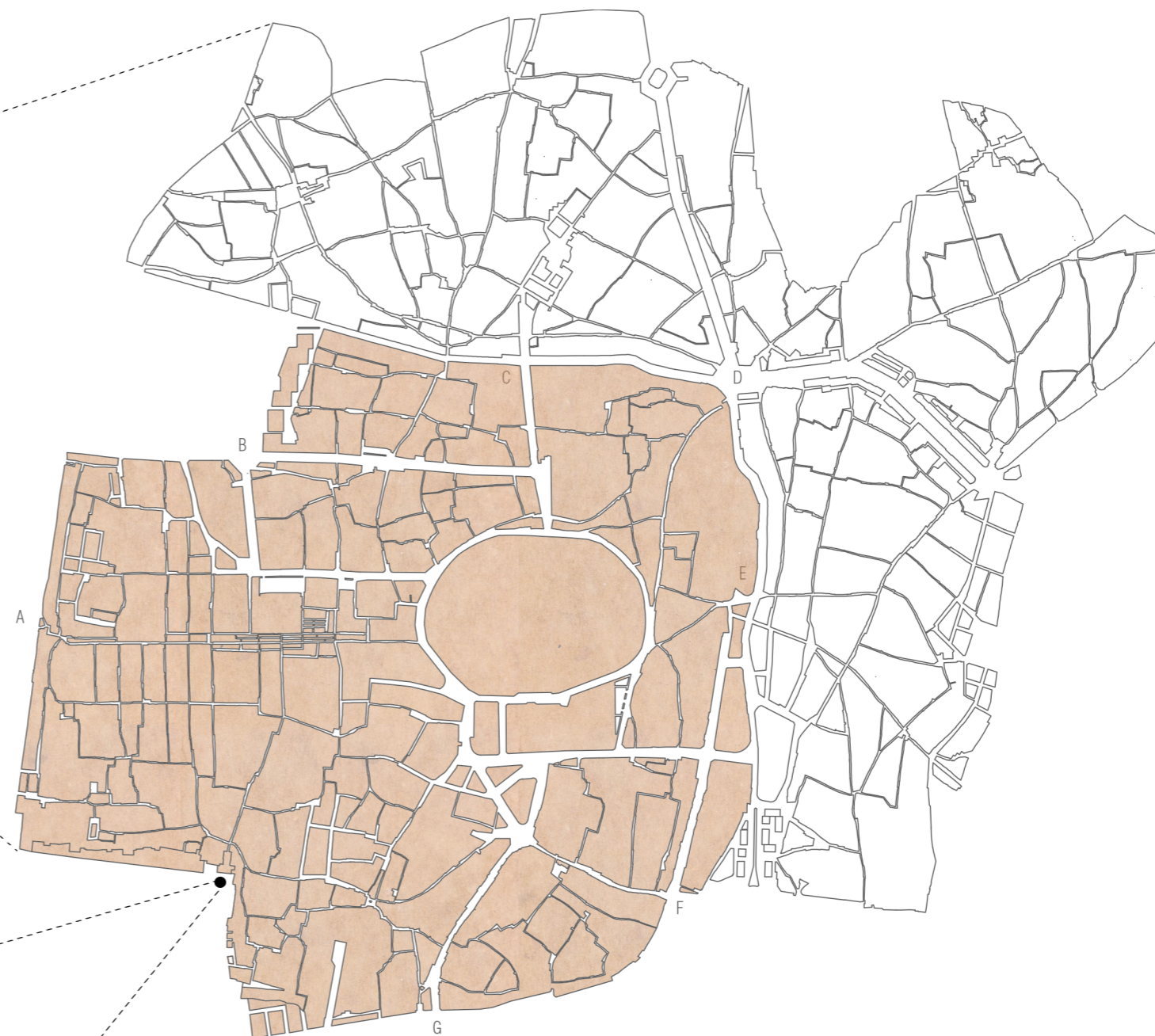
A região

A cidade histórica, contida no que resta das muralhas medievais, é hoje uma pequena parte da grande cidade de Aleppo. Os principais eixos de circulação da cidade evidenciam o crescimento radial - continuação dos principais eixos comerciais que ligavam os *souks* centrais às principais portas da cidade, povoados de pequenas lojas e oficinas nos seus limites.

### Bab Qinnisrin

A porta

Parte da original cintura murária (1), era a principal ligação com o Sul do país, ligando Aleppo às zonas desérticas e à cidade romana de *Chalcis*, que entretanto perdeu a importância na geopolítica local; constituído apenas um pequeno povoado. Acoplado encontrava-se o *khan Fansa* (2) e uma segunda torre, entretanto desaparecida, a oeste (3).



### A área protegida pela UNESCO

A cidade histórica

A área protegida pela elevação da cidade histórica a Património Mundial da UNESCO (1980) corresponde sensivelmente à cintura muralhada medieval, composta por oito portas urbanas; marco das principais estradas e rotas que ligavam Aleppo aos pólos urbanos próximos. *Bab Qinnisrin*, é a porta nas imediações da área de intervenção.

- A - Bab Antakia
- B - Bab al-Faraj
- C - Bab al-Nasr
- D - Bab al-Hadid
- E - Bab al-Ahmar
- F - Bab Nayrab
- G - Bab al-Maqam

**Fig.22** | Contexto urbano da intervenção. A cidade de Aleppo cresceu de forma concêntrica, informal. Marcada pela sua estrutura murária; os principais eixos citadinos ligam a Cidadela às oito portas da cidade; marco da estrada até a uma cidade próxima, da qual muitas vezes tomam o nome. [Esquema da autora]

e outro de farinha” – valências que comumente estavam associadas às portas das cidades, muito devido à actividade comercial<sup>14</sup> (fig.24).

Com o crescimento extramuros da cidade, a preservação das muralhas foi descurada, para depois tornar a ser alvo de obras de restauro na década de 80 do século passado.

As imagens do *Google Earth* (Janeiro 2017) (fig.25) mostram que a torre este se mantém, mas parte da muralha a que está acoplada foi arrasada. Apesar de não ser a zona mais fustigada da cidade, *Bab Qinnisrin* foi uma zona-tampão - *buffer zone* - durante o pico do conflito, já que o limite que definia esperava desesperado um desenho global fazia décadas, pondo em confronto directo a cidade histórica e os bairros de matriz informal, habitados por migrantes internos, maioritariamente originários de zonas rurais a sul de Alepo, que habitavam em condições de modo geral mais precárias.

***Bab Qinnisrin Park*** - As reconstituições da planta da cidade nos seus vários períodos<sup>15</sup> mostram que esta área, imediatamente exterior à primeira cintura muralhada original, povoada de figueiras, oliveiras e pistachos, continha já um cemitério no período colonial grego.

No fim do século XI, a grelha inicial cresce e aproxima-se do limite sul, dando origem a um novo bairro – *Djalloum ou Al-Jalloum* – que limita a área de intervenção a Norte. Aqui situaram-se comunidades de diferentes etnias e religiões, sendo esta zona conhecida pela sua multiculturalidade. No extremo sudeste, foi construído o palácio do governador – *Citadelle du Chérif* –, como era comum nas cidades governadas por domínios estrangeiros.

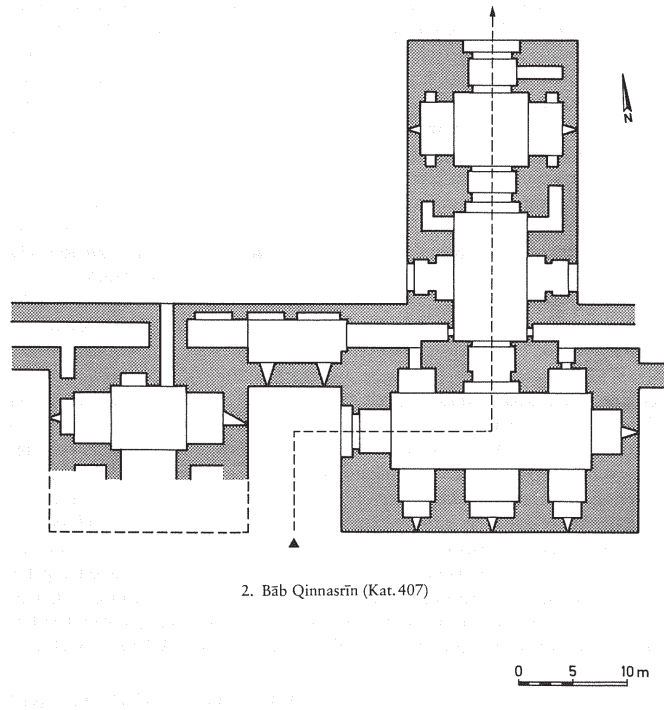
A partir do século XIII, os Otomanos erigiram um novo bairro, externo às muralhas e a Sul da área de intervenção – *Faubourgs des Turcs*. No fim do seu domínio, com o crescimento da cidade extramuros, a área de intervenção, vazia, estava já ladeada por novos bairros.

Nos anos 30 do século XX, apesar de ainda expectante, a antiga propriedade

14. BIANCA, Stefano [2000] “Urban Form in the Arab World - Past and Present”, p.150.

15. SAUVAGET, Jean [1941], op. cit., Anexos.

16. UNESCO [1980] “The Conservation of the old city of Aleppo: Syrian Arab Republic”, pp.18-19.



2. Bāb Qinnasrīn (Kat. 407)



**Fig.23** | Planta de *Bab Qinnasrin*.

**Fig.24** | *Bab Qinnasrin*. Vista sobre a cidadel. Observa-se o claro desnível e o conseqüente aterro da área de intervenção. [c.1930]

**Fig.25** | *Bab Qinnasrin*. [2017]

do governador desaparece e é ocupada por um novo cemitério, rodeado por algumas áreas de árvores de fruto (fig.21). Nos anos 80, todo o espaço em torno dos cemitérios encontra-se já ocupado por construções precárias e informais, o que levou à densificação da área que se tornará alvo de estudo<sup>16</sup>.

O relatório da UNESCO (1980) a propósito da *Conservação da Antiga Cidade de Aleppo*, deixa recomendações de boas práticas para o desenvolvimento e consolidação das áreas imediatamente exteriores ao perímetro protegido, dividindo-as em zonas de 1 a 5, sendo a 1 o próprio traçado histórico a preservar e a 5 a área mais distante deste (fig.26).

A zona norte, em contacto com a muralha oeste, pertence à zona 2 - *filter zone* -, querendo isto dizer que deveria absorver alguns pequenos serviços de apoio à zona 1 como cafés, pequenos restaurantes e mercados ao ar livre e o trânsito deveria ser maioritariamente pedonal.

A restante área, dividida entre a zona 3 - *transition zone* - e a zona 4 - *absorption zone* -, deveria absorver o trânsito local viário e serviços de maior dimensão - supermercados, centros comerciais, agências de viagens, hotéis e restaurantes<sup>17</sup>.

De acordo com os registos fotográficos de Yasser Tabbaa (década de 80), a área era ocupada, uma vez por semana, por um mercado grossista ao ar livre (fig.27).

Na viragem do milénio, fruto da cooperação da *Aga Khan Development Network* (AKDN) e do Governo da Síria, e uma vez concluídos os planos de reconstrução e conservação da zona protegida, desenharam-se soluções para a zona envolvente já considerada no relatório de 1980 supracitado, entre as quais o *Bab Qinesserin Park* (2010)<sup>18</sup>.







Foi desenhado para a área de intervenção um parque urbano, com o intuito de proporcionar uma zona de usufruto público à cidade e criar novas oportunidades para as precárias comunidades envolventes.

16. UNESCO [1980] "The Conservation of the old city of Aleppo: Syrian Arab Republic", pp.18-19.

17. Ibid.,pp.53-56.

18. JODIDO, Philip (Aga Khan Development Network (AKDN) e Government of Syria) [2011] "The Aga Khan Historic Cities Programme: strategies for Urban - Case Study of "Bab Quinesserin Park", pp.250-253.



-  Zone 1 (historic fabric)
-  Zone 2 (filter zone)
-  Zone 3 (transition zone)
-  Zone 4 (absorption zone)
-  Limits between zones
-  Green areas and reserve space

**Fig.26** | Proposta de zonamento para a área limítrofe às muralhas. [1980. Escala 1:10000]

Apesar dos seus solos pobres, da presença do cemitério e de dos dois túneis que cruzam a área de Norte a Sul, colocando desafios à edificação, a topografia do local - existe naturalmente um ponto alto ao centro - pode gerar um sistema de vistas interessante para a cidade protegida, a Norte.

O projecto consagrava duas áreas distintas: uma a Norte, “ao longo da estrada que ladeia a porta *Bab Qinnesserin*”, com pátios e módulos comerciais de pequena escala, ao longo de uma longa *promenade* pontuada por tanques e fontes; e uma segunda, “a maior zona do parque”, com áreas de lazer e actividades que permitissem a independência económica do parque – um anfiteatro, um pequeno lago, um café, um parque infantil e um restaurante. Com o início do conflito, o plano não chegou a ser iniciado (fig.28 e 29).



**Fig. 27** | Mercado ao ar livre. Fora da cidade, perto de *Bab Qinnisrin*. [c.1980]

**Fig.28** | *Bab Qinnisrin Park*. Proposta [2010]

**Fig.29** | (página sucessiva) Eixo urbano de *Bab Qinnisrin*. À esquerda, as diferença morfológicas entre o tecido urbano histórico - a bege - e os novos bairros. À direita, o impacto do conflito nesta zona da cidade: a cinzento escuro, o edifícios totalmente destruídos; a claro, parcialmente. [Esquema da autora]



Fig.29

### 2.3. O papel da muralha: da tradição nómada à urbanidade

#### Contextualização

“The door is (...) a significant crossing-place. In many cultures this transition from one space to another, which questions the physical presence of the person passing through the door, is accompanied by symbols. In doing so, the physical and the implied figurative transition from one social position to another are superimposed. Those who may pass through a certain door identify themselves as members of a community.”<sup>19</sup>.

in *Constructing Architecture – Materials, Processes, Structures*, Andrea

Deplazes, 2005

A formalização de uma estrutura defensiva (cerca do séc.VIII) tornou-se imperativa nas principais cidades islamizadas, de modo a resistir às quezílias internas de luta pelo poder entre as dinastias locais e o constante perigo de invasões nomádicas que pautaram os séculos seguintes. Em muitas situações, os muçulmanos apropriaram, alargando ou complementando conforme o caso, estruturas defensivas pré-islâmicas.

A muralha é, no mundo islamizado, um sinal primário de urbanidade<sup>20</sup>, já que, não se justifica num contexto nómada tribal em que a ocupação do espaço é temporária. É também a necessidade de criar um marco físico que materialize um limite abstracto, entre “uns” - que partilham uma série de valores, normas e usos comuns - e os “outros” - os que não os conhecem nem dividem.

Ao longo do tempo, estas estruturas complexificaram-se, até se revelarem supérfluas com o desenvolvimento da artilharia e estratégias bélicas utilizadas na contemporaneidade, “transformando-se em pontos nodais no crescimento das cidades”<sup>21</sup>.

Será, então, pertinente a manutenção das muralhas nas cidades contemporâneas? Na maioria dos casos, já nem o marco dos limites citadinos o é, dado o alargamento urbano galopante causado pelo crescimento populacional e pelas migrações internas da população rural para os centros ur-

19. Op. cit.,p.196; tradução livre: “A porta é a nossa ligação entre o interior e o exterior, e cria a relação entre diferentes esferas. Juntamente com a soleira, marca um significativo ponto de passagem. Em muitas culturas esta transição de um espaço para outro, que questiona a presença física da pessoa que passa pela porta, é acompanhada de uma simbologia. Fazendo-o, a transição física e necessariamente também a figurativa de uma posição social para outro sobrepõem-se. Aqueles que podem passar através de uma certa porta identificam-se como parte de uma dada comunidade.”

20. CATTANEO, Cesare in ROSSI, Aldo [1966] “A Arquitectura da Cidade”, pp.175-176. “(...) “as cidades do Oriente fazem das muralhas e das portas a *res sacra* da cidade, o elemento constitutivo e primário (...) (estas cidades são) grandes acampamentos muralhados (...) das povoações dos bárbaros, habitadas apenas per *vicos habitant*. [sic]”

21. DICKIE, James in MICHELL, George (1995), *op.cit.*, p.67.

22. VENTURI, Robert (1966) "Complexity and Contradiction in Architecture", p.39; tradução livre: elementos-vestígio.

23. *Ibid.* "(...) discourages clarity of meaning; it promotes richness of meaning instead. It is a basis for change and growth in the city as manifest in remodelling which involves old buildings."

24. ROSSI, Aldo (1966) *op.cit.*, p.72.

25. AL SABOUNI, Marwa (2016) "The Battle for Home", *op.cit.*, p.72.

banos, que desde a primeira era industrial se têm intensificado.

Contudo, apesar da obsolescência funcional das muralhas urbanas na contemporaneidade, a sua manutenção física significa também o reforço da identidade colectiva urbana, própria e organizada.

Robert Venturi (1925-2018) inclui-as naquilo a que chama *vestigial elements*<sup>22</sup>, argumentando que a *ambiguidade*<sup>23</sup> que trazem à cidade é uma base sólida para o crescimento e contante adaptação da mesma, promovendo a pluralidade e a riqueza do espaço urbano.

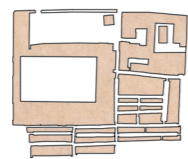
Aldo Rossi (1931-1997) acrescenta que "na realidade, continuamos a usufruir de elementos cuja função há muito já se perdeu; o valor desses factos urbanos reside, portanto, unicamente, na sua forma". Estes participam "intimamente na forma geral da cidade" e "estão profundamente ligados aos elementos constitutivos, aos fundamentos da cidade"<sup>24</sup>.

Em Aleppo, esta linha limite mantém-se, em grande parte devido às opções urbanísticas tomadas pelos planos de crescimento não complementares da cidade e pelo estatuto de Património Mundial da Humanidade (UNESCO) que a cidade histórica detém (1986), que coloca de parte esta questão, já que quase impossibilita qualquer alteração física do conjunto protegido em prol da preservação do património material e imaterial que representa.

Sabe-se, também, que a linha das muralhas foi utilizada durante os recentes conflitos como ponto estratégico e que já antes era um limite urbano não desenhado, marca da falta de comunicação e descontinuidade urbana entre a cidade histórica e a sua periferia<sup>25</sup> (fig.30).

Em suma, poderá a muralha tornar-se, futuramente, a chave para o encontro e a pacificação do espaço urbano, promovendo a reunião e o diálogo?

**Fig.30** | (página sucessiva) A morfologia do eixo urbano. Ao longo do eixo urbano estudado, é possível identificar as diversos tecidos urbanos que se sucedem; à medida que nos afastamos do centro da cidade. Estes espelham os diversos períodos da história da cidade, sendo produto deles. [Esquema da autora]



*cardus e decumanus*

333 a.C.-637

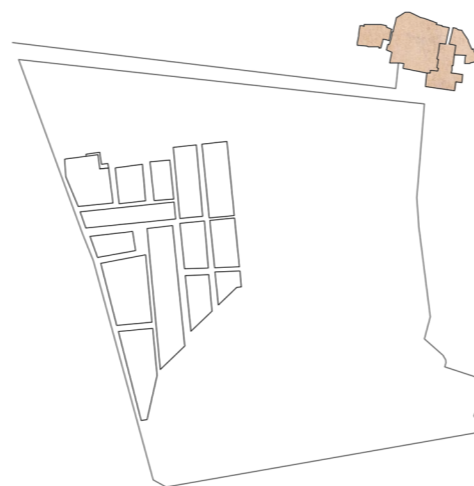
Os Gregos imprimiram um desenho regular ao tecido urbano da cidade. Definiram uma matriz ortogonal, que ainda hoje é legível, já que o *cardus* e o *decumanus* da cidade, deram origem aos principais eixos comerciais da cidade, que definiram a expansão da cidade. Os quarteirões apresentavam dimensões estandardizadas.



*densificação da cidade intramuros*

637-1516

Com a chegada dos conquistadores islâmicos, a cidade densifica-se. A matriz reguladora grega vai-se tornando mais orgânica à medida que a cidade cresce e se expande até à cintura murária que marca os seus limites históricos.



*o aterro à porta da cidade*

...

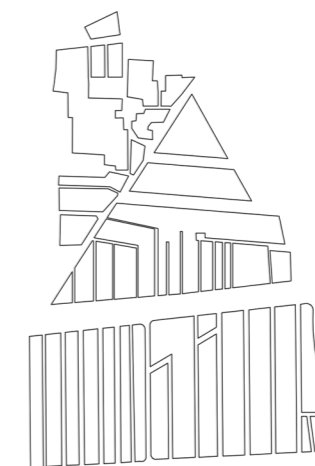
Adjacente à cidade muralhada, a área de *Bab Qinnisrin* foi durante muito tempo pontuada por oliveiras e figueiras; depois palco dos bairros extramuros afectos aos governos estrangeiros e nas últimas décadas, lugar para habitação informal precária.



*apropriação orgânica extramuros*

1916-1950

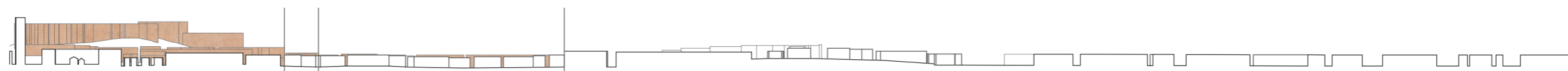
A população crescente e a exposição a novos padrões de habitação fazem com que a cidade se expanda durante o protectorado francês. A periferia vai sendo povoada entre projectos de desenvolvimento governamentais e estabelecimento de novos bairros de migrantes internos à procura de oportunidades na cidade.



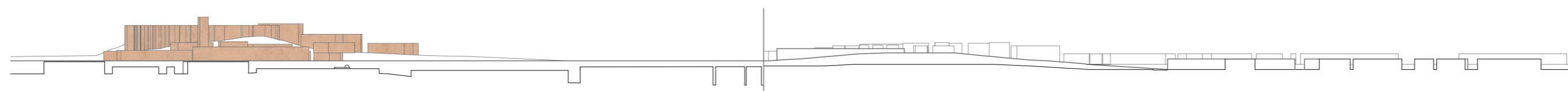
*novos bairros informais*

1970-

O desinvestimento na cidade histórica, incompatível com as expectativas da vida moderna levam à expansão indefinida da cidade. A malha urbana denota muitas vezes o passado agrícola da periferia alepina.



*corte pelo eixo comercial*  
1:5000



*corte pela linha muralhada*  
1:5000

**Fig.30**

### 3. A PORTA, ELEMENTO DE CONTINUIDADE

Proposta Urbana

#### 3.1. O limite urbano

##### 3.1.1. O limite contínuo, o limite fragmentário

Kevin Lynch (1918-1984) define os limites como “referências secundárias” (na cidade), “fronteiras entre duas áreas de espécies diferentes”, dando como exemplos os “caminhos-de-ferro, paredes, locais de desenvolvimento”<sup>1</sup>. Os limites devem ter uma leitura imediata e ser facilmente reconhecíveis.

Apesar de serem “interrupções lineares na continuidade”, estes não têm necessariamente de ser barreiras<sup>2</sup> intransponíveis - *limite contínuo* -, podem, pelo contrário, acomodar alguma permeabilidade - *limite fragmentário*<sup>3</sup> -, funcionando como “costuras de união”, “linhas ao longo das quais as regiões se relacionam e encontram.”

A ambiguidade proporcionada ora pela sua forte presença ora por pontos que sugerem o cruzamento e o contacto entre os mundos contrastantes que separa, confere ao *limite fragmentário* o poder de trazer riqueza e variabilidade ao espaço urbano. Acomodando o que é espontâneo e inesperado, é um elemento poderoso na criação de “pontes” entre mundos aparentemente antagónicos, abrindo espaço para a comunicação e salutar promiscuidade entre os mesmos.

“(…) concentra grande parte do trânsito, mas também tem as lojas locais e as actividades especiais, ligadas à colina. Reúne os habitantes, na medida em que os concentra num local. Funciona (...) tanto como ponto de encontro linear, um limite, ou uma rua para gente diversa a diversas horas.”<sup>4</sup>.

a propósito de Charles Street, em Boston, exemplo de *costura de união*  
in *A Imagem da Cidade*, Kevin Lynch, 1960

1. LYNCH, Kevin [1960] “A Imagem da Cidade”, p.58.

2. CULLEN, Gordon [1961], “Paisagem Urbana”, p.58; “(...) impedem o acesso físico”, mas não necessariamente “o acesso visual”.

3. Ibid., p.74; “contínuo mas apenas visível em alguns pontos”.

4. LYNCH, Kevin [1960], op. cit., p.76.

5. CULLEN, Gordon [1961], op.cit., p.34. "Os meios que se utilizam para delimitar um espaço ou um recinto são, muitas vezes, de uma fragilidade extrema."

6. CHARLESWORTH, Esther, [2006] op.cit., p.159. "The demarcating lines imposed by violent conflict became at some point a "no man's land" (...) dividing one ethnic or religious community from another constituted not just a battle line and post-war border, but also a mental partition that kept former neighbours apart physically, socially, economically and, most importantly, psychologically."

7. CULLEN, Gordon [1961] op.cit., p.108.

8. Ibid.: Por oposição à *restrição*. "A noção de delimitação (...) distingue-se da noção de recinto (...), contrastando "percurso" com "chegada". A noção de delimitação corresponde à divisão do sistema da cidade linear (ruas, passagens, etc.) em porções coerentes e visualmente compreensíveis (...). Um recinto (...) contém um mundo próprio (...) estático e auto-suficiente."

9. LYNCH, Kevin [1960] op.cit., p.113. "(...) a interrupção repentina da cidade medieval nas suas muralhas (...) constitui (...) uma poderosa impressão visual."

10. Ibid. "Pode ser uma torre cuja silhueta se desenha por cima de telhados baixos (...)."

### 3.1.2. O limite físico, o limite pressentido

Não existe, todavia, uma correlação directa entre a materialização física do limite e a sua efectiva permeabilidade, isto é, a fragilidade ou robustez do mesmo não influem na sua maior ou menor penetrabilidade e vivência<sup>5</sup>.

Estas são, sim, determinadas pela percepção que o observador tem da natureza de dado limite. A construção dessa ideia é temporalmente aditiva e não selectiva, que é o mesmo que dizer que tem *memória*. Daí que o desaparecimento físico de um limite não signifique necessariamente o desaparecimento do conhecimento do mesmo<sup>6</sup> - *limite pressentido*.

Gordon Cullen (1914-1994) justifica-o, afirmando que a percepção que construímos dos limites urbanos é composta tanto por dados tangíveis como intangíveis<sup>7</sup>. Por extremo, fazer desaparecer um dado limite com uma forte carga imagética e simbólica não altera necessariamente o modo como os indivíduos se comportam no espaço por ele anteriormente ocupado e nele interagem.

Segundo o autor, a *delimitação*<sup>8</sup> é um processo que, se tomado com responsabilidade, torna compreensível o, por um lado, desejável caos e complexidade urbana, dividindo a cidade "em porções coerentes e visivelmente compreensíveis", sem condicionar a sua continuidade.

O limite abrupto<sup>9</sup> causa temor e desconfiança, mas o contraste estudado<sup>10</sup> pode, contrariamente, gerar novas centralidades, percursos articulados - que se insinuam, mas não condicionam - e pontos de referência que garantem conforto e segurança à nossa experiência do espaço exterior.

Acomodar a intangibilidade, a linguagem simbólica e a memória dos que habitam os espaços liminares parece ser a chave para a criação de um limite vivo, agregador e vibrante. Todavia, requer o conhecimento do contexto histórico, político, social e cultural que vai muito para além da percepção visual imediata oferecida numa primeira análise do local.

### 3.1.3. A clareza, a ambiguidade

Percebe-se, assim, que os limites urbanos e a sua natureza - presença física, carga imagética, conotação simbólica - influem no modo como nos comportamos no espaço e nele interagimos com o outro.

Richard Sennett (1943-...) afirma que, idealmente, todos gostaríamos de viver em cidades que não só “fossem limpas e seguras, possuíssem um sistema de transportes públicos eficiente, fossem animadas por uma economia dinâmica”, como também fizessem o seu melhor para “providenciar oferta cultural e encontrar estratégias para esbater aquilo que cria antagonismo entre grupos”<sup>11</sup> - *cidade aberta*<sup>12</sup> (fig.31).

Hoje, contudo, esta raramente é a realidade que experimentamos, muito devido a “políticas governamentais, questões irresolúveis de ordem social e forças económicas que transcendem o poder local.” Como soluções, embandeira-se “a coerência formal, o equilíbrio e a integração” na tentativa de controlar as externalidades negativas, o que paradoxalmente degenera num espaço “pré-determinado”, que deixa muito pouca margem à surpresa e à novidade - *cidade fechada*<sup>13</sup> (fig.32).

“(...) places should become both dense and diverse, either in the form of dense streets or packed squares; such physical conditions can prompt the unexpected encounter, the chance discovery, the innovation which is the *genius loci* of cities. (...) The open city feels like Naples, the closed city feels like Frankfurt.”<sup>14</sup>.

in *The Open City*, Richard Sennett, 2006

O aparente “horror à desordem” tornou-se regra, depois lei, um pouco por todo o lado, negando a evolução orgânica da cidade enquanto elemento vivo. A aceitação da ambiguidade no espaço urbano é consequentemente a aceitação da inevitabilidade da não-linearidade das nossas vidas<sup>15</sup>. A criação de espaço para a diversidade e inclusão é também a permissão de um certo nível de desordem e acaso<sup>16</sup>.

Segundo o autor, uma das formas de gerar cidades abertas é o desenho de

11. SENNETT, Richard [2006] “The Open City”, p.1; “The cities everyone wants to live in should be clean and safe, possess efficient public services, be supported by a dynamic economy, provide cultural stimulation, and also do their best to heal society’s divisions of race, class, and ethnicity. These are not the cities we live in.”.

12. Ibid., p.6; tradução livre de *open city*; “Chance events, mutating forms, elements which cannot be homogenized or are not interchangeable (...) can nonetheless form a pattern, and that assemblage is what we mean by an open system.”.

13. Ibid., p.6; tradução livre de *closed city/ closed system*.

14. SENNETT, Richard [2006] “The Open City”, p.7; tradução livre: “(...) os lugares devem tornar-se tanto densos como diversos, tanto na forma como as estradas se densificam como no modo como as praças se sobrepovoam, tais condições físicas podem proporcionar o encontro inesperado, a possibilidade da descoberta, a inovação que é o *genius loci* das cidades. (...) A cidade aberta é como Nápoles, a cidade fechada é como Frankfurt”.

15. Ibid., p.13; “Real life rarely follows the script of a linear narrative.”.

16. JACOBS, Jane citada in *ibid.*, p.7. “If density and diversity give life, the life they breed is disorderly.”.

17. Ibid., p.8; tradução livre de *ambiguous edges*.

18. Ibid., p.8; tradução livre de *border*, “an edge where different groups interact”.

19. Ibid., p.8; tradução livre de *boundary*, “an edge where things end”.

limites ambíguos<sup>17</sup>, isto é, *limites-fronteira*<sup>18</sup> - densos, plurais, abertos à diferença - e não *limites-barreira*<sup>19</sup> - vazios e descontínuos, terra de ninguém.

Os *limites-fronteira* criam espaço para várias pessoas e actividades simultaneamente, gerando encontros inesperados, o que fomenta a aceitação do que é diferente como algo potencialmente estimulante em vez de perturbador e quezilento.

Funcionam como “uma membrana”, simultaneamente porosa e resistente, permitindo tanto a imiscuidade de novos estímulos e ideias como a conservação dos valores identitários fundadores da urbe.

**Fig.31** | Mercado em Via Pignasecca, Nápoles. Em dia e hora de mercado, cada banca apropria-se da rua conforme a sua necessidade. Os locais acorrem; os turistas são engolidos pelas barafunda; geram-se despiques porque as motorizadas não passam ou porque algo nos salpicou, que dão origem muitas das vezes a conversas impensáveis com gente improvável. [Setembro de 2016. Fotografia da autora]



**Fig.32** | Mercado em Konstablerwache, Frankfurt. O desenho profundamente organizado dos espaços de venda faz com que os transeuntes nunca se cruzem inesperadamente com um comerciante com uma banca inesperadamente interessante; a não ser que aqui se desloquem com o propósito de ir ao mercado. A possibilidade de ser surpreendido é menor. [Março de 2017. Autor desconhecido.]



### 3.1.3.1. Porta de Valletta - La Valleta, Malta

Renzo Piano Building Workshop (2015)

O projecto de reabilitação da Porta de Valletta, em La Valletta (2009-2015), propõe-se igualmente repensar o papel que estruturas como a antiga porta principal da capital de Malta pode ter na cidade contemporânea (fig.33).

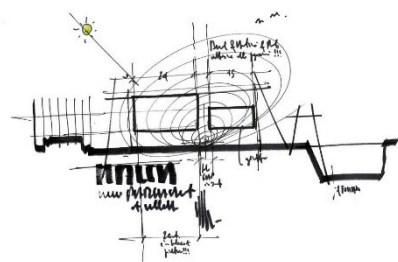
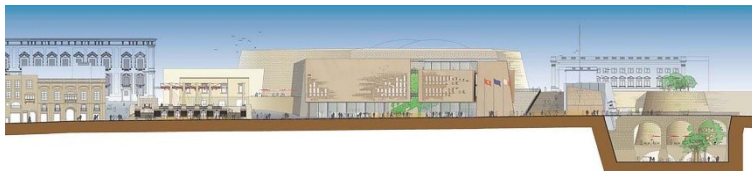
Projectado por Renzo Piano Building Workshop (RPBW), o plano é composto por quatro partes: a reconstrução da antiga porta – Porta Dingli (1633) –, o desenho de um teatro ao ar livre dentro das antigas ruínas da Ópera Real, a construção de um novo edifício do Parlamento e o paisagismo do antigo fosso (fig.34 e 35).

A porta, que se crê, nos seus primórdios, assemelhar-se mais com um túnel estreito que dá acesso à urbe, tinha sido descaracterizada com a demolição e alteração de parte da muralha ao longo dos últimos 50 anos. Com o crescimento da cidade, as estruturas que marcavam os seus antigos limites tinham perdido o seu propósito inicial, relegando-as ao abandono.

Os bombardeamentos em La Valetta durante a 2ª. Guerra Mundial (1942) destruíram parte da porta e da antiga ópera. A opção arquitectónica de recuperar as suas antigas dimensões, abrindo na muralha um intervalo com os originais 8m de largura e destapando o fosso aterrado, permitiu a sua redescoberta enquanto elemento lógico, participante do desenho urbano da cidade.

Dotando a estrutura de novos equipamentos colectivos - o teatro ao ar livre e o novo edifício do Parlamento -, é notória a procura de recriar a ligação entre a população e esta área da cidade, associando-a a actividades que participam da vida pública da cidade.

A procura pelo enaltecimento identitário deste elemento urbano é visível neste projecto mesmo à escala do detalhe e na selecção dos materiais utilizados. A utilização da mesma pedra amarelada que pauta a construção local garante a continuidade urbana e torna-se um elemento unificador entre a antiga e a nova cidade (fig.36).



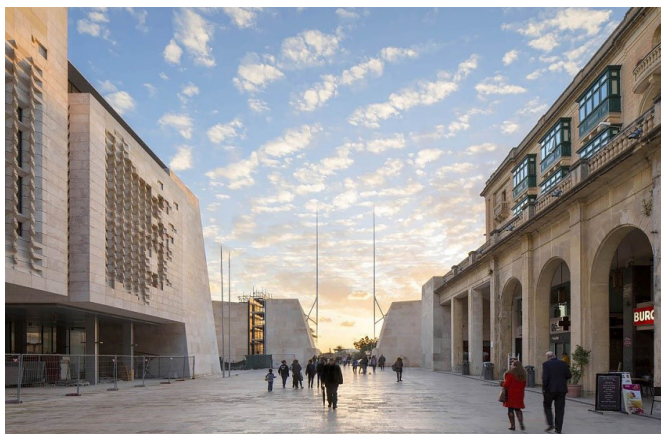
**Fig. 33** | Fachada oeste. O projecto redescobre o antigo fosso da estrutura defensiva, criando um novo percurso urbano.



**Fig. 34** | Plano geral. Acoplada à porta está associada uma praça ajardinada.

**Fig. 35** | Esquisso do projecto.

**Fig. 36** | Vista aérea. Os novos volumes que revisitam a forma original da antiga porta, surgem em pedra, fomentando a coesão matérica. [2015]



**Fig. 37** | Vista do interior da cidade. [2015]

O uso de lâminas metálicas que evidenciam a nova camada projectual adicionada lembram-nos das várias idades do projecto e de como este é feito de todas elas, adaptando-se e transformando-se conforme as necessidades. A pedra de revestimento esculpida, comum nos quentes climas mediterrânicos, encobre as poucas janelas que pontuam as fachadas exteriores, estando o seu ângulo estudado para as proteger da incidência directa da luz solar sem, no entanto, perturbar a vista do interior dos espaços.

No redescoberto fosso, agora um jardim “exuberante e refrescante”, é possível passear e ler os vários estratos de história que compõem a cidade e se foram sobrepondo. As rampas laterais permitem a transposição do limite sem deixar de marcar a passagem e a entrada no mundo urbano<sup>20</sup> (fig.37).

20. ARCHDAILY, “Porta de Valletta / Renzo Piano Building Workshop”.  
Texto de Camilla Sheggen.

21. LAROUSSE (em linha). "Rue, chemin, passage, lieu sans issue ; impasse." Refere-se aos pequenos becos que dão acesso às habitações, a partir das ruas principais, e que são considerados uma quase extensão do espaço privado, usados quase exclusivamente por quem neles habita.

### 3.2. O ponto de encontro entre a cidade histórica e o subúrbio

À escala urbana, a presente proposta pretende definir um desenho genérico do vazio urbano da área de implantação, na adjacência da proposta arquitectónica.

Esta sugestão genérica visa compatibilizar o intuito político de aqui criar um espaço verde de fruição e lazer de cariz público com premissas de coesão e continuidade, fundamentais à posterior defesa e entendimento do objecto arquitectónico detalhado.

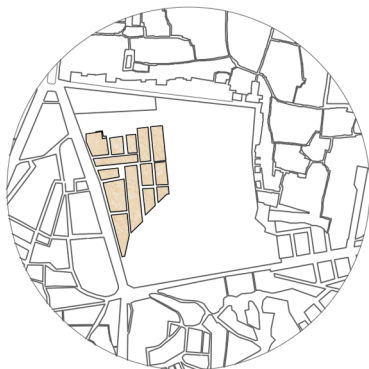
Partiu-se da direcção dos *culs-de-sac*<sup>21</sup> dos quarteirões limítrofes ao vazio urbano e da leitura histórica dos antigos percursos das caravanas, criando uma matriz apropriável, que encerra o eventual parque urbano previsto, acrescentando recato e calma à experiência do espaço verde, dada a dimensão da estrutura viária delimitante (fig.38).

As premissas que nortearam o desenho (fig.39) são, em suma, as seguintes:

**Limitar a circulação viária.** Propõe-se condicionar o trânsito viário nas vias correspondentes aos alçados norte e este da área de implantação urbana. Procura-se, assim, incentivar a deslocação pedonal e em bicicleta junto dos equipamentos de fruição pública, fomentando uma maior segurança nas deslocações e o usufruto dos espaços verdes adjacentes. A circulação viária ficaria, deste modo, afectada às vias dos alçados sul e oeste, criando-se nesta última uma estação intermodal de autocarros e táxis de modo a reduzir o número de veículos nas proximidades da cidade histórica.

**Manter o cemitério existente.** No limite nordeste do parque urbano, situa-se um antigo cemitério, anteriormente fora da cidade. A sua manutenção é a preservação de um vestígio da importância deste espaço, dada a associação passada a importantes complexos religiosos e governativos, que tanta influência tiveram no desenvolvimento da cidade.

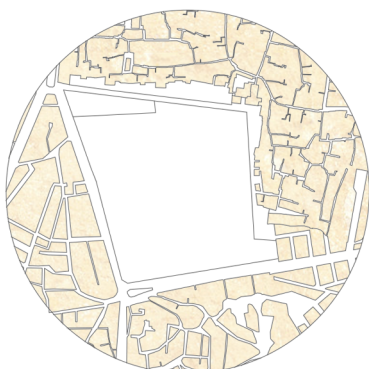
**Criar edifícios-âncora.** Ao contrário da proposta pré-conflito para este local, sugere-se roubar algum espaço à área verde, criando equipamentos de



***aterro expectante***

situação pré-conflito

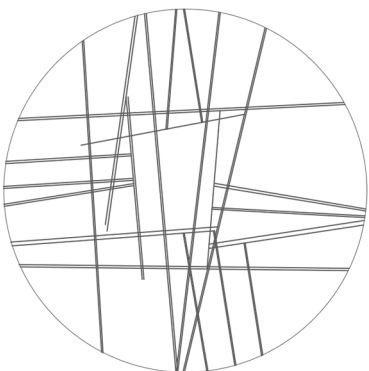
Antes da guerra, este era já uma área expectante da cidade, pontuada a Oeste por alguma habitação precária e informal. O governo sírio pretendia criar um parque urbano, que acabou por não ser iniciado com a eclosão da guerra.



***vazio abandonado***

situação actual

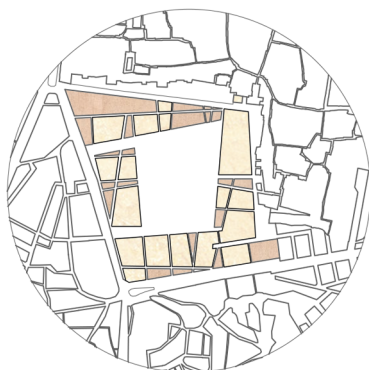
Actualmente, fruto dos conflitos, a área encontra-se totalmente vazia. Os seus limites representam realidades muito distintas: a Norte, o limite da cidade histórica murada; a Sul, os novos bairros de matriz informal.



***matriz de continuidade***

proposta conceptual

Encontrou-se um ponto comum, os *culs-de-sac* que dão acesso ao interior dos quarteirões. Gerou-se uma matriz de continuidade, que se quer apropriável. Definiu-se uma regra criadora de urbanidade num espaço que dela está totalmente desprovido.



***parque-pátio***

proposta urbana

Por oposição à proposta governamental, propõe-se a apropriação arquitectónica dos limites da área de intervenção, criando pólos agregadores de diferentes grupos sociais. O parque urbano é remetido para o interior, pensando o pátio enquanto elemento organizador à escala urbana.

Fig.38

um mercado, um hotel, um restaurante, um centro comunitário, um espaço expositivo, um pavilhão desportivo e um centro cultural. Promove-se, assim, não só a utilização do espaço ajardinado de modo quotidiano, como o encontro entre grupos sociais que não tendem a cruzar-se, incentivando a diversidade e a pluridade pacífica no espaço público.

**Propôr um parque-pátio.** Na arquitectura tradicional islâmica, o jardim apresenta commumente um carácter monumental e está afecto a espaços privados como os palácios do governador. Visa-se incrementar o interesse deste espaço público verde através da recriação da intimidade do pátio à escala urbana, onde muitas vezes se usufrui do tempo livre em família e junto de amigos próximos. Os seus limites não são, contudo, estanques, facilitando a permeabilidade e o acesso em vários pontos distintos.

**Ressignificar a porta urbana.** Justifica-se a pertinência da preservação da porta urbana, reconhecendo-lhe o seu papel crucial no desenho urbano da cidade, através da atribuição de novas funções aos edifícios que a compõem, respeitadoras da sua história. Assim, erige-se um novo volume no lugar do torreão derrubado, definindo-o como ponto de informação turístico e de divulgação cultural da cidade. Já o antigo *khan Fansa* torna-se um espaço expositivo temporário, complementando a oferta da escola proposta.

Assim, o desenho urbano apresentado distingue-se essencialmente da proposta existente para este sítio antes do conflito - já mencionada previamente -, porque visa, sem se distanciar da tradição do jardim islâmico, conciliar a oferta de espaço verde com o desenho de equipamentos necessários à população, aumentando a probabilidade da sua utilização espontânea e permanente.

Na proximidade da proposta arquitectónica, a continuidade entre a cidade histórica e a nova área urbana é resolvida através de um sistema de rampas, paralelo ao equipamento proposto. Este não só colmata o desnível existente entre ambas como também pontua a área ajardinada em frente à entrada do edifício escolar com pequenas áreas apropriáveis e de espera.

**Fig. 38 |** (página anterior) O conceito do desenho urbano. A proposta urbana assenta num levantamento dos *cul-de-sac* envolventes e dos principais percursos pedonais marcados na zona de aterro expectante. [Esquema da autora]

**Fig. 39 |** (página seguinte) A proposta urbana. Propõe-se um parque-pátio; ao qual estão afectos edifícios-âncora; gerando um ponto de encontro e convívio para todos os alepinos. [Desenho da autora]

**Limitar a circulação viária**

## A mobilidade cidadã

Propõe-se condicionar o trânsito viário nas vias correspondentes aos alçados norte e este da área de implantação urbana. Procura-se, assim, fomentar a deslocação pedonal e em bicicleta junto dos equipamentos de usufruto público; fomentando uma maior segurança nas deslocações e o usufruto dos espaços verdes adjacentes. A circulação viária ficaria, deste modo, afectada às vias dos alçados sul e oeste; criando-se nesta última uma estação intermodal de autocarros (2,3 e 4) e táxis (1); de modo a reduzir o número de veículos nas proximidades da cidade histórica.

**Manter o cemitério existente**

## A tradição urbanística

No limite nordeste do parque urbano, situa-se um antigo cemitério (A), anteriormente fora da cidade. A sua manutenção é a preservação de um vestígio da importância deste espaço como área de espaços religiosos e governativos, que tanta influência tiveram no desenvolvimento da cidade.

**Criar edifícios-âncora**

## A coesão comunitária

Ao contrário da proposta pré-conflito para este local; sugere-se roubar algum espaço à área verde; criando equipamentos de usufruto público que sejam utilizados por diferentes grupos sociais, como um mercado (5,6 e 7), um hotel (8, 9 e 10), um restaurante (11), um centro comunitário (12), um espaço expositivo (13), um pavilhão desportivo (14) e um centro cultural (15 e 16). Promove-se, assim, não só a utilização do espaço ajardinado de modo quotidiano como o encontro entre grupos sociais que não tendem a cruzar-se; incentivando a diversidade e a pluralidade pacífica no espaço público.

**Propôr um parque-pátio**

## O desenho público

Na arquitectura tradicional islâmica, o jardim apresenta comumente um carácter monumental e está afecto a espaços privados como o palácios do governador. Visa-se incrementar o interesse deste espaço público verde através da recriação da intimidade do pátio; à escala urbana; onde muitas das vezes se usufrui do tempo livre em família e junto de amigos próximos. Os seus limites não são, contudo, estanques, facilitando a permeabilidade e o acesso em vários pontos distintos.

**Ressignificar a porta urbana**

## A resposta urbana

Justifica-se a pertinência da preservação da porta urbana (B); reconhecendo-lhe o seu papel crucial no desenho urbano da cidade, através da atribuição de novas funções aos edifícios que a compõem, respeitadoras da sua história. Assim, erige-se um novo volume (D) no lugar do torreão derrubado, definindo-o como ponto de informação turístico e de divulgação cultural da cidade e o antigo *khan Fansa* (C) como espaço expositivo temporário; complementando a oferta da escola proposta (17).

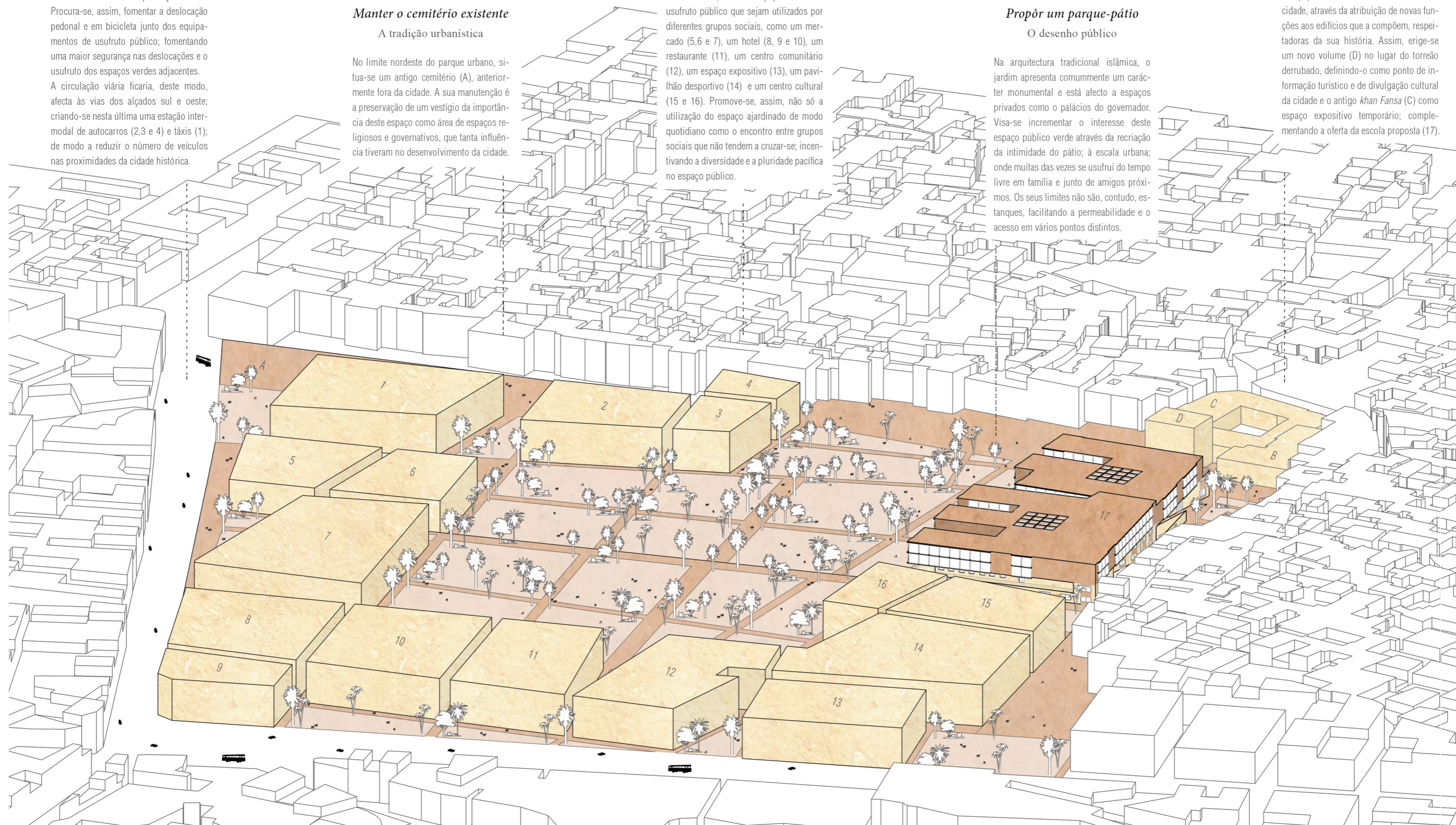


Fig.39

## 4. A ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS

Proposta Arquitectónica

### 4.1. Aprender fazendo

“The indigenous inhabitants of those cities (syrian cities) had learn from a young age how to be one of “the market sons”. Those who had the necessary knowledge would pass on their moral expertise to the next generation.”<sup>1</sup>.

in *The Battle for Home*, Marwa al-Sabouni, 2016

A *madrasa*, tipologia consagrada aos estudos superiores, é o modelo arquitectónico educativo por excelência da gramática arquitectónica islâmica. Organiza-se, tradicionalmente, em torno de um pátio rectangular, coroado por dois *iwans*<sup>2</sup> nos topos mais estreitos e celas dedicadas à pernoita estudantil nos restantes alçados<sup>3</sup> (fig.40). Os alunos, numa alcova, sentavam-se em semi-círculo – *halqa* – em torno do professor – *kursi* – apoiado num pilar. Tal disposição fomentava a interacção e partilha entre membros do grupo<sup>4</sup>.

A aprendizagem prática de um mester, porém, tinha lugar nas oficinas. Os jovens rapazes iniciavam-se no trabalho por volta dos dez, onze anos. Aperfeiçoavam-se observando os mais velhos, por tentativa e erro. Era comum seguirem o mester dos pais e dos avós, continuando a actividade familiar.

Os conteúdos seguintes pretendem ilustrar este imaginário, clarificando e alicerçando as opções tomadas no exercício de projecto.



1. Op.cit.,p.66; tradução livre: Os habitantes tradicionais destas cidades (as cidades sírias) aprenderam desde muito novos como ser um “dos filhos do mercado”. Aqueles que têm o conhecimento necessário passá-lo-iam segundo os seus valores morais à geração seguinte.”

2. LAROUSSE [em linha]: Élément essentiel de l'architecture islamique, constitué d'une grande salle voûtée en berceau brisé, fermée de trois côtés par des murs, mais béante de toute sa hauteur sur le quatrième, généralement en façade ou sur cour. Este nicho na fachada, decorado com inúmeros arcos, ocupa uma posição central em mesquitas e madrasas.

3. MICHELL, George, op.cit., p.24.

4. Ibid., p.38.

**Fig.40** | *Kukeldash Madrasah*, Tashkent, Uzebequistão. O iwan ocupa uma posição central, as celas distribuem-se pelos restantes alçados.

#### 4.1.1. A oficina

##### Analogia

O conhecimento prático e manual sempre foi passado de modo informal nos espaços de trabalho oficinais, frequentemente localizados na zona posterior das respectivas lojas. A globalização e a apologia da ocidentalização dos costumes levaram à modernização de muitos *souks*. Em muitos casos, estes foram perdendo o seu papel educativo, passando a funcionar apenas como ponto de revenda (fig.41).

Com a imposição dos modelos europeus sob a alçada francesa, surge, em meados do século XX, a Universidade de Aleppo, a única instituição pública de ensino pós-secundário, situada a Noroeste da cidade histórica. Esta ocupa uma vasta área e é composta por várias faculdades que oferecem cursos teóricos e teórico-práticos. Porém, não suprime as necessidades de formação profissional associadas às actividades comerciais mais florescentes na cidade.

A inexistência de outra oferta educativa pós-secundária ou com vista à formalização da profissionalização de adultos, ainda mais notória no que aos saberes práticos diz respeito, sublinha a pertinência do programa proposto.



**Fig.41** | *Khan al-Goumrok*. Convívio no espaço e durante o trabalho.  
[c.1980]

#### 4.1.2. Os mesteres tradicionais

“The merchants (of Old Aleppo) had small chairs to sit on outside their shops once they opened in the morning. When a merchant had sold his first item, he would bring his chair inside as a sign. When another customer entered, he would then stretch his head out over his wooden counter to see if any chairs remained outside. If he saw one, he would direct the customer towards it, so as to benefit his less fortunate neighbour.”<sup>5</sup>.

in *The Battle for Home*, Marwa al-Sabouni, 2016

A pertinência da preservação física do património urbano e arquitectónico das cidades é, hoje, difícil de minorar ou questionar. Contudo, é inegável que “as pessoas e as suas actividades” que animam esta estrutura física são igualmente importantes, pois “não somos apenas observadores deste espectáculo” – que é a cidade -, “mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco”<sup>6</sup>.

Em 2003, a UNESCO, na *Convenção Para A Salvaguarda Do Património Cultural Imaterial*<sup>7</sup>, salientou a importância de encontrar estratégias para a identificação e protecção activa do património imaterial enquanto “fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável”.

Este património cria “condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades”, podendo ser uma ferramenta útil ao fomento da comunicação entre indivíduos pertencentes a grupos distintos que partilham o mesmo espaço urbano, uma vez que são da memória de todos e de cada um.

Não podendo ser identificado, preservado e compreendido nos moldes tradicionais do património físico, apesar da sua interdependência, reconhece-se a sua fragilidade num mundo global, em rápida e constante mudança, tantas vezes intolerante e incapaz de compreender a diferença.

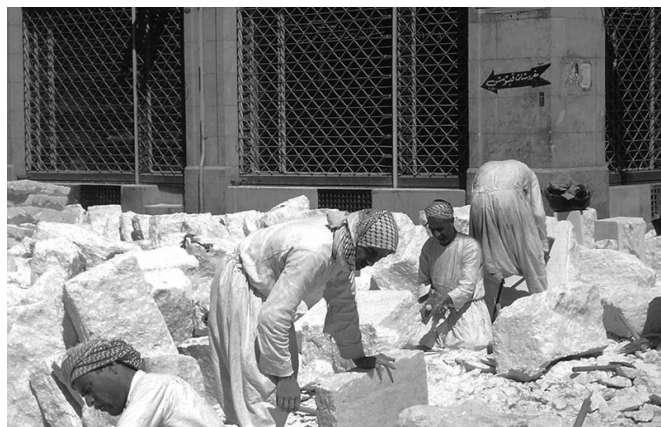
No portal *Intangible Cultural Heritage*, igualmente da UNESCO, sublinha-se o papel que a *Educação Técnica e Vocacional*<sup>8</sup> (TVET) pode ter na preservação da riqueza cultural local.

5. Op.cit., p.66; tradução livre: “Os comerciantes (da antiga Alepo) tinham pequenas cadeiras para se sentarem no exterior das suas lojas assim que as abriam de manhã. Quando um comerciante vendia o seu primeiro artigo, trazia a cadeira para dentro como sinal. Quando um novo cliente entrava, espreitava por cima do seu balcão de madeira para ver se ainda existiam cadeiras no exterior. Se visse uma, encaminhava o cliente para a respectiva loja, beneficiando assim o seu vizinho menos afortunado.”

6. BOSREDON, Pauline in DAVID, Jean-Claude; BOISSIÈRE, Thierry, “Aleppo et ses territoires”, cap.20.

7. Tida em Paris, no seguimento da Recomendação da UNESCO sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular (1989), da Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural (2001) e da Declaração de Istambul (2002).

8. UNESCO, “Intangible Cultural Heritage”; tradução livre de *Technical and Vocational Education and Training*.



**Fig.42** | Artesãos especializados nas técnicas tradicionais de corte de pedra. Actualmente todo o trabalho é feito maquinamente. [c.1980].

**Fig.43** | Produção de sabão tradicional. [2017].

**Fig.44** | Duas lojas de vendedores de sabão. [s/d.]

Esta estratégia é ainda pouco explorada na contemporaneidade, com potencial para ser uma excelente ferramenta “de empoderamento dos indivíduos, organizações, empresas e comunidades; promovendo o emprego, a oferta de boas condições de trabalho e bases para o fomento de bases sólidas para a aprendizagem contínua ao longo da vida.”

Os mesteres tradicionais podem ser a “história escolhida”, o elogio ao apogeu comercial alepino, uma ferramenta eficaz no reforço da identidade colectiva através do produto do esforço de todos, chave para o desenvolvimento comum e sustentado do grande centro urbano.

Em Aleppo, as técnicas construtivas são plurais, fruto da disponibilidade matéria regional. O trabalho da pedra (fig.42), da argila e da madeira, moroso e perfeccionista, era, tradicionalmente, desempenhado por artesãos muito especializados<sup>9</sup>. A construção é comumente revestida a cal, terra, estuque ou ornamentada detalhadamente.

A cidade é igualmente conhecida pelos seus ricos têxteis (fig.47), alimentados pela vibrante produção de algodão, que ocupa vastas áreas na periferia de Aleppo. Os curtumes (fig.45 e 46), tingidos ainda tantas vezes de modo tradicional, nos limites urbanos, são depois transformados por artesãos nas suas oficinas no interior da cidade, tornando-se nos mais variados e trabalhados produtos como calçado e marroquinaria.

Uma última nota para o sabão tradicional (fig.43 e 44), afamado internacionalmente, de produção milenar, ainda hoje preparado segundo os antigos preceitos, que tem como base o azeite oriundo dos vastos olivais que se estendem a Norte da cidade.

9. CORPUS Levant [2004] “Handbook for the maintenance and rehabilitation of traditional Syrian Architecture”, p.19.



**Fig.45 e 46** | Curdos fabricantes de sapatos. Fotografias do interior das suas oficinas localizadas na cidade histórica. [s/d.]

**Fig.47** | Armazenamento do algodão bruto na periferia de Aleppo. [s/d.]

## 4.2. *Object-city*: a escola como elemento gerador de urbanidade

“(...) neither Christians nor Muslims had to prove their social status through their religions; they belonged to the city (...) in all old Syrian cities, (...) minarets and church towers raised their praying hands in unity above the rooftops. (...) These shared “footsteps” are what make our coexistence into one existence. These “lessons” were sadly far from the reach of the newcomers who settled in new developments outside the center.”<sup>10</sup>.

in *The Battle for Home*, Marwa Al-Sabouni, 2016

Jan Gehl (1936-...) refere que a *integração* depende da sobreposição de “várias actividades e categorias de pessoas “que funcionam “em conjunto ou lado a lado”, por oposição à *segregação* que é o resultado de modelos urbanos apologistas do *zoning*, promotores de “grandes e idênticas pseudo-cidades construídas em torno de uma única função ou grupo de pessoas, como o complexo de investigação, a cidade universitária ou as residências sénior.”<sup>11</sup> (fig.48).

O autor afirma que um plano urbano orientado para a *integração* é exigente, pois requer mais do que a mera coesão “formal e disposição dos edifícios e funções primárias da cidade” à escala urbana. Tem de garantir pontos de sobreposição “de vários acontecimentos e pessoas na pequena escala” – que é o que, por observação, determina o quão vibrante e atractivo é o espaço gerado.

*Criar cidade*<sup>12</sup> em novas áreas em desenvolvimento ou entre pólos monofuncionais é particularmente difícil. “Um plano em que grandes funções sejam utilizadas como uma oportunidade para assentar muitas pequenas unidades num contexto maior” pode ser uma estratégia eficaz nos casos supracitados. Estes *elementos-âncora*, frequentemente equipamentos de uso público e serviços, nos quais se incluem as escolas e as universidades, geram grandes fluxos humanos, diversificando a utilização do espaço devido aos seus programas complexos.

“They (schools) were soon regarded as the “churches” of these new districts, culturally as well as contextually.”<sup>13</sup>.

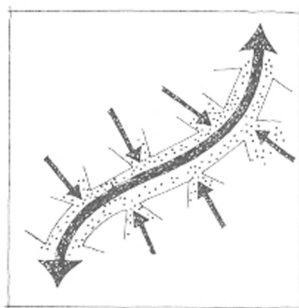
in *Space and Learning – Lessons in Architecture 3*, Herman Hertzberger, 2008

10. Op.cit., p.67; tradução livre: “(...) nem Cristãos nem Muçulmanos necessitavam de provar o seu estatuto social através da sua religião; ambos pertenciam à cidade; (...) em todas as antigas cidades sírias, minaretes e torres sineiras levantavam as suas mãos em oração unissonamente sobre os telhados da cidade. (...) Esta partilha era o que fazia da nossa coexistência uma existência comum. Estas “lições” não estavam infelizmente ao alcance dos recém-chegados que se estabeleceram em novos projectos de expansão fora do centro.”

11. GEHL, Jan [1971] “A Vida entre Edifícios”, p.102.

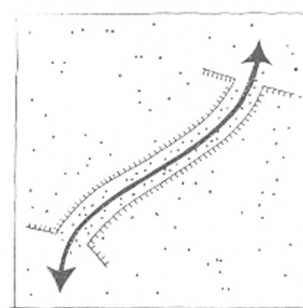
12. Ibid., p.105.

13. Op. cit., p.8; a propósito das escolas desenhadas para os novos bairros habitacionais periféricos construídos nos anos 20 e 30 do século passado na Holanda.



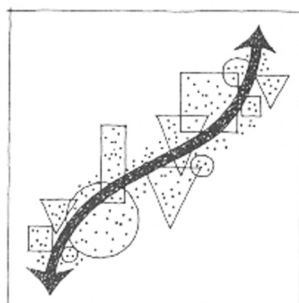
*convidar*

Os limites flexíveis, em que as zonas de transição não são públicas nem privadas, convidam à deslocação fluida no espaço.



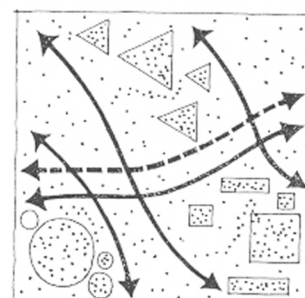
*repelir*

As fronteiras claramente demarcadas dificultam a passagem entre a esfera pública e privada, desmotivando a utilização do espaço.



*integrar*

Várias actividades e pessoas, ao partilharem o mesmo espaço, inspiram-se e estimulam-se, trabalhando em conjunto.



*segregar*

A separação de grupos e funções em áreas distintas cria apenas desconhecimento da cidade e antagonismo entre as partes.

**Fig. 48** | A diferença entre *integrar* e *segregar*. A disposição dos edifícios, das funções, das actividades e das pessoas tem um impacto inegável no modo como o espaço público se torna convidativo ou não para todos os habitantes da cidade. [Jan Gehl, adaptado pela autora].

António Lousa, na sua tese de doutoramento *Object-city* (2009), sublinha que estes equipamentos complexos são particularmente pertinentes em zonas suburbanas ou de transição entre diferentes lógicas de ocupação e apropriação territorial, onde “a continuidade do tecido urbano se encontra em risco”<sup>14</sup>. São eficazes “operadores urbanos”, já que funcionam numa “escala intermédia entre o objecto arquitectónico e a cidade” – *object-city*<sup>15</sup>.

14. LOUSA, António [2009] *Object-city*, p.115.

15. *Ibid.*, p.4.

16. *Ibid.*, p.54.

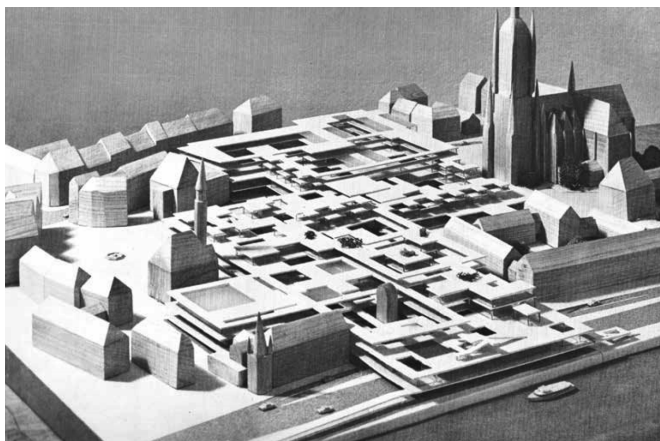
17. *Ibid.*, p.114.

Diferente da *cidade dos objectos* (fig.50), do período modernista – escultórica, funcionalista e a-historicista -, e da *cidade-objecto* (fig.51), das décadas de 50 e 60 – utópica e dominadora -, o *objecto-cidade* (fig.49) retoma “o conceito de tecido próprio da cidade histórica consolidada”, já que é simultaneamente “ideia de projecto arquitectónico e (...) proposta pedaço de cidade”<sup>16</sup>. A delimitação rígida dos seus limites físicos perde importância, “dado que a adição ou subtracção das células primordiais são parte integrante do próprio conceito de flexibilidade que contém”, o que permite “a incorporação do tempo como uma variável activa na arquitectura urbana”<sup>17</sup>.

18. *Ibid.*, p.115.

O *objecto-cidade* é acima de tudo um gesto estruturador, a inserção de “um princípio regridor”. A “memória colectiva da coexistência urbana” pode ser o ponto de partida desse conjunto de princípios, já que os instrumentos de composição e estruturação que lhe subjazem são reconhecíveis, permitindo a apropriação imediata. Isto garante a continuidade da gramática urbana, sem castrar a inovação formal: “No fundo, a sociedade aceita a novidade formal, mas impõe uma estruturação espacial ligada à memória da tradição urbana, naquilo que ela contém de clareza estrutural e espacial.”<sup>18</sup>

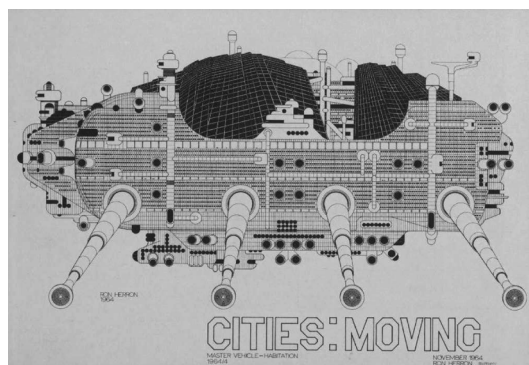
No presente caso, os princípios da *arquitectura islâmica*, tal como podem ser observados na cidade histórica, podem ser essa gramática comum: o pátio como espaço organizador e servidor; a dicotomia entre os pisos superiores e os inferiores, reveladora da também forte diferença entre a vida pública e a privada; a não alocação de uma função específica aos espaços, que facilitam diferentes apropriações no tempo... O exercício de projecto baseia-se nessas premissas e pensa-as no momento presente, dando-lhes uma forma, filha do seu tempo, que não tem a petulância de se achar terminada.



**Fig.49** | *Proposta para Frankfurt-Romberg*, exemplo do *objecto-cidade*. A proposta para a cidade alemã, pós 2ª Guerra Mundial ficou no papel, mas propunha “não uma megaestrutura mas um princípio estruturador mínimo”, o que acomodava não só as alterações como o crescimento urbano. [1963. Candilis, Josic, Woods].



**Fig.50** | *Plan Voisin*, exemplo da *cidade dos objects*. Este projecto para Paris, nunca implementado, marcou as intervenções urbanas a nível global feitas nas décadas subsequentes. É um exemplo último do urbanismo modernista, que defende a divisão de funções em áreas distintas da cidade. [1925. Le Corbusier].



**Fig.51** | *Cities : Moving, Master Vehicle-Habitation*, exemplo da *cidade-objecto*. As utopias da década de 50 e 60, jamais construídas, reduziam as cidades a elementos estanques, com pouco ou nenhum diálogo com o ambiente ou a cultura local. [1964. Ron Herron (Archigram)].

#### 4.2.1. Universidade Livre de Berlim - Berlim, Alemanha

Candilis, Josic, Woods, Schiedhelm (1963)

Projectada como “símbolo de liberdade, flexibilidade e abertura”<sup>19</sup> da oferta universitária de Berlim Ocidental<sup>20</sup>, a Universidade Livre de Berlim surge como resposta ao *campus* universitário modernista, podendo ser considerada um projecto-manifesto do que seria a universidade do futuro.

Os arquitectos, críticos dos seus predecessores modernistas e previamente ligados ao *Team 10*<sup>21</sup>, ganharam a competição mais do que com um projecto arquitectónico, com uma nova concepção do que deveria ser o desenho da cidade numa Europa pós-2ª Guerra Mundial, preocupada com a rápida expansão dos limites das cidades e urbanização da população.

Para além do desafio de “criar um amplo espaço de trabalho para cerca de 3600 estudantes e vários departamentos” (fig.52), o edifício almejava ser o instigador de uma nova centralidade numa cidade em crescimento, dada a sua localização numa zona, à altura, periférica<sup>22</sup> (fig.53).

Em vez de uma série de pavilhões independentes articulados, a Universidade Livre de Berlim procurava responder à necessidade de acomodar um número crescente de estudantes e uma oferta formativa cada vez mais vasta através da densificação horizontal – *groundscraper*<sup>23</sup> - por oposição às soluções tendencialmente verticais suas contemporâneas.

O desenho de uma matriz (fig.54) – em vez da rígida grelha modernista – garantia uma ordem geradora, mas não criava rigidez na utilização dos espaços, permitindo a flexibilização funcional das áreas, uma característica tida como fundamental num mundo em constante e veloz alteração – *habitat évolutif*<sup>24</sup>.

Esta proposta inovadora é em certa medida, também, a materialização do extenso trabalho teórico de um dos arquitectos – Shadrach Woods (1923-1973) -, que procurou afastar-se da “ditadura” da forma e debruçar-se sobre as actividades humanas como principais motores do desenho arquitectónico<sup>25</sup>.

Assim, este projecto preconiza as vantagens de um “sistema de circulação

19. KRUNIC, Dina [2012] “The “Groundscraper” – Candilis, Josic, Woods and the Free University Building in Berlin 1963-1973”, p.31; citação do presidente da câmara de Berlim à época.

20. Ibid.; a Universidade de Berlim Ocidental começou a ser construída em 1948, já que com a cisão de Berlim pós-2ª Guerra Mundial, o *campus* histórico da cidade havia ficado do lado Oriental.

21. Ibid., p.32; “a splinter group that emerged from the 9th Congress of CIAM.” e “Team 10 re-evaluated the supremacy of transportation and the aesthetics of modernism in post-war Europe that CIAM members supported.”

22. Ibid., p.41. Berlin Dahlem.

23. Ibid., p.42. “(...) an organizational system mediating the low-rise and high-density development.”

24. Ibid., p.35. “Within the Team 10 discourse, they developed the idea of the *habitat évolutif* (roughly, the changing habitat) and introduced growth, change, and mobility into traditional building models.”; tradução livre: o *habitat* em mudança.

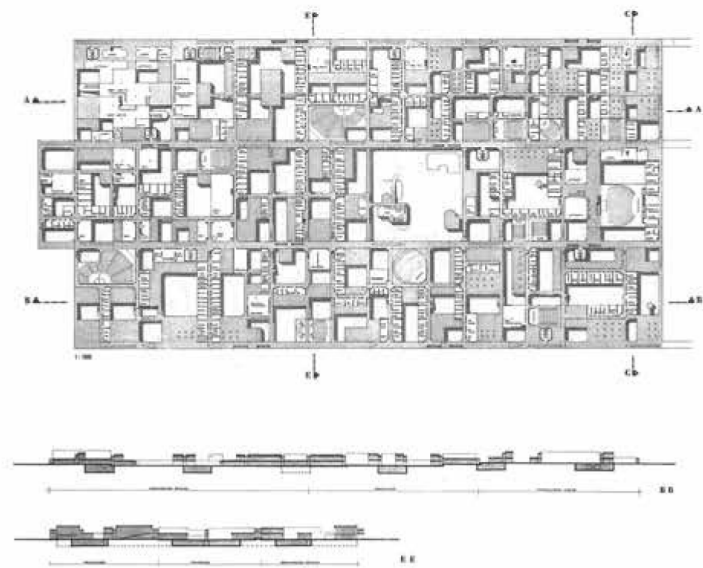
25. Ibid., p.39 “Woods (...) describes the Free University building as “not a mega-structure but rather a minimal structuring organization” that allows the project to grow and change.”



**Fig. 52** | Fachada do edifício principal da Universidade Livre de Berlim. Mantém a fachada original em painéis de aço *corten* desenhada por Jean Prouvé. [2015]

**Fig. 53** | Vista aérea - Universidade Livre de Berlim. [1974].

**Fig. 54** | Desenhos apresentados a concurso - Universidade Livre de Berlim [1963].



capilar” em vez da preocupação com a definição estanque dos limites formais entre o objecto arquitectónico e o espaço público – *stem*<sup>26</sup> – e a não-definição hierárquica dos espaços e das centralidades deixando que essa aconteça como resultado orgânico da utilização e apropriação dos mesmos ao longo do tempo – *web*<sup>27</sup>. O resultado desafiou a compartimentação tradicional da universidade em departamentos. A matriz definida não impunha uma “mega-estrutura”, pelo contrário definia uma “estruturação mínima”, pensando em eventuais futuras extensões e alterações – *mat-urbanism*<sup>28</sup>.

Sobre os principais eixos de circulação, concentram-se os espaços de fruição pública – auditórios, cafés, lojas, livrarias, grandes salas de aulas – ligados por uma rede de eixos secundários às salas de aulas mais pequenas e aos gabinetes de trabalho individual. Deste modo, garante-se a coexistência da salutar vibrante troca de ideias entre indivíduos com a igual necessidade de reclusão e concentração em tarefas que assim o exigem.

Desta forma, a distribuição dos espaços em altura foi feita consoante a frequência das actividades: no piso público, tudo o que estava relacionado com a interacção diária, como o encontro e a partilha de conhecimentos e experiências; nos superiores, os espaços de uso mais restrito, individual e/ou pontual.

É difícil catalogar a Universidade Livre de Berlim como um edifício no seu sentido tradicional; é mais um “micro-cosmos”<sup>29</sup> entre o edifício e a cidade, um exemplo maior de *objecto-cidade*. Apesar de, na prática, não cumprir todos os pressupostos teóricos de flexibilidade funcional e agregação a que se propunha, é uma estrutura viva e mutável, que permanece mantendo a sua pertinência ao reinventar-se<sup>30</sup>, adaptando-se às exigências dos tempos e do ensino.

26. Ibid.,p.35. “Instead of outlining the building envelope as the basis for an urban plan, Woods proposes that the stem, which resembles a capillary distribution system, become the driving tool. This tool connects a building directly to the end of the smallest street, and allows for a continuous extension into any neighborhood.”; tradução literal: haste.

27. Ibid.,p.36. “According to Woods, the web is a polycentric environmental system in that many individual actions focus attention on peripheral locations; tradução literal: teia.

28. Ibid.,p.39; tradução literal: urbanismo-tapete. Neste caso, o módulo da matriz foi definido em função do tempo (65,63m, a distância percorrida sensivelmente num minuto a pé).

29. RICHARDS, Brian, “BFU/Nine Evaluations,” *Architecture Plus* (Jan/Feb 1974), p.47. citado *in* *ibid.*, p.44; “a city in microcosm and the ideas in it are ideas for cities.”

30. Em 1997, os Foster+Partners ganharam uma competição para reabilitar o edifício e adicionar uma biblioteca.

### 4.3. *Learning-city*: a escola como micro-cidade

31. Op.cit., p.8; tradução livre: “A escola deve ser um ambiente em constante mutação, estimulante, como numa loja em que tudo está exposto à nossa espera.”

32. HERTZBERGER, Herman [2008] “Space and Learning - Lessons in Architecture 3”, p.128.

33. Op.cit., p.132; tradução livre: “As escolas precisam tanto de estradas como de praças. Tem de haver um espaço tipo-praça onde todos os alunos e professores (...) se podem juntar para eventos especiais, mas tem também de haver uma intersecção tipo-estrada onde a localização de todas as actividades quotidianas é visíveis a todos e em todos os momentos.”

“The school must be an ever-changing, stimulating environment where there is a lot going on and there are choices to be made, as in a shop where everything is laid out waiting for you.”<sup>31</sup>.

in *Space and Learning – Lessons in Architecture 3*, Herman Hertzberger, 2008

Pensar numa escola enquanto uma micro-cidade, dada a sua complexidade funcional, ajuda a conceptualizar o desafio de articular espacialmente um programa tão extenso e diversificado, criando analogias profícuas entre o átrio e a praça principal da cidade, o corredor e as estradas, a sala de aula e a casa<sup>32</sup>.

“Schools need both streets and squares. There has to be a square-like space where all pupils and teachers (...) can gather for special events, but there must also be a street-like “intersection” where all daily activities that are to be visible to every-one at all the times are to be located.”<sup>33</sup>.

in *Space and Learning – Lessons in Architecture 3*, Herman Hertzberger, 2008

A inferência do desenho urbano para o desenho da escola ensina-nos que as relações formais entre os espaços de maior dimensão e públicos e os de menor e mais interiorizados pode ser um *continuum*, sem que isso comprometa a natureza distinta e específica de cada um deles.

#### 4.3.1. O átrio como praça

Nas cidades, a praça é espaço de encontro, tornando-se “o símbolo espacial da comunidade” por excelência (fig.55), também o átrio na escola adquire um papel central na vida da comunidade escolar. Na praça, “o coração da cidade”, todas as principais artérias da urbe convertem. Também ao átrio devem ocorrer os principais eixos de circulação da escola.

Nas praças, ocorrem as paradas, as procissões e os grandes eventos culturais. As escolas necessitam também de um espaço solene, onde se possa cumprir a sua vida comunitária – as assembleias de alunos; as exposições de trabalhos anuais; as aulas-abertas –, geralmente um grande auditório, que lhes é afecto.

É, no entanto, igualmente fundamental que esse espaço abarque os encontros espontâneos, garantindo a sua utilização continuada no tempo, criando uma imagem vibrante e entusiasmante da vida escolar. Fomentar a partilha entre alunos e professores fora da sala de aula, partilhando experiências e conhecimentos de modo informal, potencializa as oportunidades oferecidas pelo equipamento educativo tradicional. Criar um género de “centro da cidade” em ponto pequeno, onde há sempre algo para fazer”, motiva a participação de todos e cria o ambiente propício à transmissão activa de saberes<sup>34</sup>.



34. Ibid., p.136.

**Fig.55** | Castelvittorio, Itália. A cidade tradicional encerra valiosas lições quanto ao desenho de espaços dedicados ao ensino. Aqui, a praça principal vira sala de aula. alguns jogam jogos tradicionais, enquanto os patamares envolventes se tornam bancada e escrivaninha improvisada para outros que assistem e aprendem. [s/d. Herman Hertzberger]

35. ARCHDAILY, "Clássicos da Arquitetura: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi." Texto de Igor Fracalossi.

#### 4.3.1.1. FAU-USP - São Paulo, Brasil

João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi (1969)

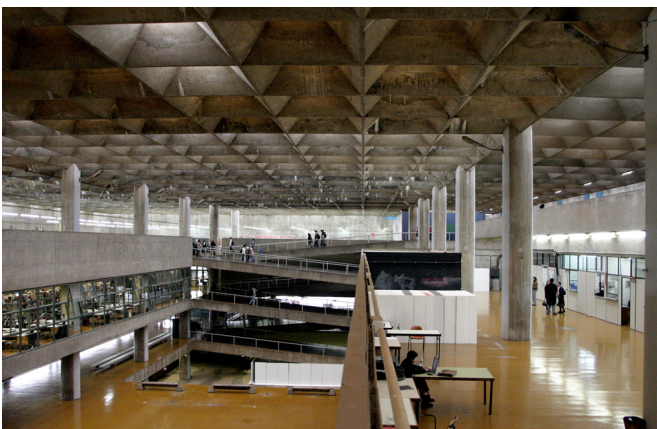
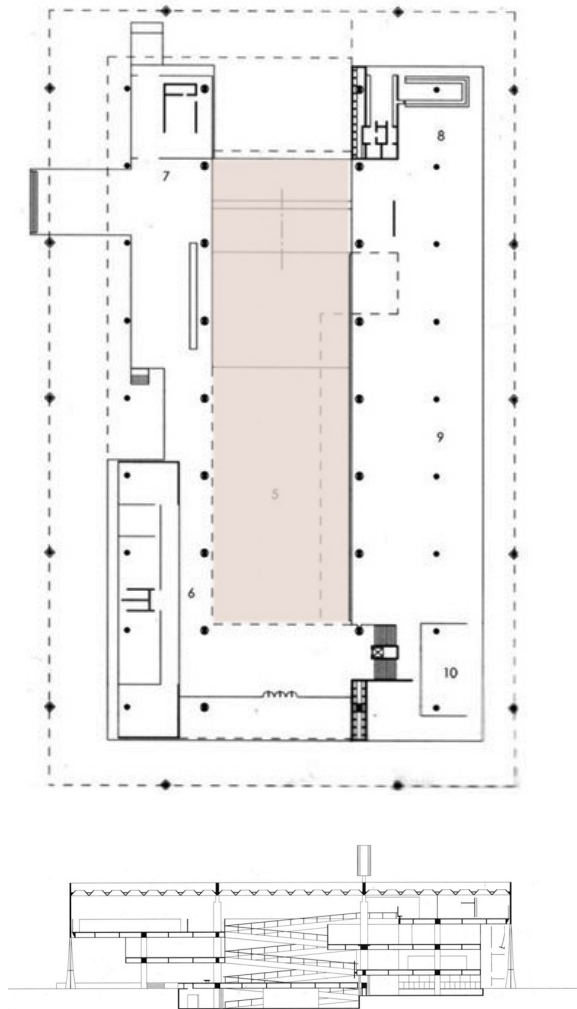
A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, peça-manifesto do brutalismo brasileiro, começou a ser desenhada (1961) tendo como premissa geradora a ideia de *continuidade espacial*.

Assim, não existem barreiras estanques entre os espaços. As superfícies envidraçadas na parte inferior da grande nave central marcam apenas a transição entre os espaços, não impedindo a comunicação visual entre diferentes grupos atidos a diferentes actividades.

A articulação entre os seis pisos de betão é feita através de um sistema de rampas, de inclinação suave, que enfatiza a ideia de unidade espacial (fig.52). Todos os espaços da universidade têm acesso e estão interligados a partir deste eixo comum, que pode ser apropriado dado a sua largura, o que permite acomodar outras funções para além da estrita circulação.

Estas rampas partem do "coração do espaço" – o grande átrio central da escola, vazado a toda a altura, para onde as janelas dos restantes espaços estão voltadas (fig.56). Tal permite a comunicação visual ininterrupta entre os diferentes espaços (fig.57 e 58), o que responde a um modelo educativo que se pretende inclusivo e plural, com vista à formação de profissionais completos conhecedores da "arte e das técnicas industriais", mas também das "actividades artesanais", como preconizado pela fundadora *Bauhaus*.

As possibilidades de circulação são infinitas entre as "oficinas de modelos, tipografia, laboratório fotográfico, estúdios, salas de aula". A universidade torna-se um "grande laboratório de ensaios"<sup>35</sup>.



**Fig.56** | Planta do piso térreo - FA-USP. O átrio ocupa um lugar central no edifício. [1969]

**Fig.57** | Corte transversal - FA-USP. A distribuição entre os vários pisos é feita a partir de um sistema de rampas único. [1969]

**Fig.58** | O átrio central da FA-USP. O grande espaço central ocupa um papel preponderante, existindo contacto visual entre os corredores de circulação dos pisos superiores e este. [2011]

#### 4.3.2. O corredor como estrada

36. HERTZBERGER, Herman [2008], op.cit., p.20. A aprendizagem contínua é incentivada pelo desenho arquitectónico.

37. Ibid., p.114.

O corredor é mais do que um espaço de circulação inanimado, mais do que local onde existem “exclusivamente bengaleiros para colocar os casacos”. O corredor deve, assim, ser “colonizado”, dando espaço a nichos e recantos, de que cada um pode apropriar-se, fomentando encontros fortuitos e uma constante redescoberta dos espaços que o ladeiam, através da sua utilização criativa e diversificada – *learning street*<sup>36</sup>.

O corredor visto enquanto extensão da sala de aula desenha um espaço de continuidade, vivo e estimulante, que deve ao mesmo tempo ter uma leitura clara e linear, facilitando a circulação, e promover a variação suficiente para permitir o que é fortuito - novos estímulos. Deve ser um género de *promenade educacional*, por analogia à *promenade architecturale* corbusiana, “uma sucessão de experiências fomentadas pela variação da luz, (...) das vistas, das alturas e das cores à medida que nos vamos movendo no espaço<sup>37</sup>”

#### 4.3.3. A aprendizagem activa, a aprendizagem passiva

“Classrooms of schools (...) have changed from group rooms to subject rooms. They used to be entirely the domain of the teachers while the pupils, without a place of their own, wandered through the school like nomads along a route dictated by the sequence of lessons<sup>38</sup>.

in *Space and Learning – Lessons in Architecture* 3, Herman Hertzberger, 2008

38. Op.cit., p.36; tradução livre: “As salas de aula deixaram de ser salas de grupo para se tornarem salas de disciplinas. Elas (as salas) costumavam ser domínio total dos professores enquanto os alunos, sem um espaço próprio, vagueavam pela escola como nómadas ao longo de um percurso ditado pela sequência de aulas.”

Apesar da criação e melhoramento das ferramentas educativas no decurso do último século, fruto da oferta formativa cada vez mais plural, da introdução das novas tecnologias e da constante tentativa de compatibilizar a formação com a procura do mercado de trabalho, a materialização de novas visões sobre as tipologias educativas não tem sido igualmente borbulhante.

Uma escola continua ainda a significar, quase sempre, uma sucessão de salas unidas por um corredor ou um conjunto de pavilhões, onde os alunos são hierarquizados por anos ou por área disciplinar. Esta é uma visão estanque e limitativa, assente num modelo de *aprendizagem passiva*, que faculta informação do professor para o aluno mas não garante a capacidade que este

último têm de a pôr em prática de modo independente.

Reflectir sobre o modo como o espaço pode fomentar a transmissão de conhecimentos, fomentando e estimulando a progressiva independência do aluno através da sensibilização para a importância da formação contínua e da constante tentativa de adaptação às exigências da profissão – *aprendizagem activa* - é premente<sup>39</sup>.

A sala de aula tem de ser capaz de responder a esta dicotomia. A *sala de aula tradicional* – rectangular e unidirecional – coloca tanto o professor quanto o aluno sobre atenção constante, não permitindo momentos de pausa e reflexão individuais, tão necessários na independentização do aluno durante a aprendizagem de um ofício prático.

É importante que a sala de aula seja um espaço de conforto, onde é possível a privacidade, se necessário, quase como uma extensão da casa de cada um. Dada a possibilidade de moldarmos o ambiente, tornamo-lo para nós tão agradável quanto possível, de modo a reunir condições tão ideais quanto as possíveis à veiculação de conhecimentos e técnicas.

A criação de vários pontos de foco facilita a variabilidade das disposições e a sua alternância no decorrer do tempo, abrindo espaço para a concentração numa tarefa específica, deixando margem também para a tentativa e erro, num nicho mais recatado<sup>40</sup>.

A sala de aula, no entanto, não tem de ser a panaceia para todas as variações e alterações do processo de aprendizagem, podendo os espaços comuns, com as suas inflexões e não-determinação funcional, servir de complemento às mesmas.

39. PARQUE ESCOLAR [2009] Introdução.

40. HERTZBERGER, Herman [2008] op.cit., p.24.

#### 4.4.4. Os elementos flexíveis, o mobiliário-âncora

41. Ibid., p.58.

42. Ibid., p.52.

43. Ibid., p.101.

A rápida evolução tecnológica e frenética transformação do mundo do trabalho faz-nos inferir que os métodos de ensino continuarão a modificar-se, procurando responder às exigências do seu tempo.

Na impossibilidade de prever essas oscilações desenhando-lhes uma solução última, a flexibilização do espaço parece ser a resposta possível à resiliência e pertinência funcional desejadas para uma escola<sup>41</sup>.

Na prática, deseja-se o desenho de uma estrutura imutável, que se possa, contudo, ir transfigurando conforme as necessidades, recorrendo a elementos independentes, que permitem várias composições espaciais – “partições leves, estruturas ligeiras” – *learning landscape*<sup>42</sup> (fig.59).

Por outro lado, apraz-nos, de igual modo, reflectir sobre o que é atemporal e sempre necessário – um ponto de água e de lixos, nas aulas oficinais; cacifos, junto dos espaços de trabalho – e utilizá-los como elementos hierarquizadores, “magnéticos”, aos quais os tais elementos flexíveis se vão adossar<sup>43</sup>.



**Fig.59** | *Montessori College Oost*, Amsterdão. Não existe uma definição clara entre aquilo que são os espaços destinados a aulas e os de circulação e pausa - *learning landscape*. A escola funciona como um todo, moldando-se às necessidades dos alunos, professores e restante comunidade académica [s/d. Herman Hertzberger]

#### 4.4.1.1. Escola de Arquitectura e Design de Oslo - Oslo, Noruega

Jarmund/Vigsnaes AS Architects (2001)

Os Jarmund/Vigsnaes AS Architects desenharam, na necessidade de realojar a Escola de Arquitectura e Design de Oslo, a requalificação e alargamento de uma antiga estrutura industrial inactiva, originalmente construída na década de 30 do século passado, considerada património de interesse<sup>44</sup>.

Uma das principais premissas era a manutenção da relação directa desta área da cidade com a frente do rio *Akerselva*. A solução encontrada foi a adição ao edifício original de uma estrutura “ponte”, que garante a continuidade dos atravessamentos públicos. Um recorte na laje original do primeiro piso criou um pátio exterior, que serve igualmente de cobertura verde, garantindo a iluminação natural aos espaços comuns do piso público, às salas de aula do primeiro piso e aos gabinetes do segundo.

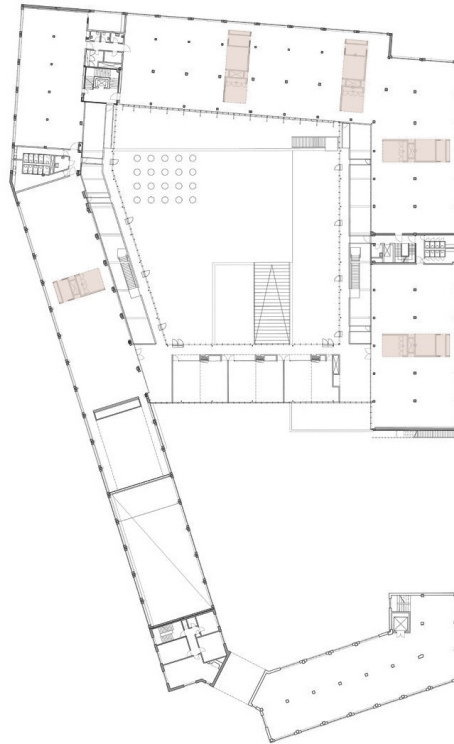
No interior, a circulação faz-se através de corredores que seguem a disposição da *planta em U* (fig.60). A cantina, por exemplo, não é mais do que um alargamento desse eixo de circulação, imiscuindo-se numa lógica global de circulação fluída e clara entre os espaços, evitando compartimentações desnecessárias.

O espaço expositivo serve-se de elementos leves e flexíveis – cortinas e painéis amovíveis – para permitir a sua adaptação às várias mostras que vai recebendo (fig.61). Nas salas de aula, contudo, faz-se uso de mobiliário fixo e núcleos infraestruturados, apesar de se desejar um ambiente de trabalho oficial, onde os alunos podem circular livremente, espreitando o que está a decorrer no espaço contíguo (fig.62). Providencia-se, deste modo, a separação visual e sonora necessárias entre diferentes grupos de trabalho, sem castrar a permeabilidade e contaminação profícua.

Estes núcleos infra-estruturados sugerem um programa considerado atemporal, imprescindível – espaços de arrumação e circulação vertical, por exemplo -, o que é uma estratégia eficaz na utilização económica do espaço, ao mesmo tempo que se criam pontos forçosamente de contacto entre diferentes actividades e indivíduos<sup>45</sup>.

44. JVA, “Descrição do projecto da Escola de Arquitectura e Design de Oslo.” Texto de Jarmund/Vigsnaes AS Architects.

45. ARCHDAILY, “Oslo School of Architecture / JVA.”



**Fig.60** | Planta do piso de aulas.  
Núcleos infraestruturados marcam a separação entre salas, sem castrar a comunicação directa entre elas.  
[2001]



**Fig.61** | Espaço expositivo - Escola de Arquitectura e Design de Oslo.  
[2008]



**Fig.62** | Salas oficinais - Escola de Arquitectura e Design de Oslo.  
[2001]

#### 4.4. A escola para lá da porta

A escola proposta destina-se à formação e ensino prático de adultos, com vista à sua qualificação técnica e profissionalização.

#### Definição

Surge volumetricamente enquanto resposta à cisão urbana; mas a sua organização espacial interior desenha-se em torno de dois grandes pátios. Um primeiro - pátio privado - afecto às áreas restritas, interiorizado e de dimensões mais reduzidas, e um segundo - pátio público -, o “coração” da escola, em torno do qual se organiza o programa colectivo, mais evidente e permeável (fig.63).

O acesso à escola faz-se através de uma rampa de escala urbana, que se inicia num dos vértices do volume e permite duas entradas distintas e independentes - uma à cota da área verde adjacente, que dá entrada para a secretaria, e outra que desemboca no pátio principal do edifício escolar.

A rampa dá lugar, no interior, a um corredor de distribuição principal, o que enfatiza a continuidade do percurso e gera permeabilidade entre a cidade histórica e a nova área verde proposta. Sobrepõe-se a um percurso, notório na análise cartográfica, de uma rota trilhada pelas caravanas e comerciantes que se aproximavam da urbe vindos de Sul (ver pág.22).

A dicotomia entre os espaços de usufruto público e as áreas afectas exclusivamente à comunidade escolar é também legível em altura. A escola distribui-se por quatro pisos (fig.64), existindo um desnível de meio-piso (2 m) a meio do edifício (fig.65), que visa colmatar a topografia acidentada do aterro onde este se implanta, comunicando directamente com a proposta de percurso urbano já descrito.

Os dois primeiros pisos configuram o pesado embasamento, funcionando pontualmente em duplo pé-direito. O quadrado é a matriz geradora do espaço, regra essa que é mantida como factor unificante desde a definição dos eixos estruturais à estereotomia do pavimento, passando pelos vãos e pelos respectivos sistemas de sombreamento. Esta estratégia, frequentemente observável na arquitectura islâmica, parte da definição de um módulo que,

#### Programa

*aulas*  
+14,00/+16,00

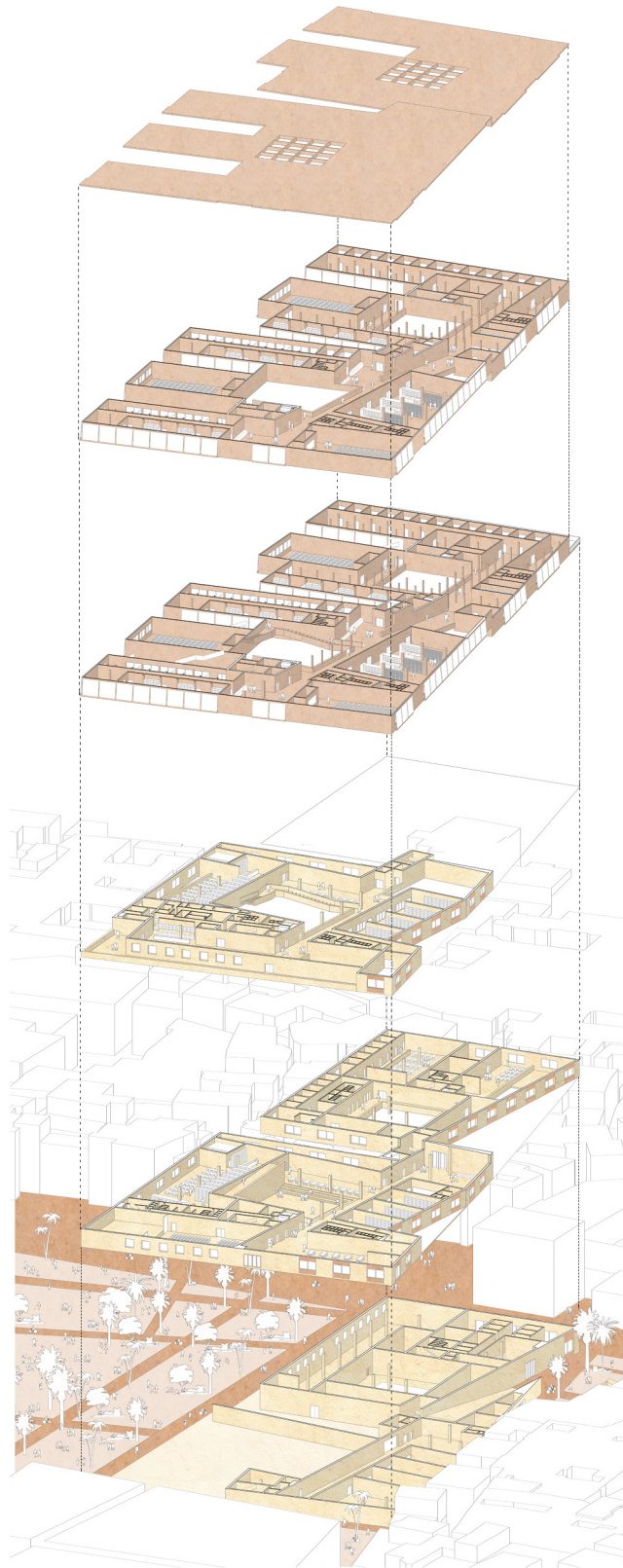
*aulas*  
+14,00/+16,00

*aulas*  
+10,00/+12,00

*serviços*  
+8,00

*serviços*  
+4,00/+6,00

*serviços*  
390 (+0,00)

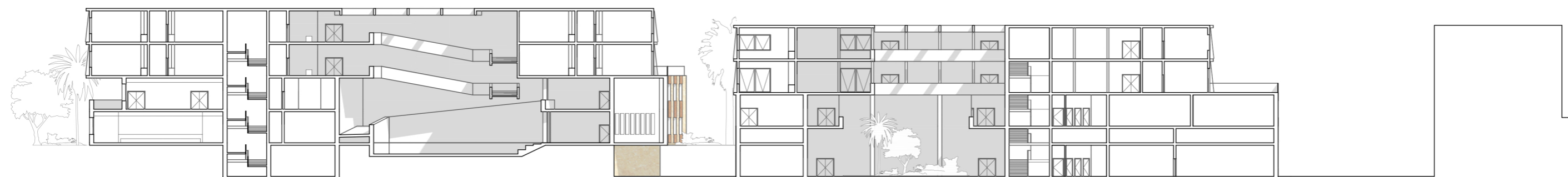


**Fig.63** | Axonometria da proposta arquitetónica. A distribuição programática faz-se em torno dos pátios. [Desenho da autora]

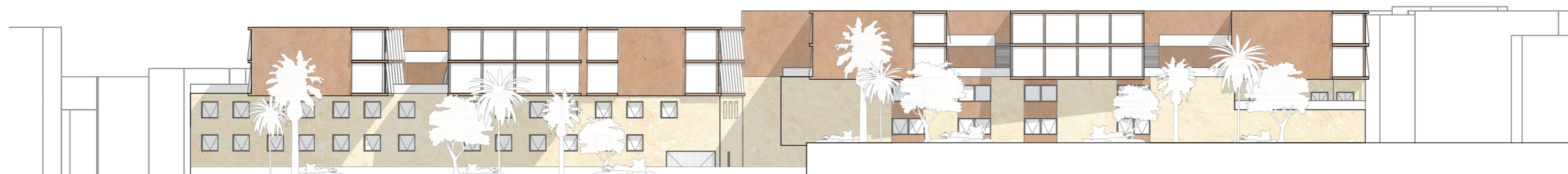


1:2000

**Fig.64** | Plantas da proposta arquitectónica. A escola desenvolve-se em quatro pisos; persistindo um desnível entre o núcleo privado - a Norte - e o público - a Sul. A amarelo assinalam-se as áreas de serviços e a castanho, as áreas de aulas. [Desenho da autora. Escala 1:2000]



*corte longitudinal*  
1:500



*alçado este*  
1:500

**Fig.65** | Corte e alçado do projecto. Os desenhos denotam a proposta de continuidade entre o jardim envolvente e o espaço arquitectónico proposto. [Desenho da autora. Escala 1:500]



reinterpretado e reproduzido às diferentes escalas, cria espontaneamente uma noção de harmonia e equilíbrio.

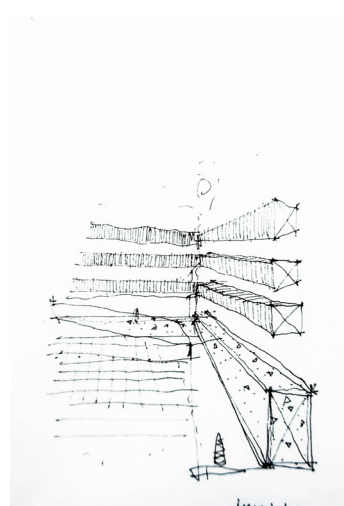
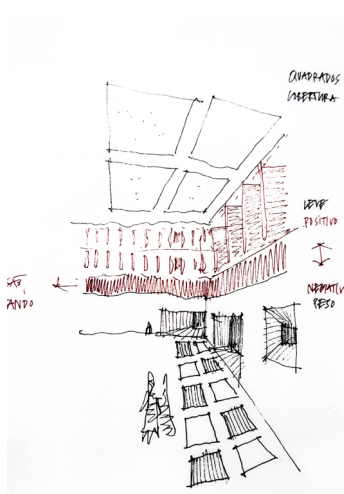
A estrutura metálica pesada é fechada com blocos de argila, cozidos ao sol - um piscar de olhos à tradição local e à economia projectual -, criando a ilusão cromática da inexistência de limites entre o espaço público limítrofe e estes dois primeiros pisos. Aqui, em torno do pátio privativo encontra-se a secretaria, a administração, a área de professores e a área de funcionários bem como os espaços técnicos necessários. Confinantes com o pátio público (fig.67 e 68), nos dois pisos encontram-se a biblioteca (fig.69 e 70), a livraria, a reprografia, a papelaria, as lojas de material especializado e a cantina, bem como a cafetaria e o auditório principal da escola - que contam com entradas independentes, de modo que possam independentizar-se, se necessário, e servir igualmente a vida do previsto parque urbano adjacente (fig.71).

A circulação entre pisos faz-se através de núcleos de acesso verticais, que permitem a comunicação desde as áreas de arrumos e estacionamento até às salas de aula. Do pátio público, parte uma rampa, que nos pisos superiores, se converte em escada (fig.72). Oferece-se, assim, também um percurso mais lento, que garante a comunicação visual entre os vários pisos e promove a observação e curiosidade sobre as actividades que neles se desenrolam. A iluminação zenital incide no ponto de encontro da escola por excelência.

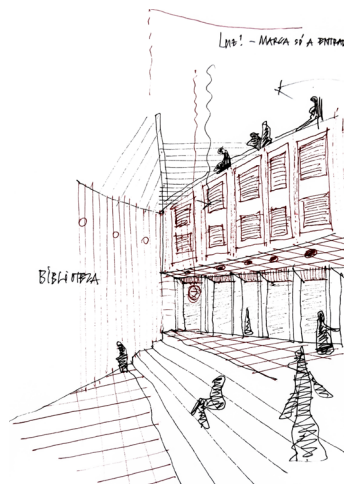
Os dois pisos superiores estão pensados para o usufruto exclusivo da comunidade escolar. A estrutura, mais leve e mutável, coloca em evidência a conciliação entre o programa público, que visa ser uma quase continuidade da malha urbana cidadina, e o programa específico da escola, acentuando uma demarcação entre a esfera pública e privada muito evidente na arquitectura vernacular local.

O eixo de circulação principal mantém-se um espelho do dos pisos inferiores, podendo, dadas as suas generosas dimensões, originar espaços de trabalho autónomo e pontuais, zonas expositivas e áreas de decompressão, materializando a ideia de *learning street*, anteriormente exposta.

**Fig.66** | (página anterior) Mapa de áreas. Descrição do programa e contabilização da área de implantação e construção.

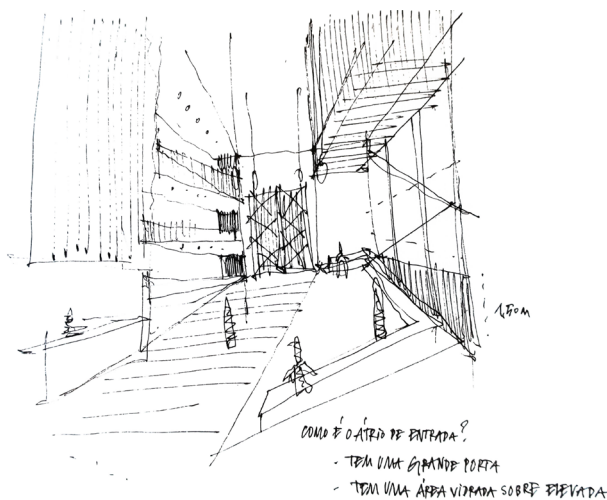


**Fig.67 e 68** | Esquissos do pátio público. Mais do que um mero espaço de distribuição, procurou desenhar-se um ponto de reunião da escola.



**Fig.69 e 70** | Esquissos da biblioteca. A biblioteca desenvolve-se em dois pisos, sendo o inferior dedicado à leitura e consulta silenciosa de volumes e o segundo ao trabalho independente ou de grupos.

**Fig.71** | Esquisto da entrada principal. O enorme pé direito permite o contacto visual entre pisos na transição em altura entre os dois núcleos que constituem o equipamento escolar.





**Fig.72** | Pátio principal. O pátio é o elemento organizador por excelência, o coração da escola. [Desenho da autora]

### Tipologias

Este grande corredor ramifica-se depois em corredores de acesso às salas de aula, mais estreitos (fig.73). Os painéis de madeira deslizantes que as separam permitem adaptar o espaço às necessidades do ensino oficial (fig.75). Abertos, garantem uma visão geral sobre o trabalho desenvolvido pelos vários grupos, fomentando a troca de ideias e partilha de experiências, à semelhança do que acontecia tradicionalmente durante a formação dos jovens aprendizes nas oficinas afectas às lojas dos *souks*. Fechados, garantem a privacidade, a concentração e o recato necessários ao trabalho metódico e independente, fundamental à aprendizagem e cimentação de conhecimentos de um mester prático. Os eixos de salas em corredor, intercalados por pequenas áreas de cobertura verde, desenham uma fachada que se abre e revela ao parque público.

Cada eixo de salas é pontuado por um auditório, de maiores dimensões, pensado para suprimir as necessidades da veiculação de conhecimento teórico complementar à aprendizagem prática (fig.78). Para trabalhos de maior dimensão ou que envolvam o recurso a determinados materiais ou maquinaria, ambos os pisos de aulas contam ainda com uma área oficial que funciona segundo os mesmos pressupostos das salas de aula já descritas (fig.74). O grande espaço pavilhonar é pontuado por núcleos infraestruturados, onde estão concentrados os arrumos, os lixos e um ponto de água, podendo ser subdividido através de separadores têxteis, que correm sobre uma calha (fig.76).

Os espaços de trabalho dos professores e os respectivos gabinetes, em vez de concentrados junto das áreas restritas que lhes estão afectas, distribuem-se pelos pisos de aulas, garantindo proximidade e partilha entre a comunidade escolar.

### Matéria

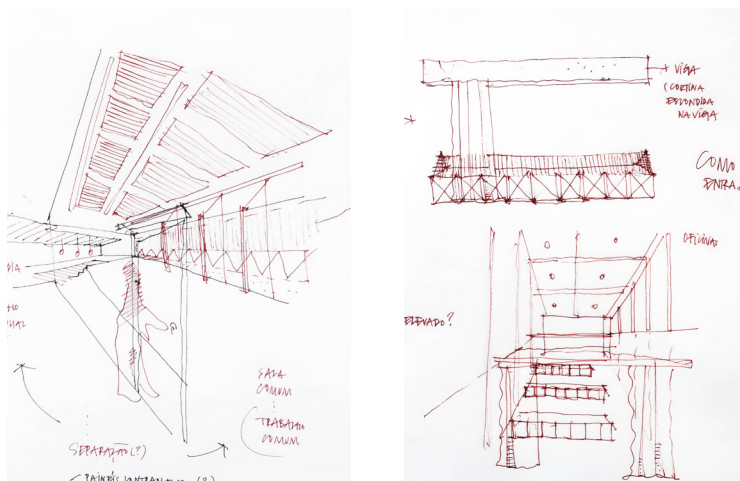
A fachada procura entrar em diálogo com a homogeneidade da paisagem urbana envolvente (fig.77). No embasamento, cria-se a ilusão de pano de vidro contínuo, que se estende pelos dois pisos, recorrendo a painéis de madeira, que sombreiam ligeiramente os vãos.



**Fig.73** | Sala de aula. A unidade tipológica base, pensado para pequenos grupos, ideal para a aprendizagem teórico-prática. [Desenho da autora]

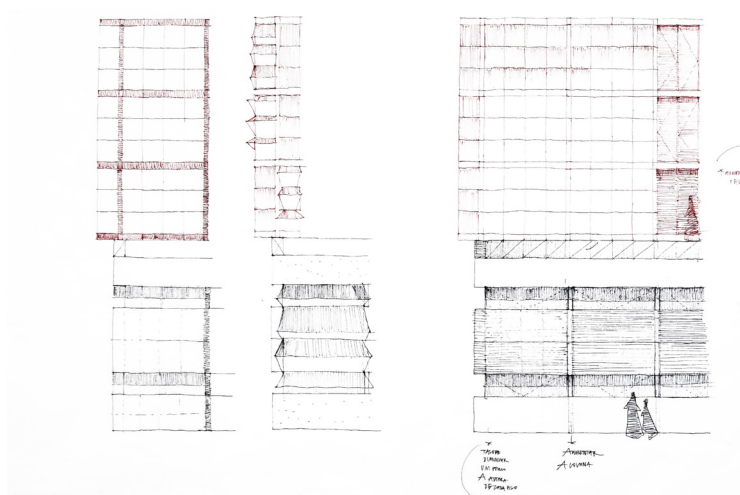
**Fig.74** | Oficina. O espaço para trabalhos de maiores dimensões ou que envolvam o recurso a determinados materiais ou maquinaria. [Desenho da autora]

Nos pisos de aulas, reflectiu-se sobretudo sobre a necessidade de garantir iluminação natural, não deixando de resolver a questão do sobreaquecimento e exposição solar intensa durante os meses quentes, tão castigadores num clima como este. Optou-se por um sistema metálico basculante, que funciona como uma pele, e que através de um têxtil retráctil permite controlar a incidência solar directa, sem comprometer totalmente a luminosidade (fig.79 a 83).

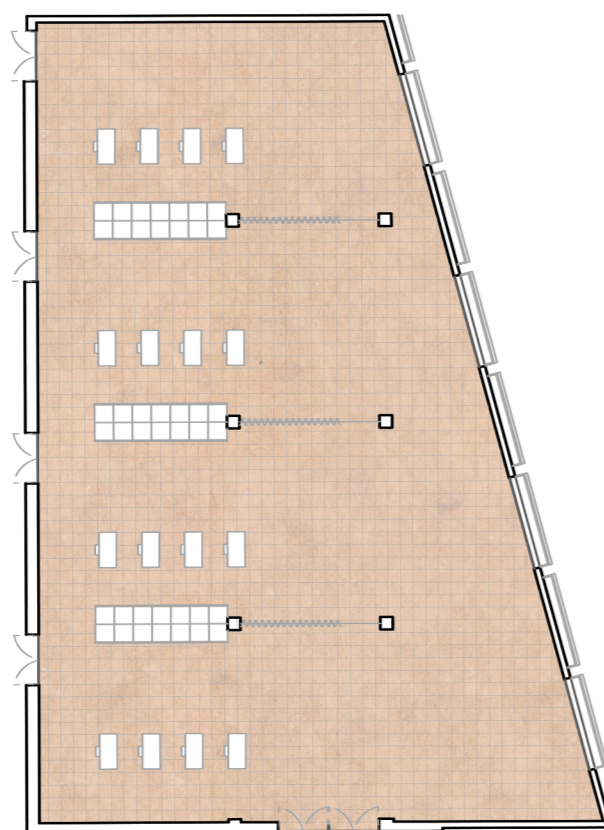


**Fig.75** | Esquisso das salas de aula. As salas de aula, destinadas a pequenos grupos, oferecem um espaço de trabalho flexível, podendo adaptar-se às necessidades dado os painéis de madeira deslizantes.

**Fig.76** | Esquisso das oficinas. Em cada piso afecto às aulas, existe uma oficina. Para permitir o isolamento visual e acústico necessário a diferentes trabalhos, estão subdivididas por separadores têxteis, não deixando de permitir a comunicação visual entre os espaços.



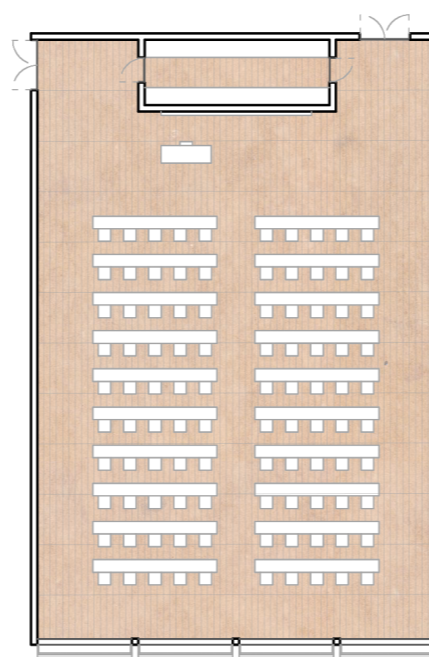
**Fig.77** | Estudo da fachada. A fachada procura resolver questões de sombreamento e ventilação, recorrendo à re-interpretação de estratégias vernaculares ou populares.



**Oficina**  
Aprendizagem Prática

 80-120  
575 m<sup>2</sup>

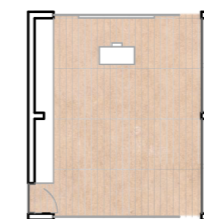
Para trabalhos de maior dimensão ou que envolvam o recurso a determinados materiais ou maquinaria, existe em cada piso, uma grande oficina. O espaço pavilhonar é pontuado por núcleos infraestruturados, onde estão concentrados os arrumos, os lixos e um ponto de água, podendo ser subdividido com separadores têxteis.



**Auditório**  
Aprendizagem Teórica

 100  
375 m<sup>2</sup>

De maiores dimensões do que a sala de aula, o auditório pretende suprimir as necessidades da veiculação de conhecimento teórico complementar à aprendizagem prática, necessário a uma formação completa junto dos futuros profissionais. Contém ainda um pequeno arrumo, onde se pode guardar material necessário à projecção de vídeo.



**Sala de Aula**  
Aprendizagem Teórico-Prática

 12-15  
50 m<sup>2</sup>

As salas de aula, mais contíguas, estão separadas por painéis de madeira deslizantes que dividem o espaço, respondendo às necessidades do ensino oficial. Destinadas a pequenos grupos, pretendem reproduzir o ambiente vivido nas pequenas oficinas dos *souks*, onde tradicionalmente se fazia a formação destes mestres.

**Fig.78** | Os espaços devotos à aprendizagem. Definiram-se espaços-tipo, nos pisos de aula, que permitam simultaneamente a aprendizagem teórica e prática. Estes, procuram ser o mais flexíveis possível, de modo a se adaptarem aos diferentes mestres e grupos. [Desenho da autora. Escala 1:300]



**Fig.79 |** Alçado este. Apesar da dicotomia matéria dos pisos de serviço e de aulas; a fachada partilha uma linguagem formal única, garantindo o "todo" arquitectónico, característico da arquitectura islâmica. [Desenho da autora. Escala 1:100.]



**Fig.80,81 e 82** | Maquete da proposta arquitectónica. Pode observar-se a directa correlação entre o desenho dos espaços interiores e exteriores. [Escala 1.200]



**Fig.83** | Espaço exterior - Alçado este. Paralelamente à escola, desenvolve-se uma rampa que garante a continuidade e fluidez dos percursos entre a cidade histórica e os novos bairros extramuros [Desenho da autora].



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconstruir, lidar com a destruição das cidades, foi uma temática apenas levemente abordada durante o percurso académico. Reflectir sobre esta questão revelou-se uma oportunidade de pensar sobre as exigências colocadas ao arquitecto na actualidade e no modo como a sua actuação e o seu corpo de conhecimentos podem ser de extrema pertinência no desenho de um futuro mais risonho para os territórios devastados.

Alepo, dado o conflito que nos é contemporâneo, tornou-se o caso de estudo deste trabalho. A metódica investigação histórica cedo deitou por terra ideias pré-concebidas e soluções universais, apesar de terem sido encontrados pontos de contacto com outras cidades analisadas, alvo de episódios destrutivos semelhantes.

Isto é, verificou-se a existência de uma correlação directa entre o desenho urbano e arquitectónico, ou o modo displicente como é tratado, e a eclosão de confrontos. Limitar a intervenção à reconstrução física de um edifício ou área particularmente fustigada pareceu, assim, pouco.

A análise cartográfica e a compreensão do desenvolvimento urbano alepino sublinharam zonas de profunda descontinuidade urbana nos limites entre a compacta cidade histórica e os novos bairros extramuros, apontando para a necessidade de actuar sobre os pontos de cisão, de modo a lançar pistas para uma reconstrução concertada e para a manutenção da paz urbana duradoura.

*Bab Qinnisrin*, a porta sudoeste da cidade, confinante com um grande vazio urbano, possibilitava o desenho de uma solução deste género.

A escola de artes e ofícios surge, assim, enquanto *object-city*, articulando, através de uma matriz quadrada que navega entre a escala urbana e a arquitectónica, a desarticulação entre a urbe e o subúrbio esquecido e desorganizado.

Capaz de gerar urbanidade num espaço que dela está totalmente

desprovido, a escola funciona enquanto pólo agregador, procurando através do património imaterial comum - os mesteres tradicionais locais -, lançar pontes de contacto entre os diferentes grupos que a habitam. Criar oportunidades para o diálogo e a cooperação e evitar a polarização e a alienação da vida urbana.

Desenhar um espaço escolar, em particular vocacionado para o ensino prático-profissional, passou por compreender as exigências programáticas específicas por ele requeridas. Tentou compatibilizar-se a tradição da aprendizagem oficial - um imaginário rico e que importa preservar - com a transmissão de conhecimento teórico que fomenta a criação de novos produtos e negócios, robustos, elegíveis para a feroz competição do mercado global.

A escola abre-se à cidade e torna-se permeável aos fortuitos encontros com o saber da tarimba dos dias. Procurou-se acima de tudo dotar a cidade, sedenta de esperança e de propostas de futuro sustentáveis, de um equipamento que visse na sua história indícios para o desenho de um advir mais sorridente e esperançoso.



**Fig.84** | Espaço exterior - Alçado oeste. A relação entre a escola e o espaço verde público quer-se aberta. [Desenho da autora].



## BIBLIOGRAFIA

### Livros

AL-SABOUNI, Marwa (2016) *The Battle for Home*. Londres: Thames & Hudson.

BIANCA, Stefano (2000) *Urban Form in the Arab World. Past and Present*. Londres/ Nova Iorque: Thames & Hudson. Disponível em <https://archnet.org/publications/10765>. Consultado a 01-02-2018.

BOISSIÈRE, Thierry; DAVID, Jean-Claude (2014) *Alep et ses territoires*. Beirute: Presses de l'Ifpo, Institut français du Proche-Orient. Disponível em <https://books.openedition.org/ifpo/6621>. Consultado a 06-05-2019.

BURNS, Ross (2016) *Aleppo: a History*. Nova Iorque: Routledge.

CHARLESWORTH, Esther (2006) *War, Reconstruction and Design Responsibility*. Oxford: Architectural Press, Architects without Borders.

CULLEN, Gordon (1961) *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 2006.

DAVID, Jean-Claude (1998) *La Suwayqat'Ali à Alep*. Damasco: Presses de l'Ifpo, Institut français du Proche-Orient. Disponível em <https://books.openedition.org/ifpo/7579>.

DEPLAZES, Andrea (2005) *Constructing Architecture – Materials, Processes, Structures – A Handbook*. Basileia, Boston e Berlim: Birkhäuser – Publishers for Architecture.

GAUBE, Heinz; WIRTH, Eugen (1984) *Aleppo: Historische und geographische Beiträge zur baulichen Gestaltung, zur sozialen organisation und zur wirtschaflichen Dynamik einer vorderasiatischen Fernhandelmetropole*. Berlim: Wiesbaden - L. Reichert.

GEHL, Jan (1971) *A Vida entre Edifícios*. Lisboa: Tigre de Papel, 2017.

HERTZBERGER, Herman (2008) *Space and Learning – Lessons in Architecture* 3. Roterdão: 010 Publishers. Disponível em [https://books.google.pt/books?id=uBE-TcROFtQC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=uBE-TcROFtQC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Consultado a 19-03-2019.

LYNCH, Kevin (1960) *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2014.

MACKIC, Arna (2017) *Mortal Cities and Forgotten Monuments*. Zurique: Park Books.

MANSEL, Philip (2016) *Aleppo: The Rise and Fall of Syria's Great Merchant City*. Londres: Tauris.

MAX TUNG, Anthony (2001) *Preserving the World's Great Cities: The Destruction and Renewal of the Historic Metropolis*. Nova Iorque: Clarkson Potter.

MORTADA, Hisham (2003) *Traditional Islamic Principles of Built Environment*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

MICHELL, George (1995) *Architecture of the Islamic World – Its History and Social Meaning*. Londres: Thames & Hudson.

NEGLIA, Giulia (2009) *Aleppo: Processi di formazione della città medievale islamica*. Bari: Politecnico di Bari, Facoltà di Architettura, Dipartimento ICAR.

ROSSI, Aldo (1966) *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2016.

SAUVAGET, Jean (1941) *Alep : Essai sur le développement d'une grande ville syrienne, des origines au milieu du XIX siècle*. Paris : Librairie Orientaliste Paul Geuthner. Disponível em <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com/2011/09/19/jean-sauvaget-alep-essai-sur-le-developpement-dune-grande-ville-syrienne-des-origines-au-milieu-du-xixeme-siecle/>>. Consultado a 31-05-2018.

VENTURI, Robert (1966) *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

W.A.Ve 2017 – IUAV Venezia (2017) *Syria – The Making of The Future. From Urbicide to The Architecture of the City*. Treviso: Incript Editore / Venezia: Università Iuav Venezia.

### **Artigos e Publicações**

BIANCA,Stefano; DAVID, Jean-Claude; RIZZARDI, Giovanni; BETON, Yves; CHAUFFERT-YVART, Bruno (UNESCO) (1980) *The Conservation of the Old City of Aleppo*. Paris. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0004/000421/042161eo.pdf>>. Consultado em 31-05-2018.

CORPUS Levant (2004) *Handbook for the maintenance and rehabilitation of traditional Syrian Architecture*. Avignon. Disponível em <http://www.meda-corpus.net/eng/index.asp?op=40202000>>. Consultado a 21-03-2019.

JODIDO, Philip (AKDN e Governo Sírio) (2011) *Syria in the Aga Khan Historic Cities Programme: strategies for Urban - Case Study of Aleppo Area Programme*. Munich: Prestel. Disponível em <http://archnet.org/publications/6666>>. Consultado a 04-06-2018.

JODIDO, Philip (AKDN e Governo Sírio) (2011) *Syria in the Aga Khan Historic Cities Programme: strategies for Urban - Case Study of Bab Quinesserin Park*. Munich: Prestel. Disponível em <http://archnet.org/publications/6673>>. Consultado a 04-06-2018.

KRUNIC, Dina (2012) *The Groundscraper – Candilis, Josic, Woods and the Free University Building in Berlin 1963-1973*. Disponível em [https://www.academia.edu/2652904/The\\_Groundscraper\\_Candilis\\_Josic\\_Woods\\_and\\_the\\_Free\\_University\\_Building\\_in\\_Berlin](https://www.academia.edu/2652904/The_Groundscraper_Candilis_Josic_Woods_and_the_Free_University_Building_in_Berlin)>. Consultado a 26-04-2018.

LOUSA, António (2009) *Object-city*. Coimbra: Universidade de Coimbra, Tese de Doutoramento. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/10746>>. Consultado a 22-04-2019.

PARQUE ESCOLAR (2009) *Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário. Manual de Projecto: Arquitectura. Versão 2.1*. Disponível em [https://www.dgae.mec.pt/?wpfb\\_dl=915](https://www.dgae.mec.pt/?wpfb_dl=915). Consultado a 06-05-2019.

SENNETT, Richard (2006) *The Open City*. Berlim: Urban Age. Disponível em <https://www.richardsennett.com/site/senn/UploadedResources/The%20Open%20City.pdf>>. Consultado a 18-04-2019.

UNESCO (2003) *Convenção Para A Salvaguarda Do Património Cultural Imaterial*. Paris. Disponível em [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por)>. Consultado a 11-02-2019.

UNESCO (2010) *The 1954 Hague Convention for the Protection of Cultural Property in the Event of Armed Conflict and its two (1954 and 1999) Protocols: basic texts*. Haia. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000187580>>. Consultado a 18-04-2019.

UNESCO (1980) *The Conservation of the old city of Aleppo: Syrian Arab Republic*. Paris. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000042161>>. Consultado a 16-04-2019.

VON RABENAU, Burkhard (GTZ e SUDP) (2010) *Municipality of Aleppo: LED Assessment*. Damascus and Columbus. Disponível em [http://www2.giz.de/wbf/4t-Dx9kw63gma/Rabenau\\_LED.pdf](http://www2.giz.de/wbf/4t-Dx9kw63gma/Rabenau_LED.pdf)>. Consultado a 31-05-2018.

## Web

Archdaily, *AD Classics: Faculty of Architecture and Urbanism, University of São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas and Carlos Cascaldi*. Texto de Catalina Gutiérrez. Disponível em <https://www.archdaily.com/799088/ad-classics-faculty-of-architecture-and-urbanism-university-of-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-and-carlos-cascaldi>>. Consultado a 22-04-2019.

Archdaily, *Clássicos da Arquitetura: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) / João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi*. Texto de Igor Fracalossi. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-12942/classicos-da-arquitetura-faculdade-de-arquitetura-e-urbanismo-da-universidade-de-sao-paulo-fau-usp-joao-vilanova-artigas-e-carlos-cascaldi>>. Consultado a 22-04-2019.

Archdaily, *Oslo School of Architecture / JVA*. Disponível em <https://www.archdaily.com/2240/oslo-school-of-architecture-jva>>. Consultado em 22-04-2019.

Archdaily, *Porta de Valletta / Renzo Piano Building Workshop*. Texto de Camilla Sheghen. Disponível em [https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation](https://www.archdaily.com.br/br/767835/portal-de-valletta-renzo-piano-building-workshop?ad_medium=widget&ad_name=recommendation)>. Consultado a 05-06-2018.

Archdaily, *Porta de Valletta de Renzo Piano, pelas lentes de Danica O. Kus*. Texto de Sabrina Santos. Disponível em [https://www.archdaily.com.br/br/869391/porta-de-valletta-de-renzo-piano-pelas-lentes-de-danica-o-us?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation](https://www.archdaily.com.br/br/869391/porta-de-valletta-de-renzo-piano-pelas-lentes-de-danica-o-us?ad_medium=widget&ad_name=recommendation)>. Consultado a 05-06-2018.

Failed Architecture, *Mortal Cities: The Irreversible Disappearance of Mostar*. Texto de Arna Mackic. Disponível em <https://failedarchitecture.com/mortal-cities-the-irreversible-disappearance-of-mostar/>>. Consultado a 15-04-2019.

JVA. Jarmund/Vigsnæs AS Architects, *Descrição do projecto da Escola de Arquitectura e Design de Oslo*. Disponível em <http://www.jva.no/projects/large/oslo-school-of-architecture.aspx>>. Consultado a 22-04-2019.

LAROUSSE (em linha). Disponível em <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>. Consultado a 17-12-2019.

RPBW. Renzo Piano Building Workshop. *Descrição do projecto da Porta de La Valletta*. Disponível em <http://www.rpbw.com/project/la-valletta-city-gate>>. Consultado a 05-06-2018.

UNESCO, *Intangible Cultural Heritage*. Disponível em <https://ich.unesco.org/en>>. Consultado a 20-04-2019.

UNESCO, *Silk Route - Dialogue, Diversity and Development*. Disponível em <https://en.unesco.org/silkroad/content/aleppo>>. Consultado em 17-04-2019.



## **ANEXOS**

### **106. 1. Apresentação**

- 106. Painéis
- 123. Maquetes

### **127. 2. Processo**

- 127. Desenhos
- 133. Maquetes

### **141. 3. Investigação**

- 141. Levantamento Cartográfico
- 161. Levantamento Fotográfico

### **173. 4. Entrevistas**

- 173. Bilal

### **175. 5. Viagens**

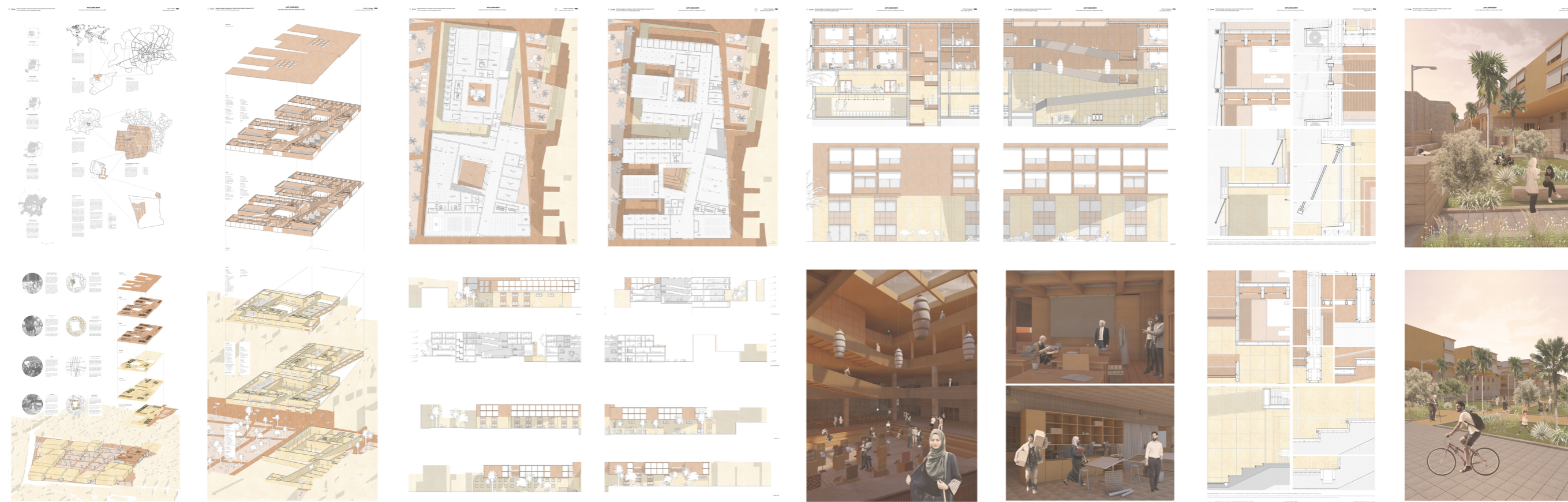
- 175. Marraquexe, Casablanca e Rabat (Marrocos)

### **181. 6. Textos**

- 181. Reconstrução pós-Guerra  
*Um breve panorama à 2ª. metade do século XX*
- 182. Varsóvia
- 185. Beirute
- 187. Mostar

## 1. Apresentação

### Painéis



**1 |** Painéis finais. Esquema de montagem dos 16 painéis de apresentação, tamanho A1 vertical (59,4 x 84,1 cm), em escalas variáveis.



**período grego**  
c. 333 a.C. - 638 d.C.



**período romano**  
c. 638 d.C. - 638 d.C.



**período otomano abássida**  
c. 1516 - 1918



**período mameluco**  
c. 1250 - 1516



**período otomano**  
c. 1516 - 1918



**Síria**  
O país  
Em 2011, a Síria tornou-se um palco de conflitos armados, com o regime de Bashar al-Assad a ser contestado por grupos de oposição e forças estrangeiras. O conflito resultou em milhares de mortos, milhões de deslocados e a destruição de parte do património cultural.



**Alepo**  
A cidade  
Uma das maiores cidades do país, a sua localização estratégica tornou-a um ponto de encontro de culturas e civilizações. A cidade sofreu com o conflito armado, com a destruição de parte do seu património cultural.



**Bab Qamr**  
A cidade histórica  
Localizada no lado leste da cidade, o bairro de Bab Qamr é conhecido pela sua arquitetura tradicional e pela presença de uma das principais mesquitas da cidade, a Grande Mesquita de Aleppo.



**Área metropolitana de Aleppo**  
A região  
A área metropolitana de Aleppo inclui a cidade e as zonas rurais circundantes. A região é caracterizada por uma mistura de arquitetura tradicional e moderna.



**A área protegida pela UNESCO**  
A cidade histórica  
A área protegida pela UNESCO inclui a cidade histórica de Aleppo, com as suas muralhas, minaretes e edifícios tradicionais.



**Bab Qamr**  
A cidade histórica  
Este bairro é conhecido pela sua arquitetura tradicional e pela presença de uma das principais mesquitas da cidade, a Grande Mesquita de Aleppo.



**Bab Qamr Park**  
O espaço  
Este espaço verde é um ponto de encontro para os habitantes da cidade e oferece uma vista deslumbrante da paisagem urbana.



**1. Comércio**  
2. Indústria  
3. Habitação  
4. Habitação  
5. Habitação  
6. Habitação  
7. Habitação  
8. Habitação  
9. Habitação  
10. Habitação  
11. Habitação  
12. Habitação  
13. Habitação  
14. Habitação  
15. Habitação  
16. Habitação  
17. Habitação  
18. Habitação  
19. Habitação  
20. Habitação



### construção tradicional

o público, a sociedade e o espaço

De acordo com a tradição construtiva da cidade, há de se considerar a importância do espaço público, da arquitetura da malha urbana e da participação dos cidadãos no planejamento urbano.

São necessárias práticas e procedimentos que garantam a qualidade do espaço público, a sustentabilidade e a participação dos cidadãos no planejamento urbano.



### cidade existente

estrutura preexistente

Antes de qualquer intervenção, é necessário analisar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.

O processo de intervenção deve considerar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.



### ruído urbano

o espaço

O ruído urbano é um dos principais problemas de qualidade de vida nas cidades.

De acordo com a tradição construtiva da cidade, há de se considerar a importância do espaço público, da arquitetura da malha urbana e da participação dos cidadãos no planejamento urbano.

São necessárias práticas e procedimentos que garantam a qualidade do espaço público, a sustentabilidade e a participação dos cidadãos no planejamento urbano.



### ruído urbano

estrutura preexistente

Antes de qualquer intervenção, é necessário analisar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.

O processo de intervenção deve considerar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.



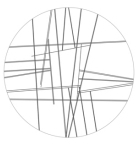
### ruído urbano

o espaço

O ruído urbano é um dos principais problemas de qualidade de vida nas cidades.

De acordo com a tradição construtiva da cidade, há de se considerar a importância do espaço público, da arquitetura da malha urbana e da participação dos cidadãos no planejamento urbano.

São necessárias práticas e procedimentos que garantam a qualidade do espaço público, a sustentabilidade e a participação dos cidadãos no planejamento urbano.



### ruído urbano

estrutura preexistente

Antes de qualquer intervenção, é necessário analisar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.

O processo de intervenção deve considerar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.



### ruído urbano

o espaço

O ruído urbano é um dos principais problemas de qualidade de vida nas cidades.

De acordo com a tradição construtiva da cidade, há de se considerar a importância do espaço público, da arquitetura da malha urbana e da participação dos cidadãos no planejamento urbano.

São necessárias práticas e procedimentos que garantam a qualidade do espaço público, a sustentabilidade e a participação dos cidadãos no planejamento urbano.



### ruído urbano

estrutura preexistente

Antes de qualquer intervenção, é necessário analisar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.

O processo de intervenção deve considerar a estrutura preexistente e os usos atuais do espaço urbano.

### cobertura

(+18,00) (+20,00)

### anexo

(+14,00) (+16,00)

### anexo

(+10,00) (+12,00)

### serviços

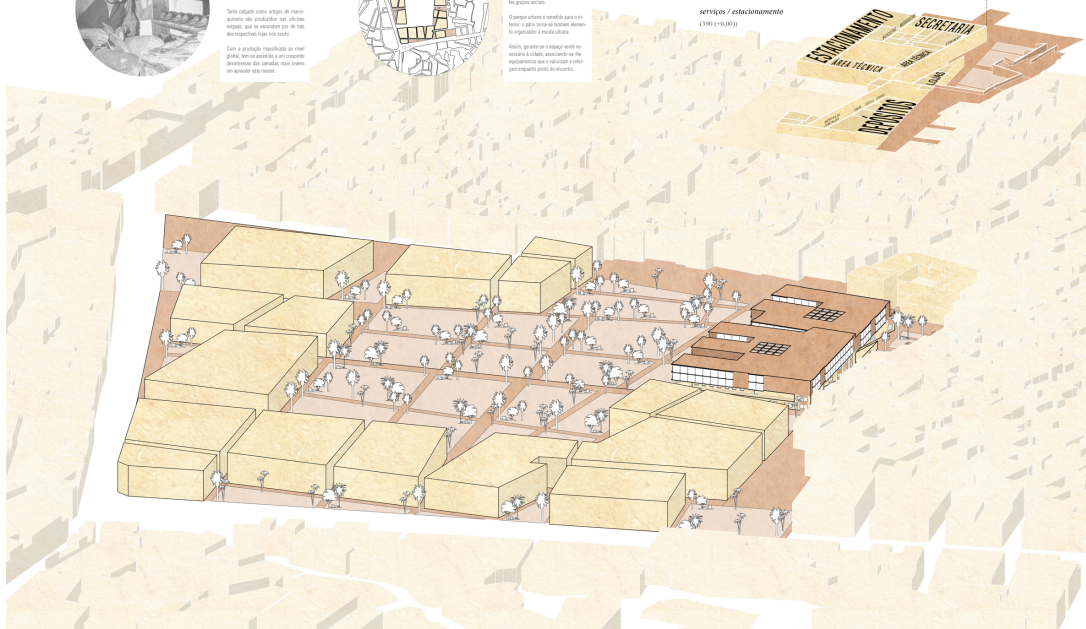
(+8,00)

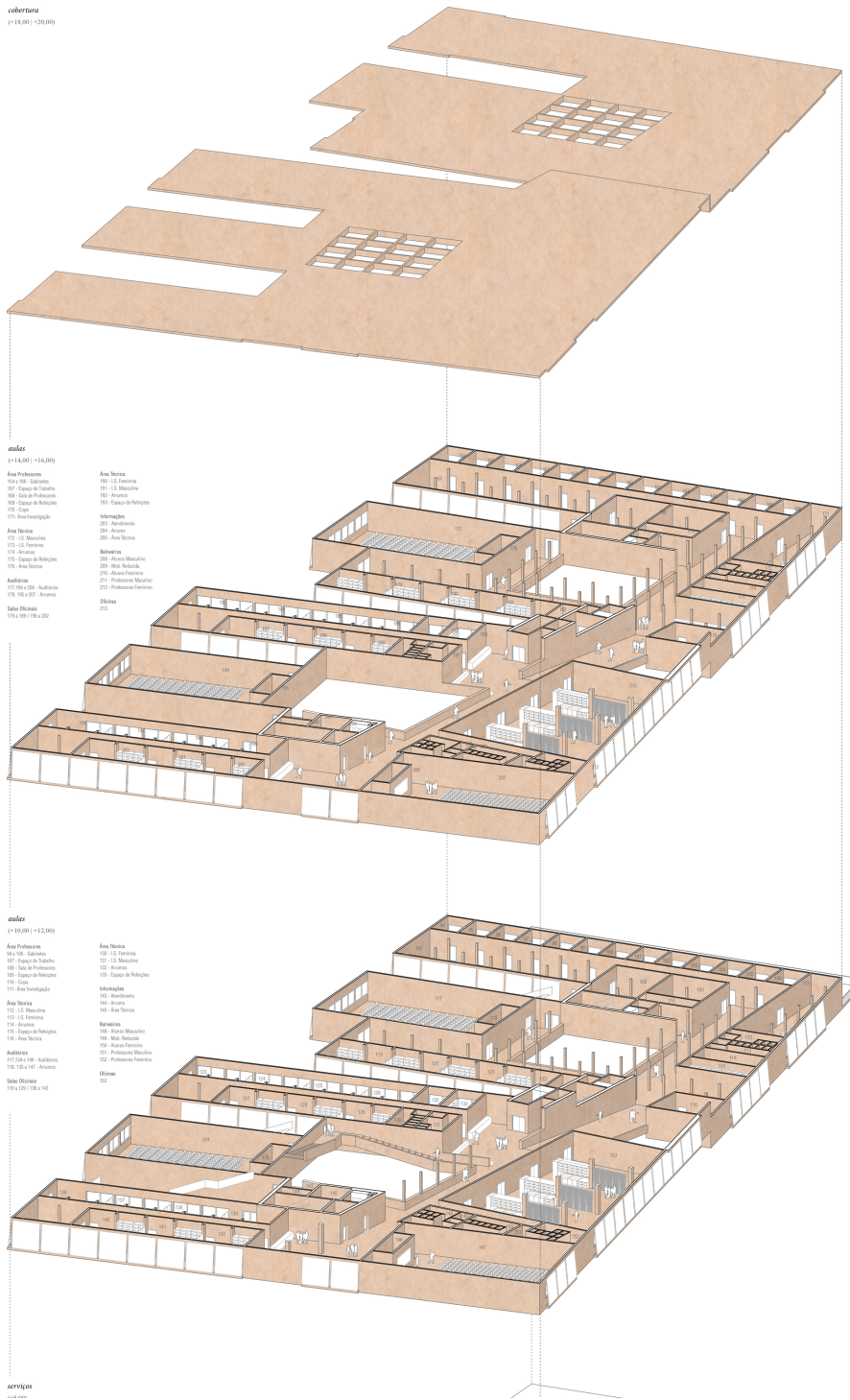
### serviços

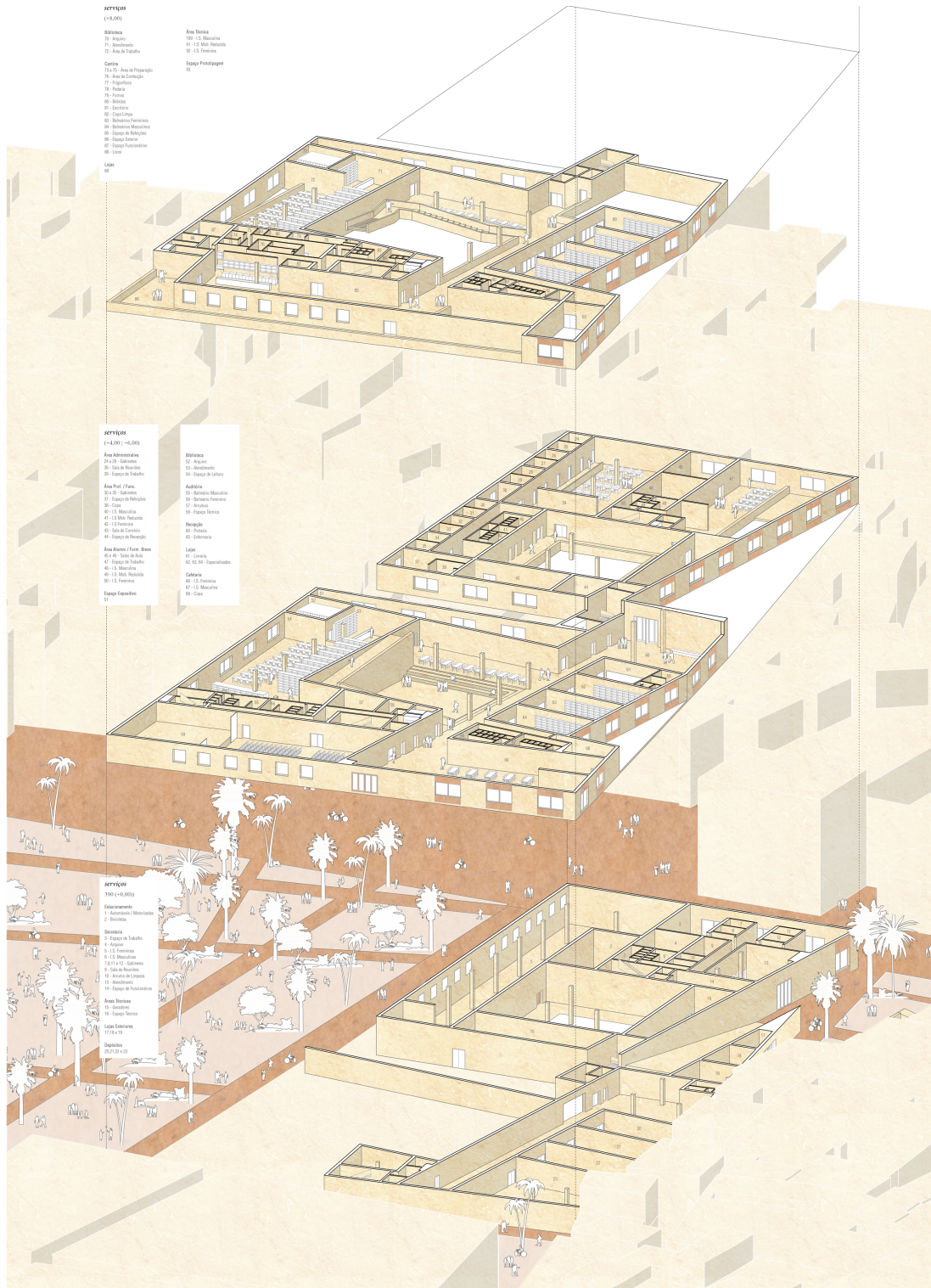
(+4,00) (+6,00)

### serviços / estacionamento

(+0,00) (+2,00)







**serviços**

(1-5, 6)

**Biblioteca**

73 - Apoio

74 - Biblioteca

75 - Área de Trabalho

**Cantina**

76 - Área de Preparação

77 - Cozinha

78 - Cozinha

79 - Cozinha

80 - Cozinha

81 - Cozinha

82 - Cozinha

83 - Cozinha

84 - Cozinha

85 - Cozinha

86 - Cozinha

87 - Cozinha

88 - Cozinha

89 - Cozinha

90 - Cozinha

91 - Cozinha

92 - Cozinha

93 - Cozinha

94 - Cozinha

95 - Cozinha

96 - Cozinha

97 - Cozinha

98 - Cozinha

99 - Cozinha

100 - Cozinha

101 - Cozinha

102 - Cozinha

103 - Cozinha

104 - Cozinha

105 - Cozinha

106 - Cozinha

107 - Cozinha

108 - Cozinha

109 - Cozinha

110 - Cozinha

111 - Cozinha

112 - Cozinha

113 - Cozinha

114 - Cozinha

115 - Cozinha

116 - Cozinha

117 - Cozinha

118 - Cozinha

119 - Cozinha

120 - Cozinha

121 - Cozinha

122 - Cozinha

123 - Cozinha

124 - Cozinha

125 - Cozinha

126 - Cozinha

127 - Cozinha

128 - Cozinha

129 - Cozinha

130 - Cozinha

131 - Cozinha

132 - Cozinha

133 - Cozinha

134 - Cozinha

135 - Cozinha

136 - Cozinha

137 - Cozinha

138 - Cozinha

139 - Cozinha

140 - Cozinha

141 - Cozinha

142 - Cozinha

143 - Cozinha

144 - Cozinha

145 - Cozinha

146 - Cozinha

147 - Cozinha

148 - Cozinha

149 - Cozinha

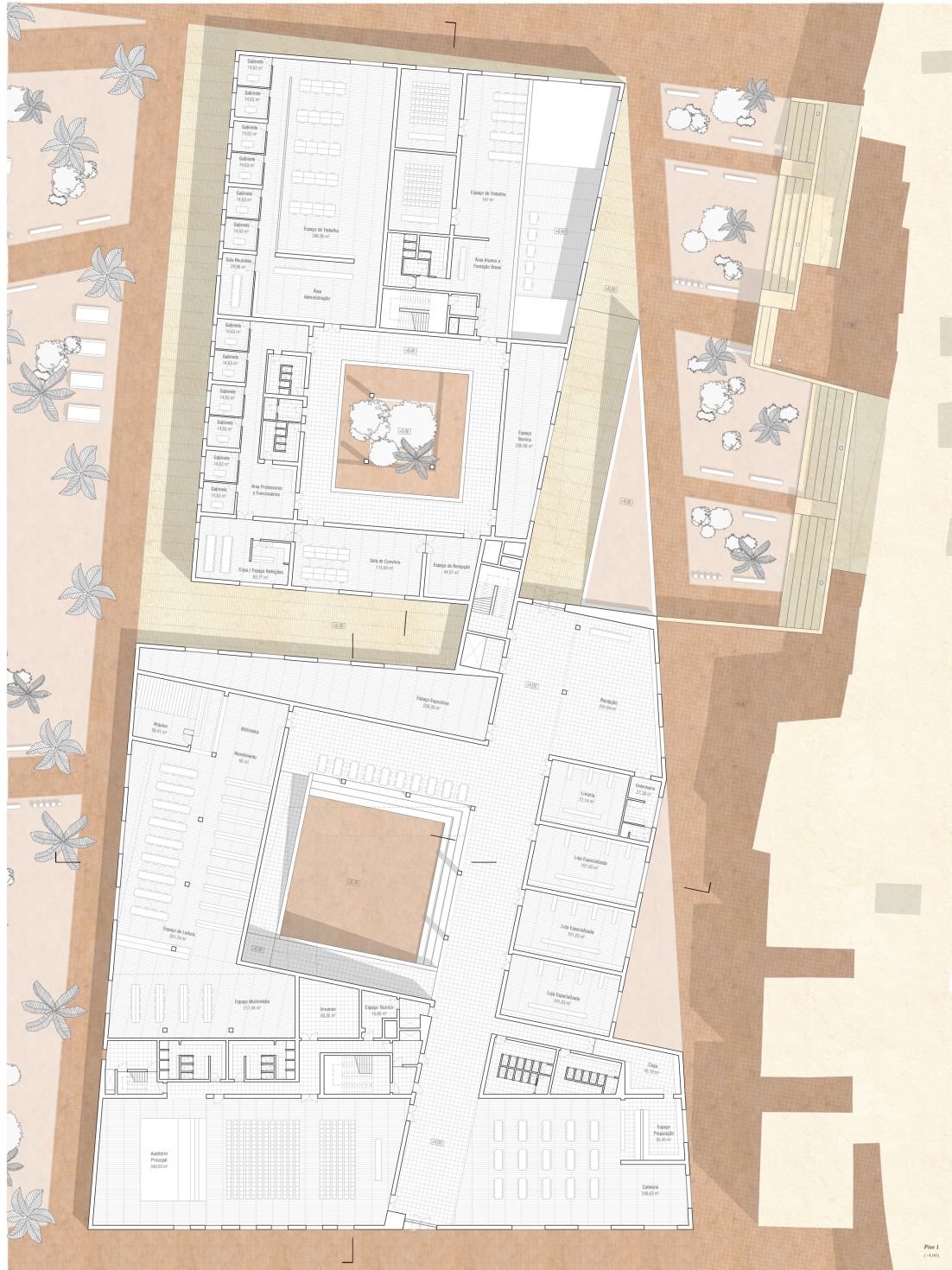
150 - Cozinha

151 - Cozinha

152 - Cozinha

153 - Cozinha

154 - Cozinha

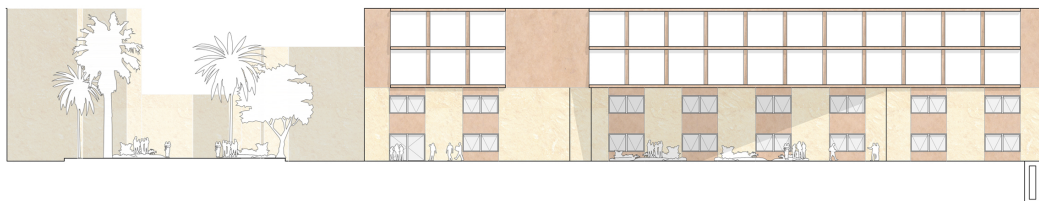
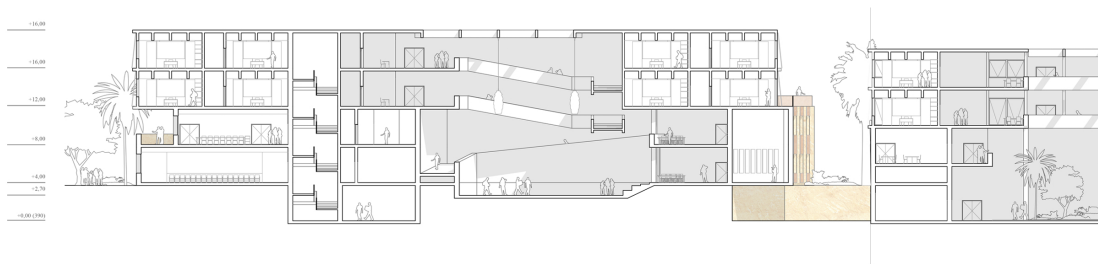


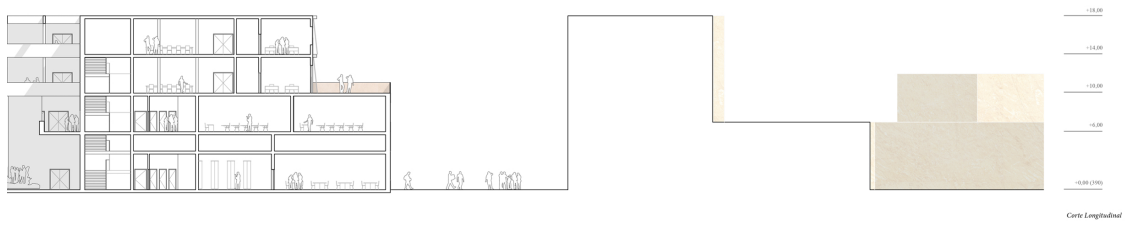
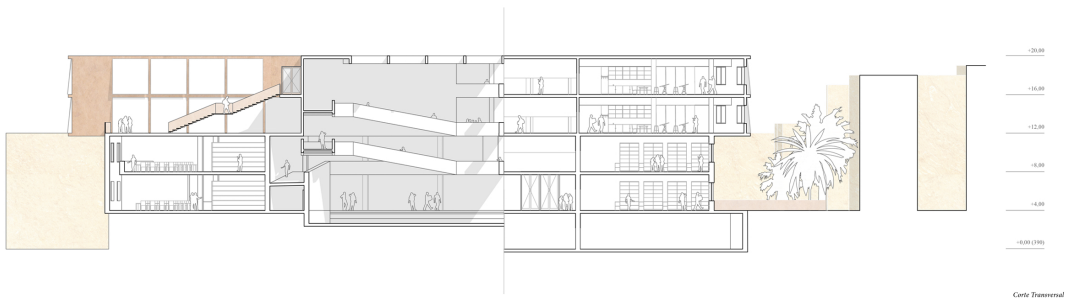
Plano J  
1:400

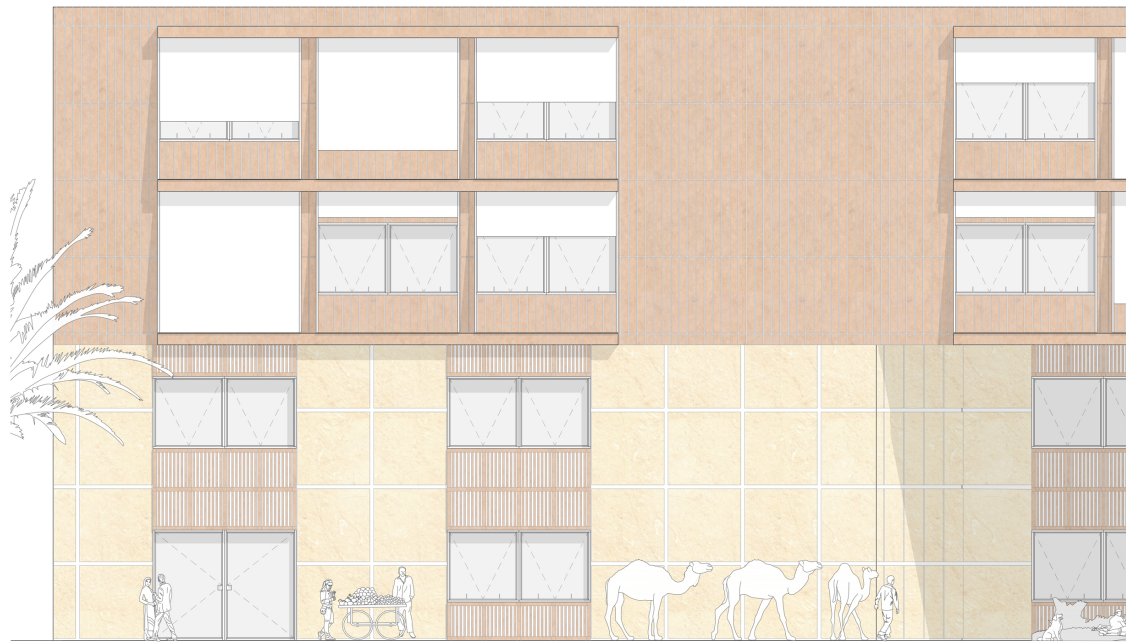
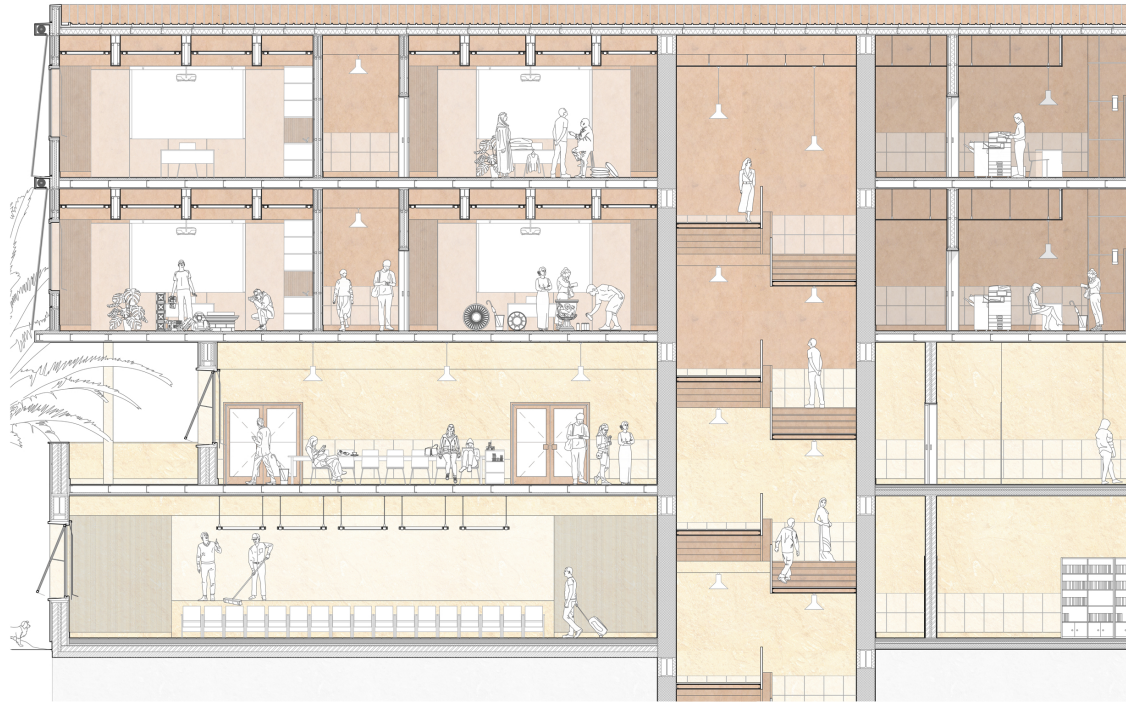


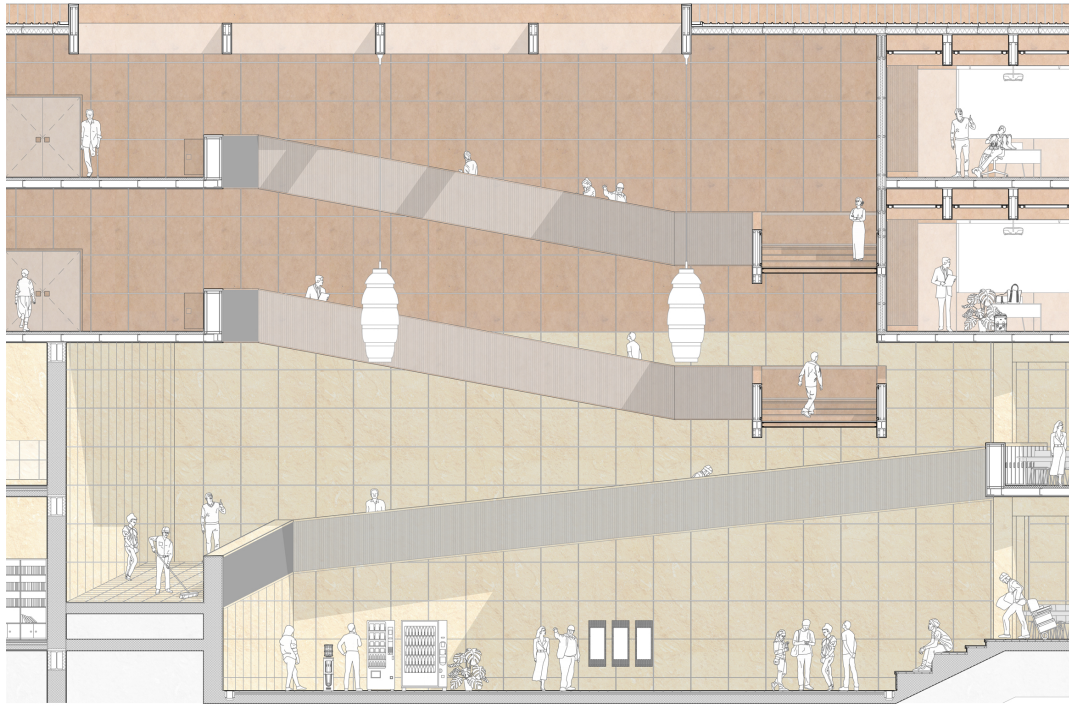


Alçado Norte

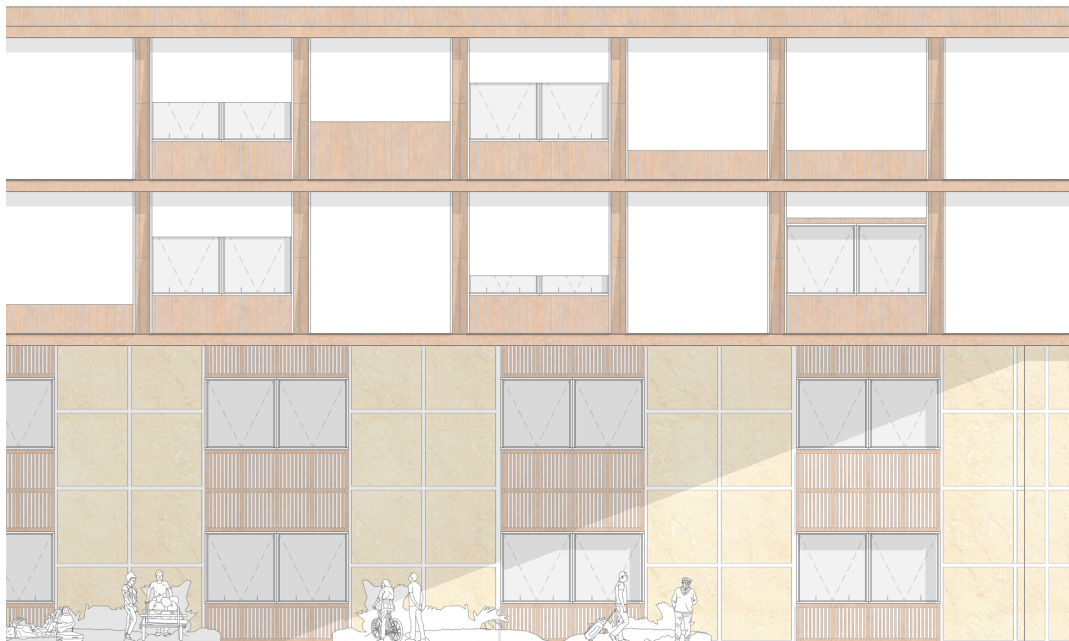








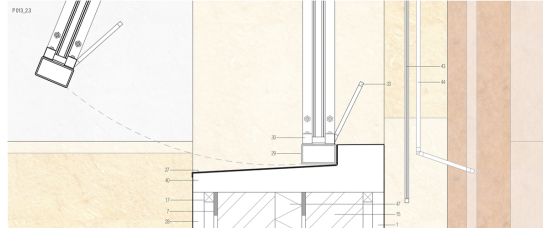
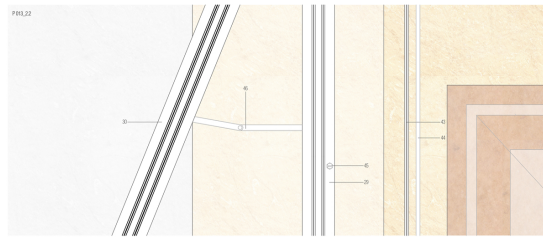
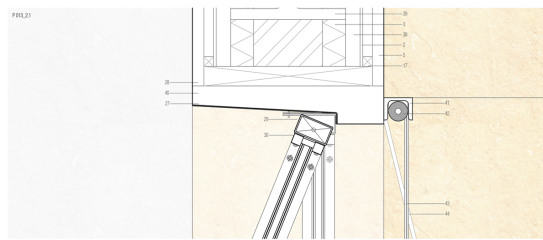
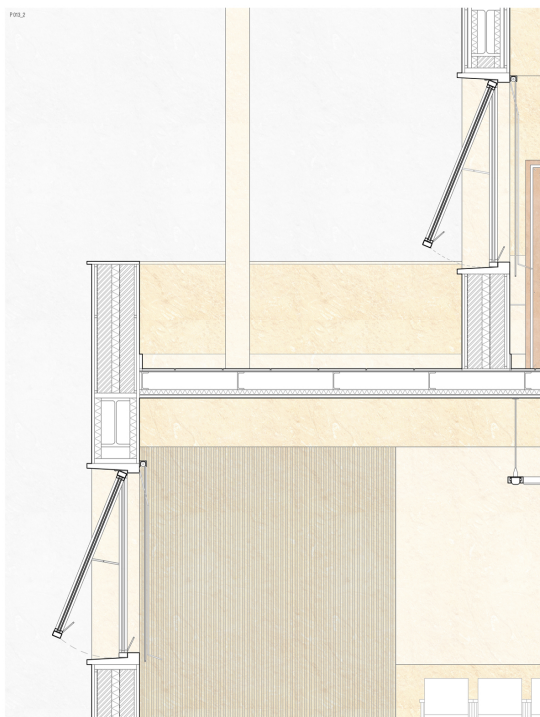
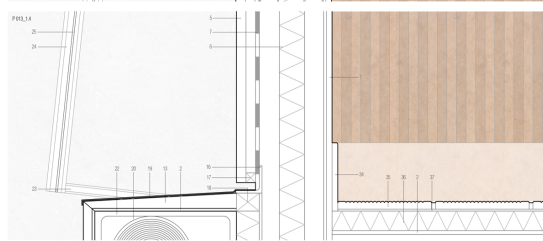
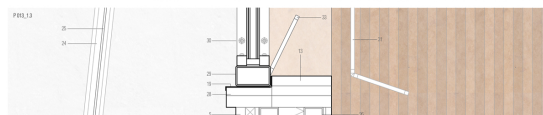
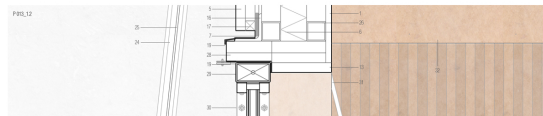
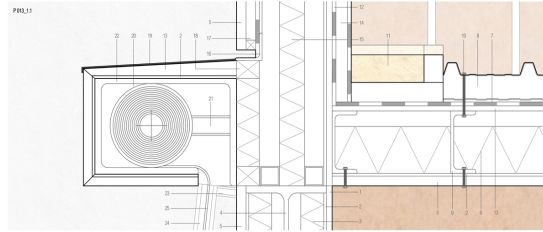
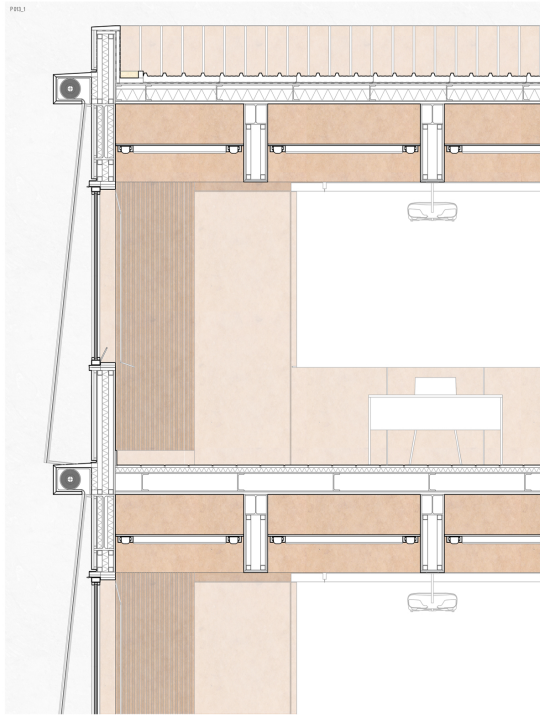
Corte Longitudinal



Alçado Este







P011\_1 Paredes Exteriores - Paredes de Alvenaria | P011\_1.1 Canteleiro - Paredes de Alvenaria | P011\_1.2 Canteleiro Superior - Paredes de Alvenaria | P011\_1.3 Canteleiro Inferior - Paredes de Alvenaria | P011\_1.4 Sarcenamento - Paredes de Alvenaria | P011\_2 Paredes Exteriores - Paredes de Alvenaria | P011\_2.1 Canteleiro Superior - Paredes de Alvenaria | P011\_2.2 Sarcenamento - Paredes de Alvenaria | P011\_2.3 Canteleiro Inferior - Paredes de Alvenaria  
 1. Revestimento interno em gesso | 2. Plafão | 3. Canteleiro superior | 4. Canteleiro inferior | 5. Sarcenamento | 6. Paredes de Alvenaria | 7. Paredes de Alvenaria | 8. Paredes de Alvenaria | 9. Paredes de Alvenaria | 10. Paredes de Alvenaria | 11. Paredes de Alvenaria | 12. Paredes de Alvenaria | 13. Paredes de Alvenaria | 14. Paredes de Alvenaria | 15. Paredes de Alvenaria | 16. Paredes de Alvenaria | 17. Paredes de Alvenaria | 18. Paredes de Alvenaria | 19. Paredes de Alvenaria | 20. Paredes de Alvenaria | 21. Paredes de Alvenaria | 22. Paredes de Alvenaria | 23. Paredes de Alvenaria | 24. Paredes de Alvenaria | 25. Paredes de Alvenaria | 26. Paredes de Alvenaria | 27. Paredes de Alvenaria | 28. Paredes de Alvenaria | 29. Paredes de Alvenaria | 30. Paredes de Alvenaria | 31. Paredes de Alvenaria | 32. Paredes de Alvenaria | 33. Paredes de Alvenaria | 34. Paredes de Alvenaria | 35. Paredes de Alvenaria | 36. Paredes de Alvenaria | 37. Paredes de Alvenaria | 38. Paredes de Alvenaria | 39. Paredes de Alvenaria | 40. Paredes de Alvenaria | 41. Paredes de Alvenaria | 42. Paredes de Alvenaria | 43. Paredes de Alvenaria | 44. Paredes de Alvenaria | 45. Paredes de Alvenaria | 46. Paredes de Alvenaria | 47. Paredes de Alvenaria | 48. Paredes de Alvenaria | 49. Paredes de Alvenaria | 50. Paredes de Alvenaria | 51. Paredes de Alvenaria | 52. Paredes de Alvenaria | 53. Paredes de Alvenaria | 54. Paredes de Alvenaria | 55. Paredes de Alvenaria | 56. Paredes de Alvenaria | 57. Paredes de Alvenaria | 58. Paredes de Alvenaria | 59. Paredes de Alvenaria | 60. Paredes de Alvenaria | 61. Paredes de Alvenaria | 62. Paredes de Alvenaria | 63. Paredes de Alvenaria | 64. Paredes de Alvenaria | 65. Paredes de Alvenaria | 66. Paredes de Alvenaria | 67. Paredes de Alvenaria | 68. Paredes de Alvenaria | 69. Paredes de Alvenaria | 70. Paredes de Alvenaria | 71. Paredes de Alvenaria | 72. Paredes de Alvenaria | 73. Paredes de Alvenaria | 74. Paredes de Alvenaria | 75. Paredes de Alvenaria | 76. Paredes de Alvenaria | 77. Paredes de Alvenaria | 78. Paredes de Alvenaria | 79. Paredes de Alvenaria | 80. Paredes de Alvenaria | 81. Paredes de Alvenaria | 82. Paredes de Alvenaria | 83. Paredes de Alvenaria | 84. Paredes de Alvenaria | 85. Paredes de Alvenaria | 86. Paredes de Alvenaria | 87. Paredes de Alvenaria | 88. Paredes de Alvenaria | 89. Paredes de Alvenaria | 90. Paredes de Alvenaria | 91. Paredes de Alvenaria | 92. Paredes de Alvenaria | 93. Paredes de Alvenaria | 94. Paredes de Alvenaria | 95. Paredes de Alvenaria | 96. Paredes de Alvenaria | 97. Paredes de Alvenaria | 98. Paredes de Alvenaria | 99. Paredes de Alvenaria | 100. Paredes de Alvenaria







Maquetes

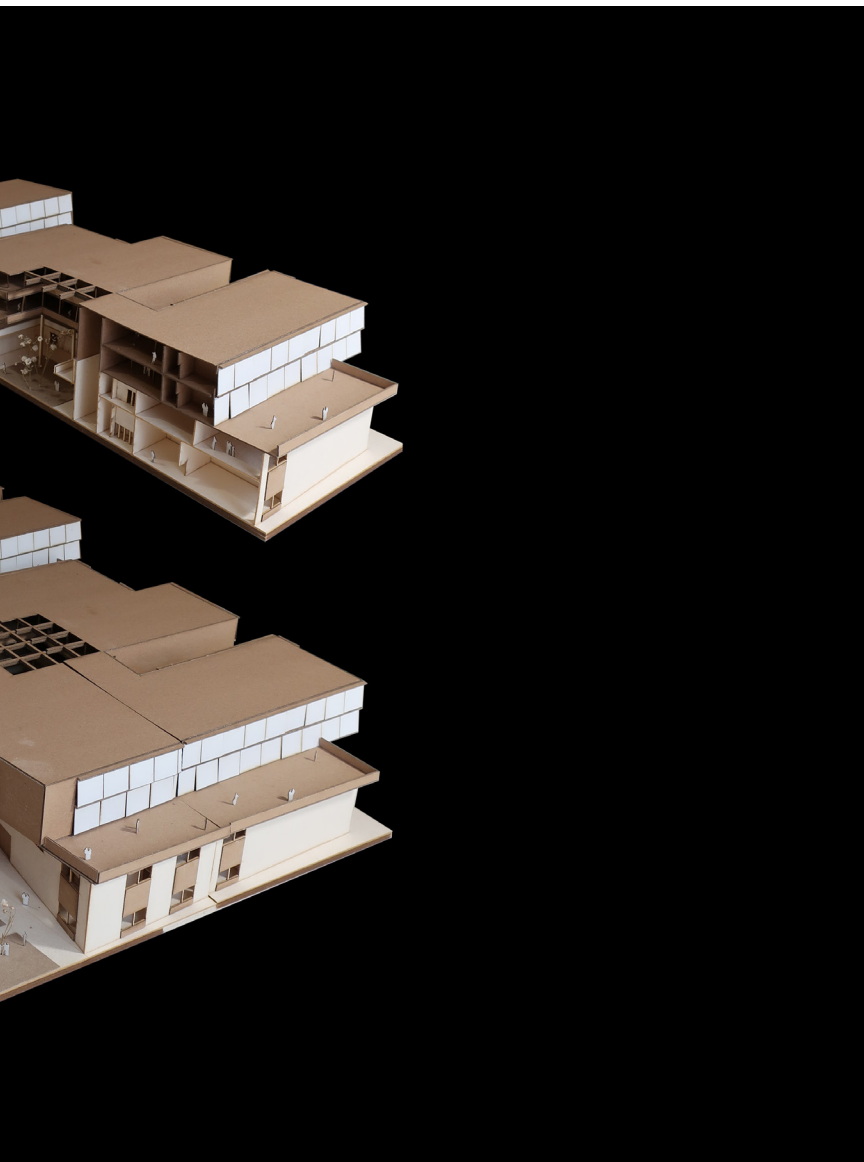


**1 |** Maquete topográfica de Aleppo. A castanho, os principais eixos de circulação, coincidentes com as vias que ligam o centro da cidade às portas da cidade, a branco. [Escala 1.10000]



**2 |** Maquete do eixo comercial de *Bab Qinnisrin*. Pode observar-se o crescimento concêntrico da cidade, ao longo dos tempos e respectivas propostas urbanas. [Escala 1.2500]

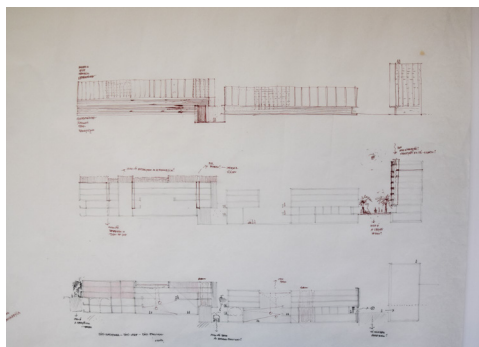
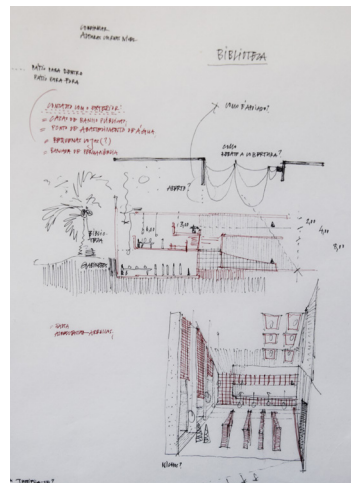
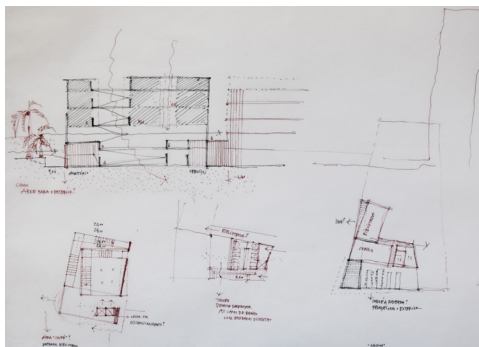
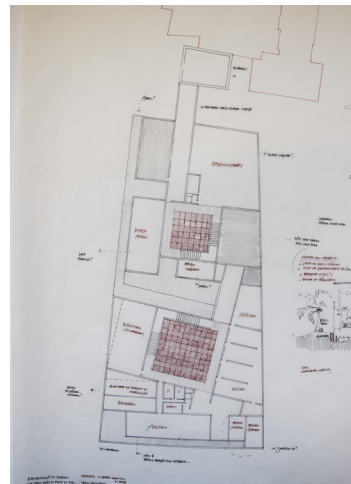
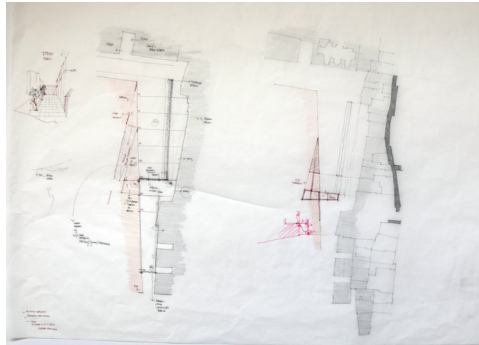
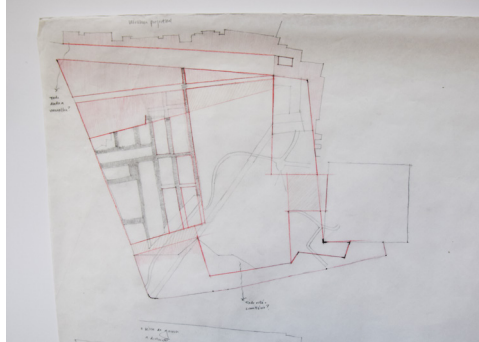


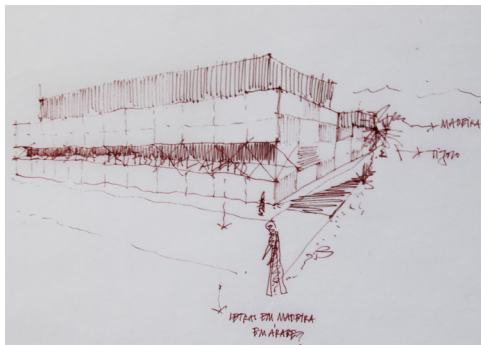
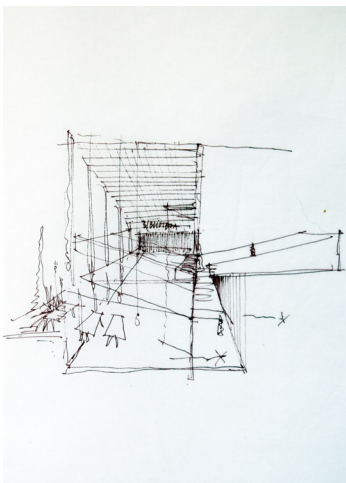
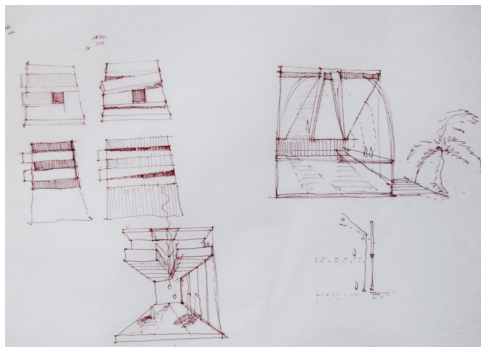
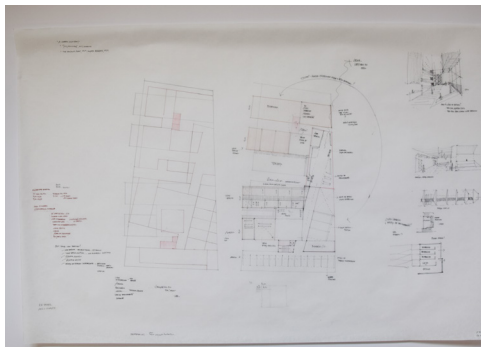
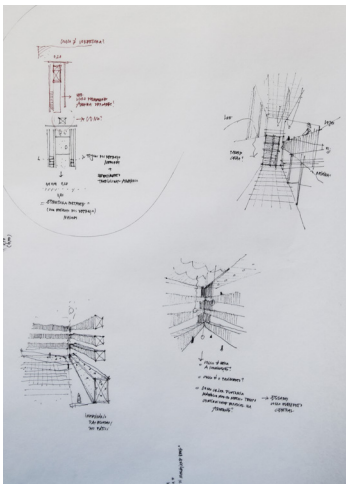
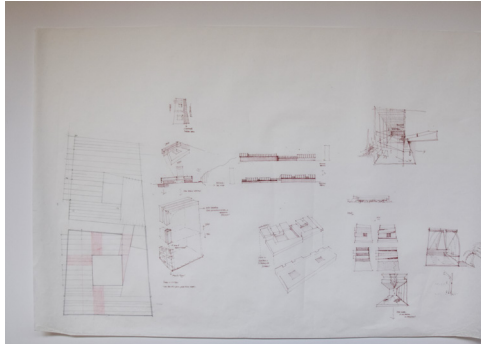
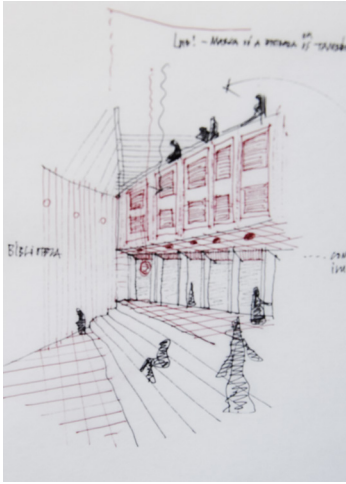


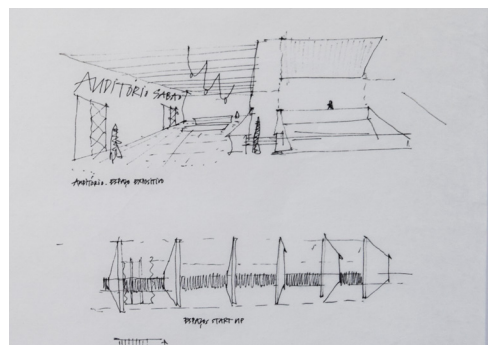
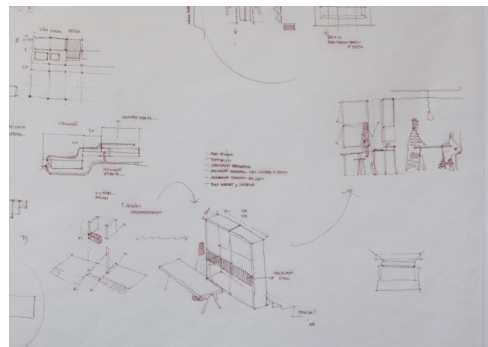
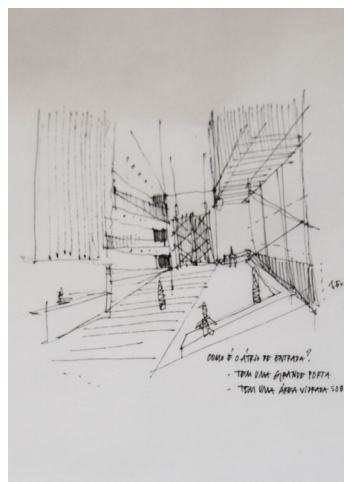
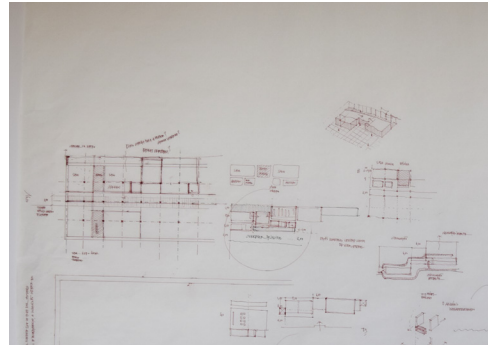
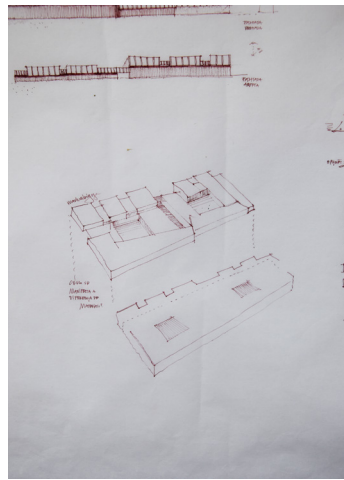
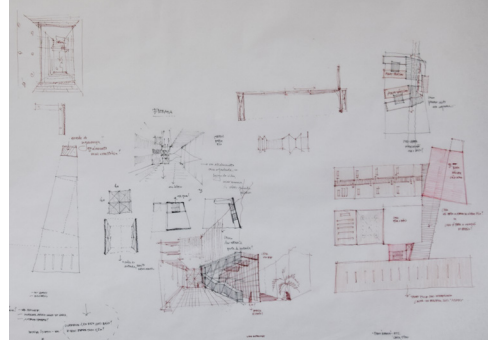
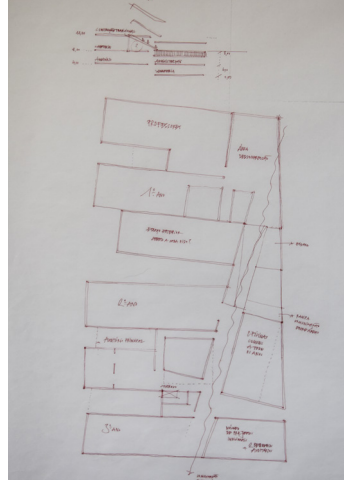
**3 |** Maquete da proposta arquitectónica. O corte, permite observar a distribuição dos espaços interiores (em cima). [Escala 1.200]

## 2. Processo

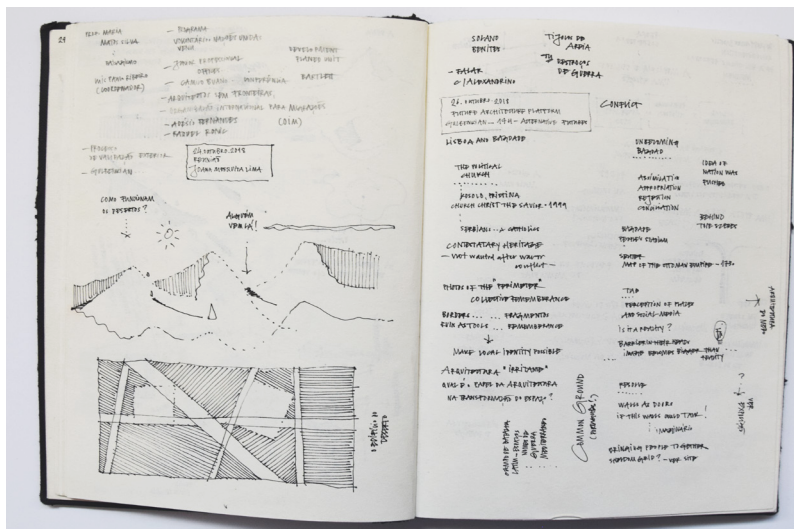
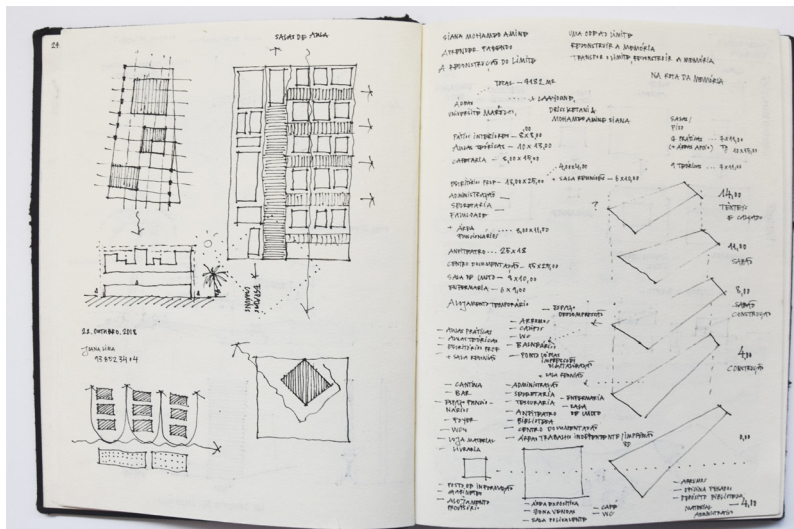
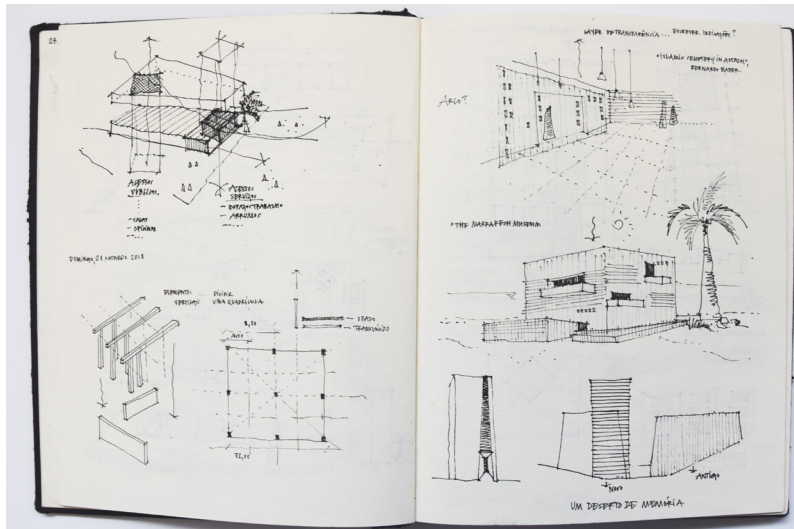
### Desenhos

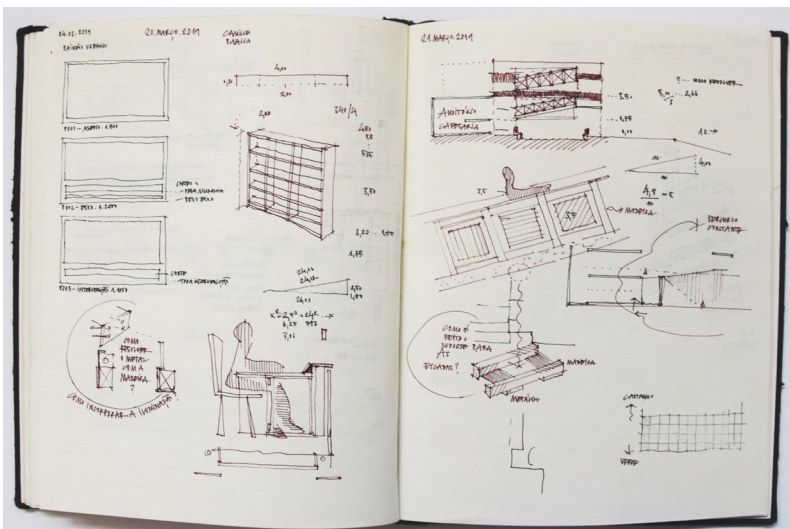
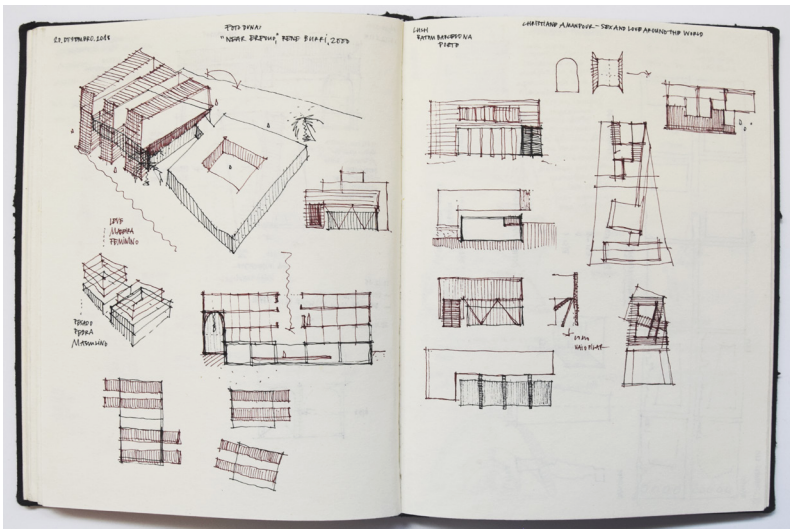
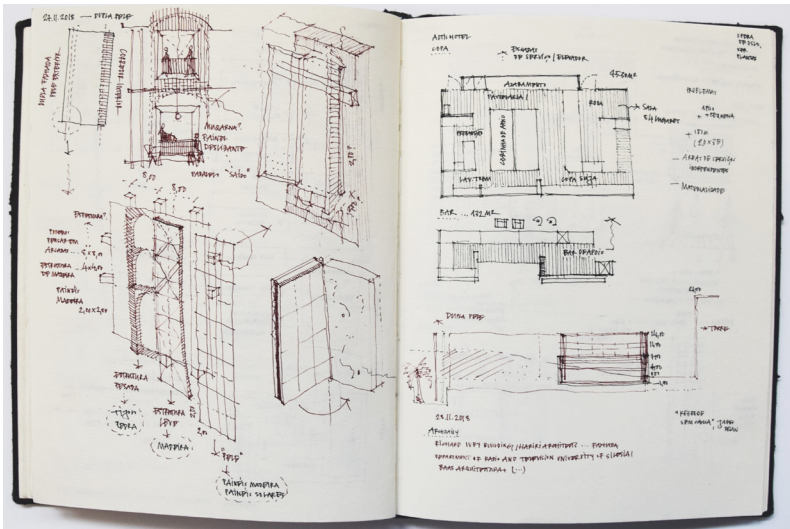








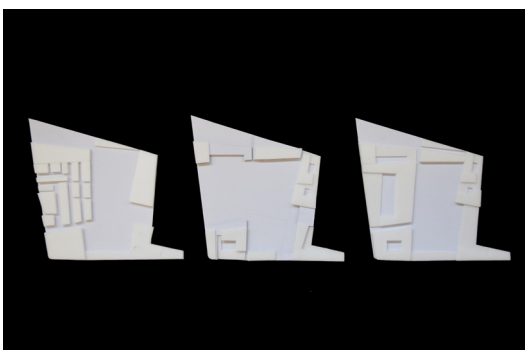
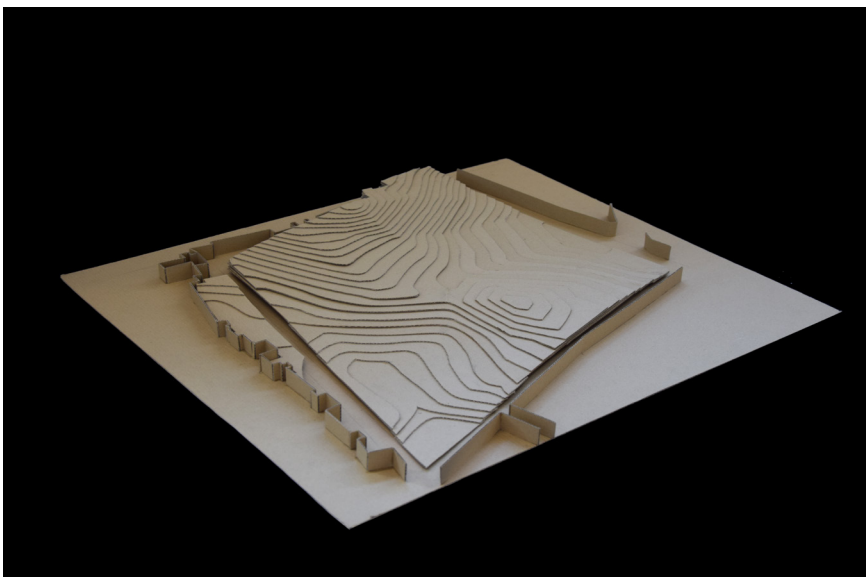
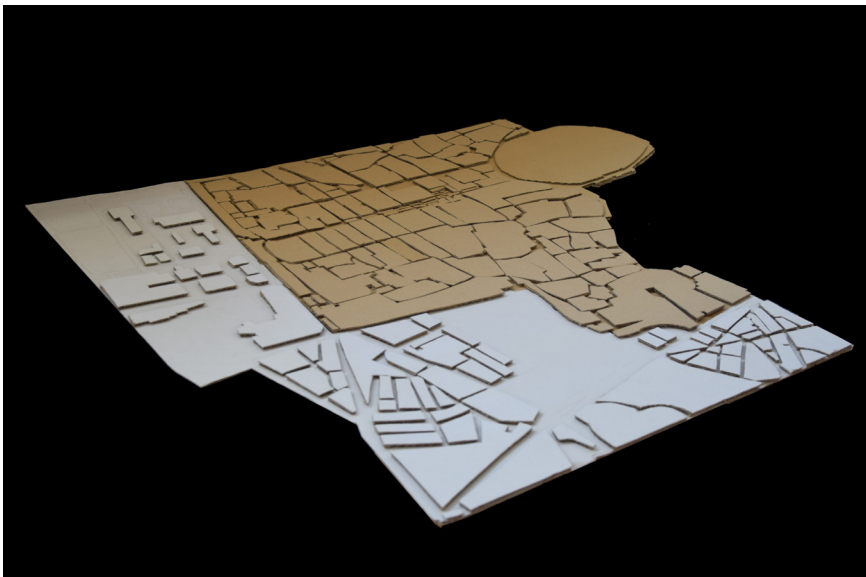




Maquetes



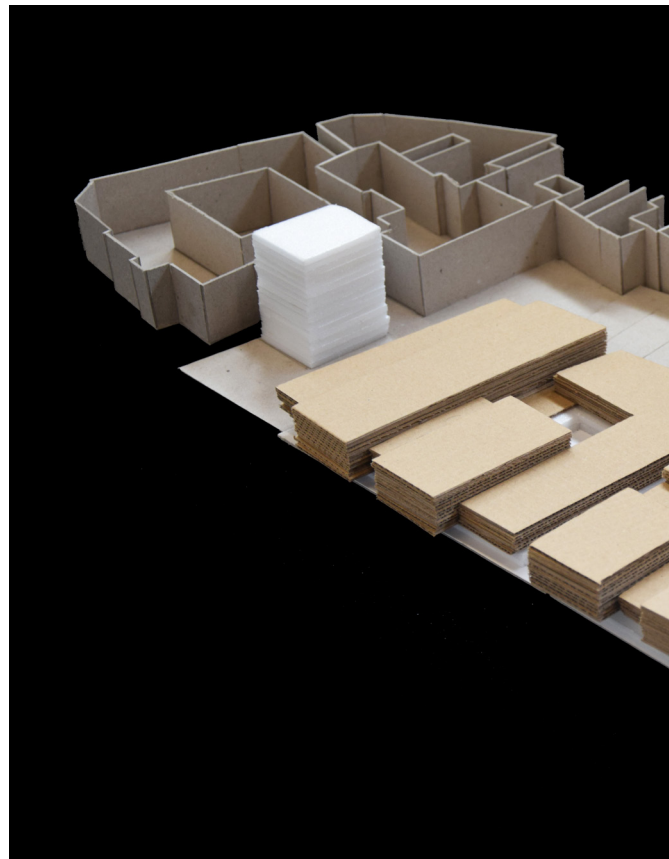
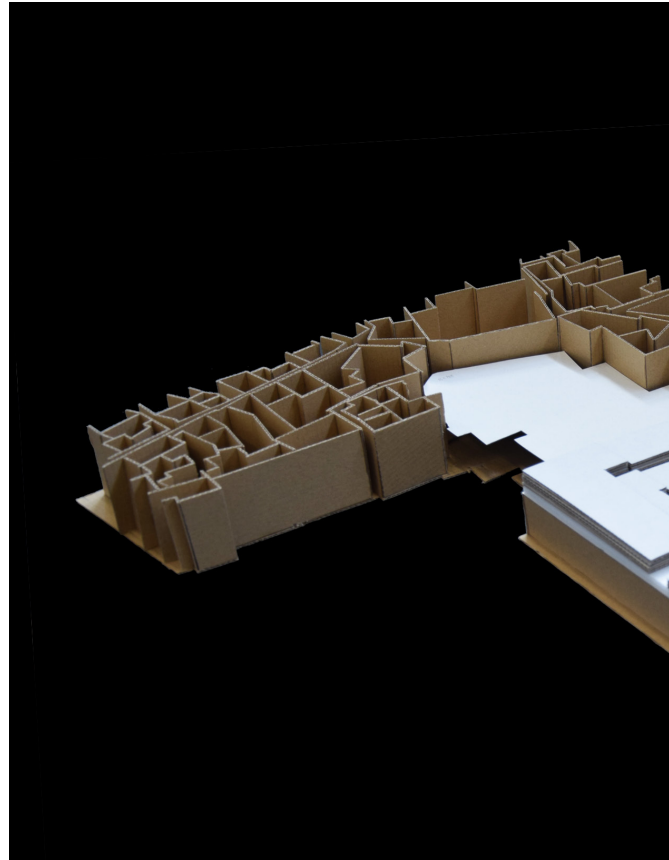
**1 |** Maquete do eixo de desenvolvimento urbano em que se insere a proposta arquitectónica. A branco, as volumetrias propostas. [Escala 1.2000]

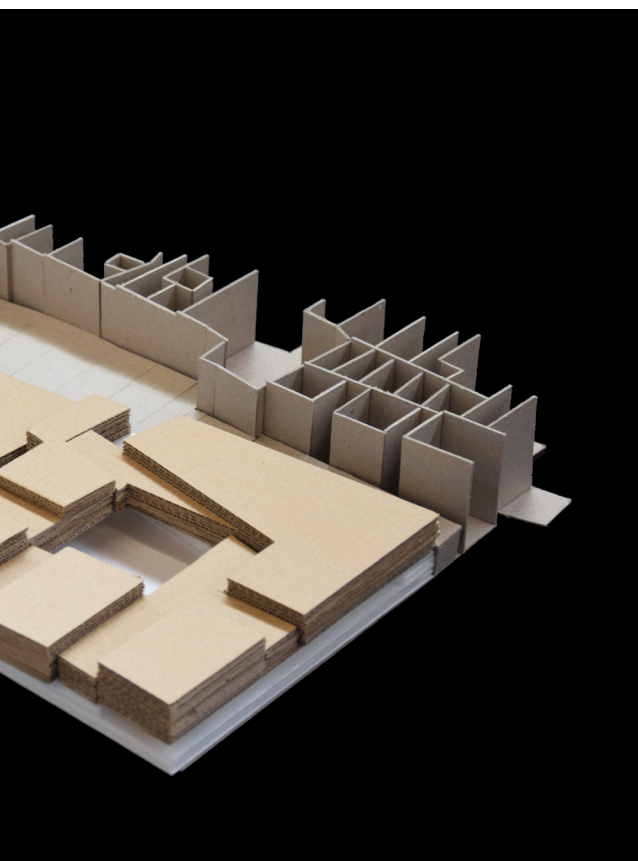
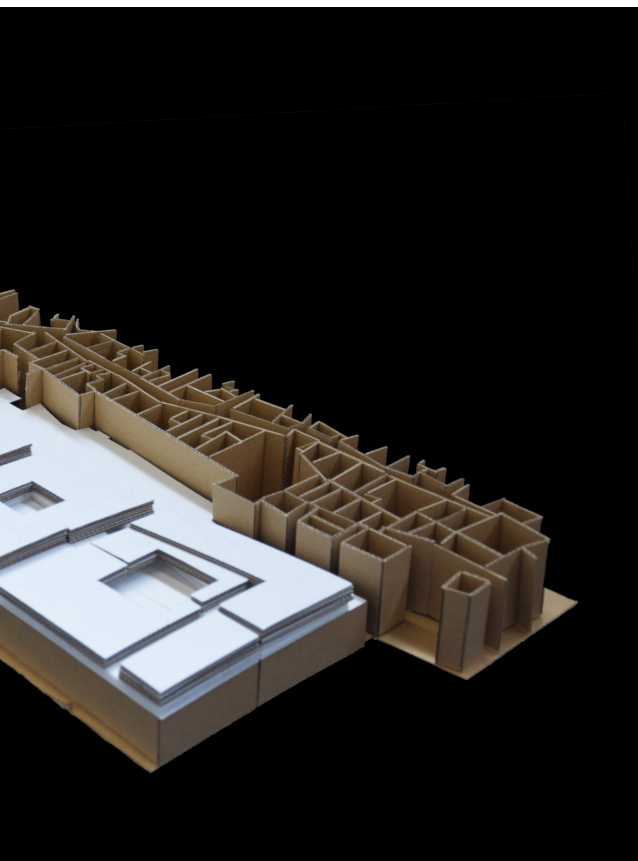


**2** | Maquete de estudo do bairro *Al-Jalloum*, Aleppo. Dicotomia entre o tecido urbano intra e extramuros. [Escala 1.2000]

**3** | Topografia existente do local de projecto. Representação da zona alterada de *Bab Qinnisrin*. [Escala 1.1000]

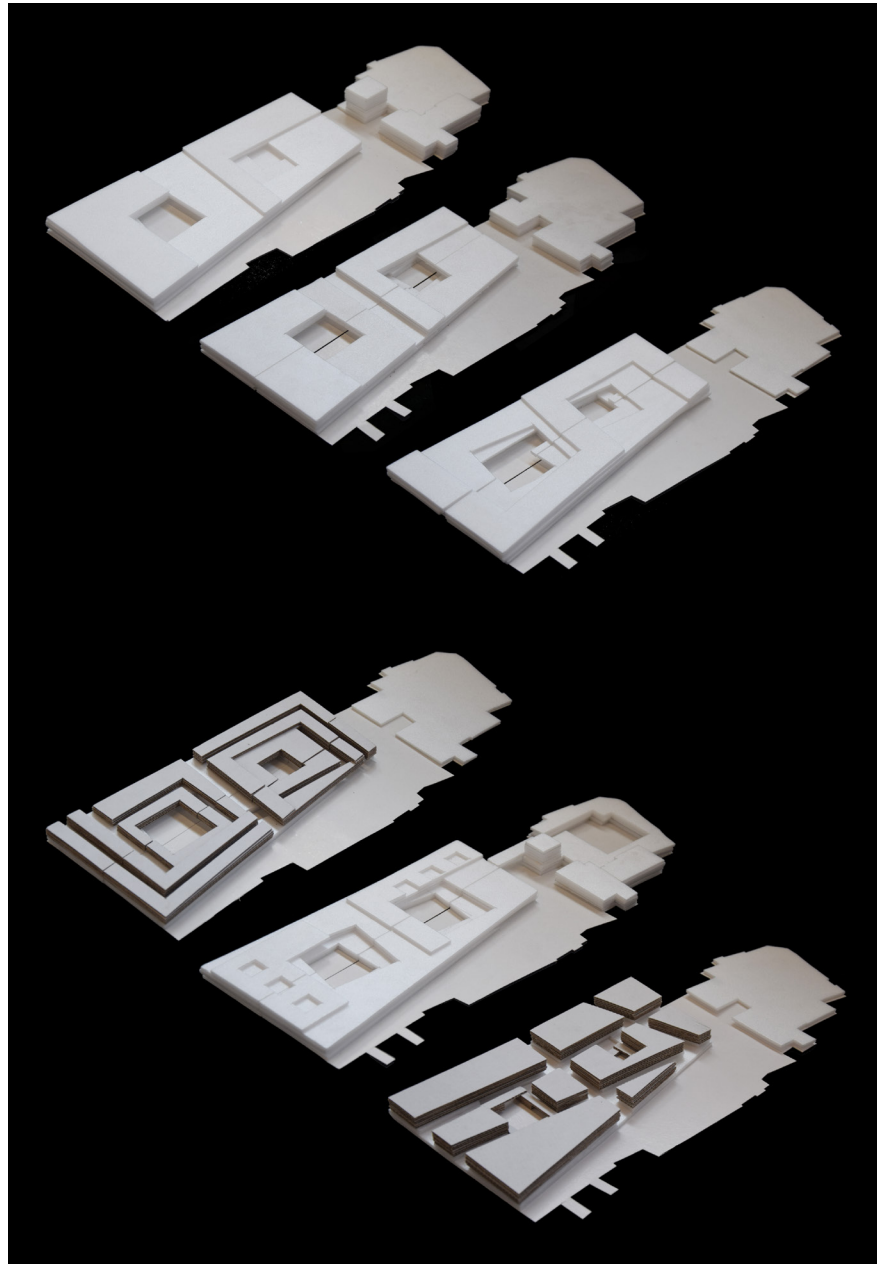
**4** | Maquetes de estudo da proposta urbana. Levantamento da situação existente e propostas volumétricas. [Escala 1.2000]



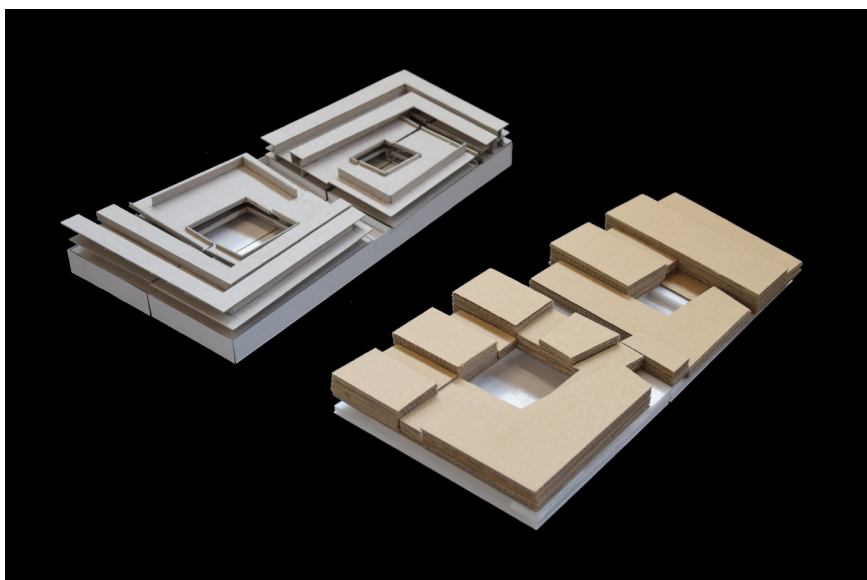
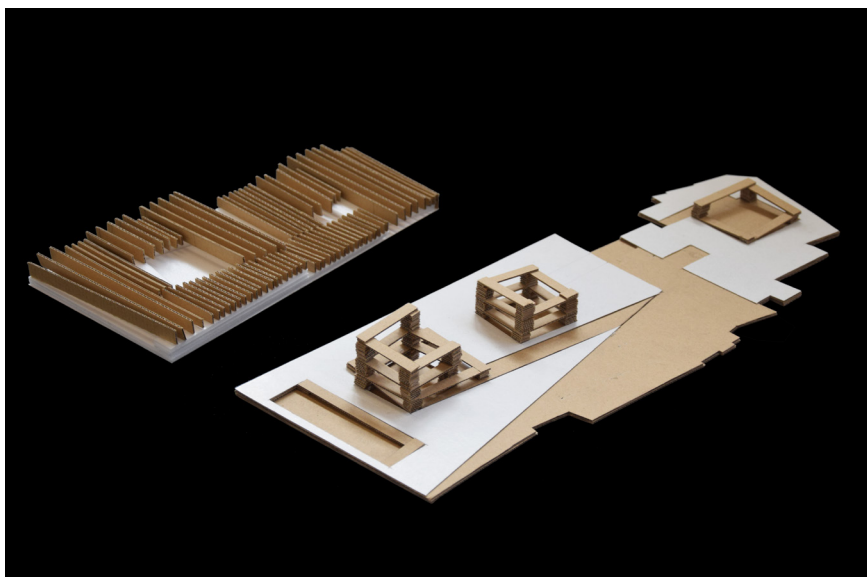


**5** | Maquete de estudo da proposta arquitectónica. [Escala 1.500]

**6** | Maquete de estudo da proposta arquitectónica. [Escala 1.500]

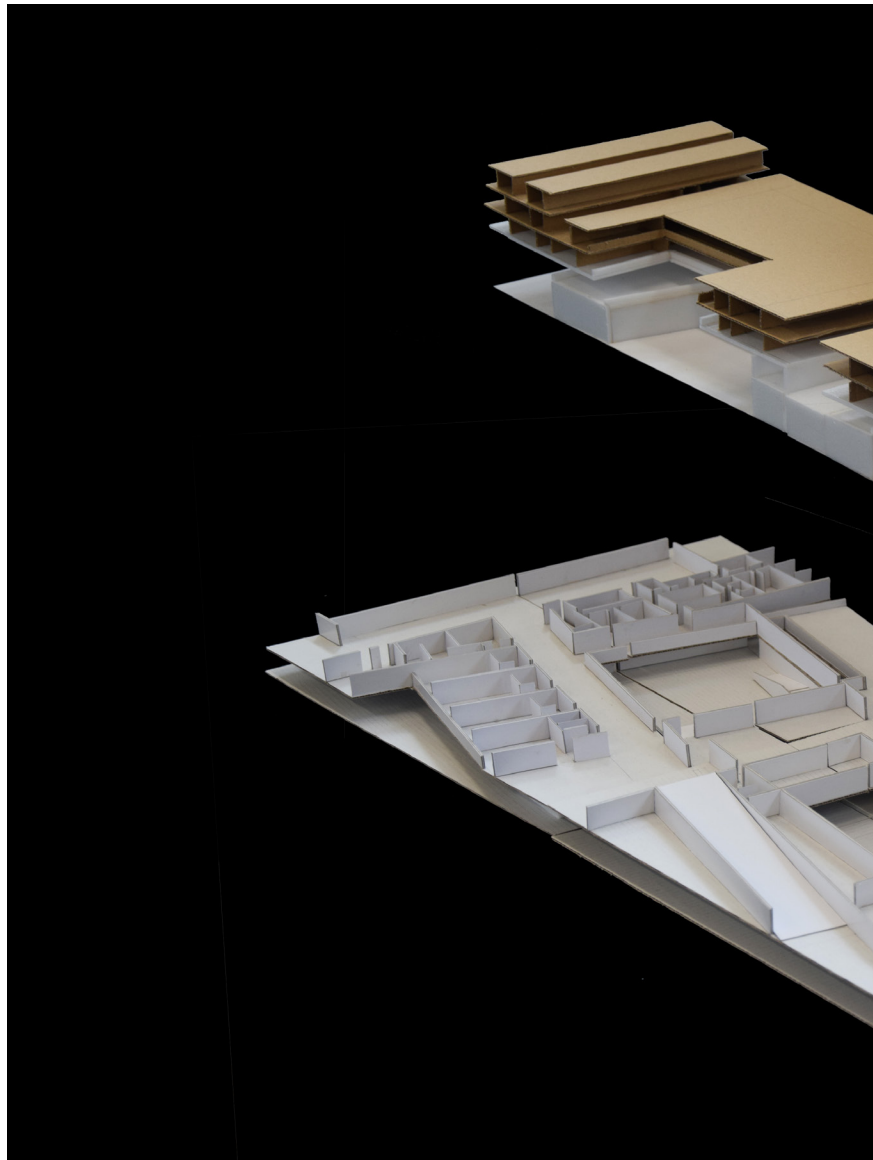


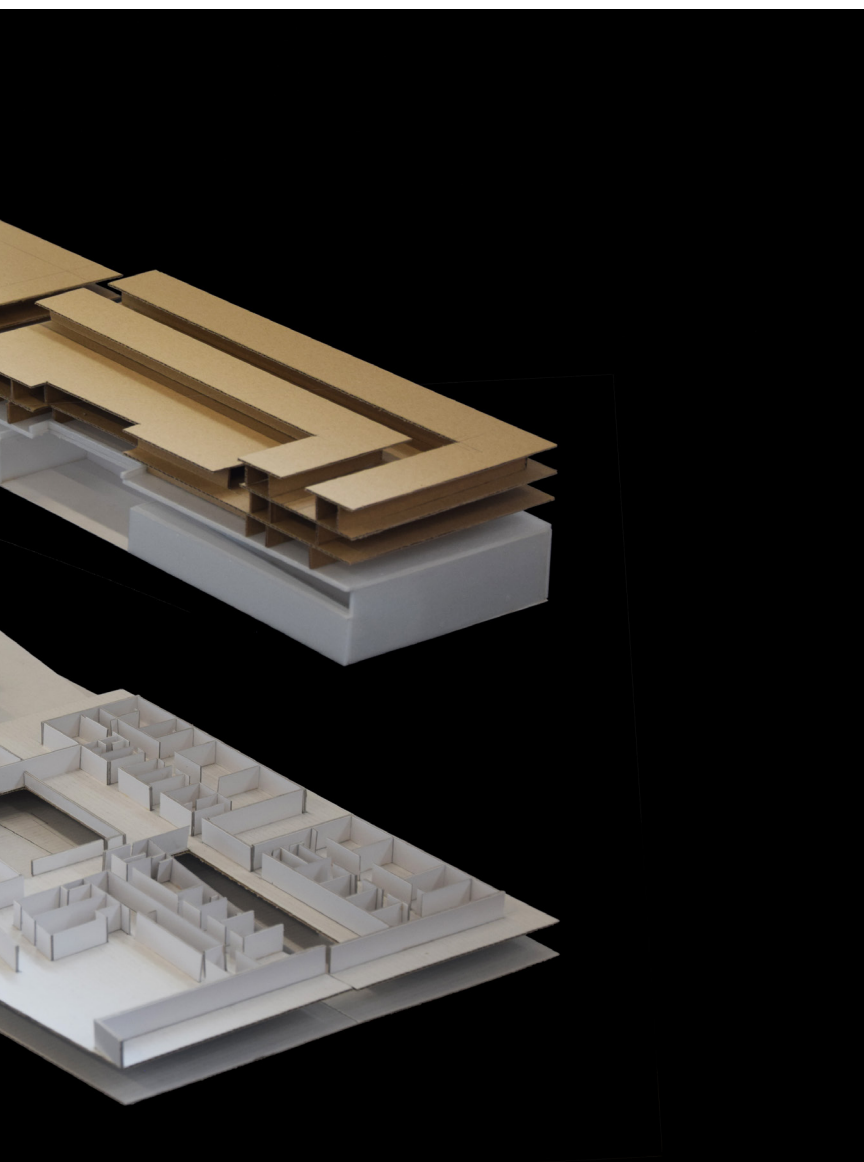
**7 |** Maquetes de estudo da proposta arquitectónica. Estudo da distribuição programática em torno dos pátios. [Escala 1.500]



**8/9** | Maquetes de estudo conceptuais da proposta arquitectónica. [Escala 1.500]

**10** | Maquetes de estudo matéricas. Blocos de cal, cimento e areia da praia. [Diferentes misturas. s/escala]

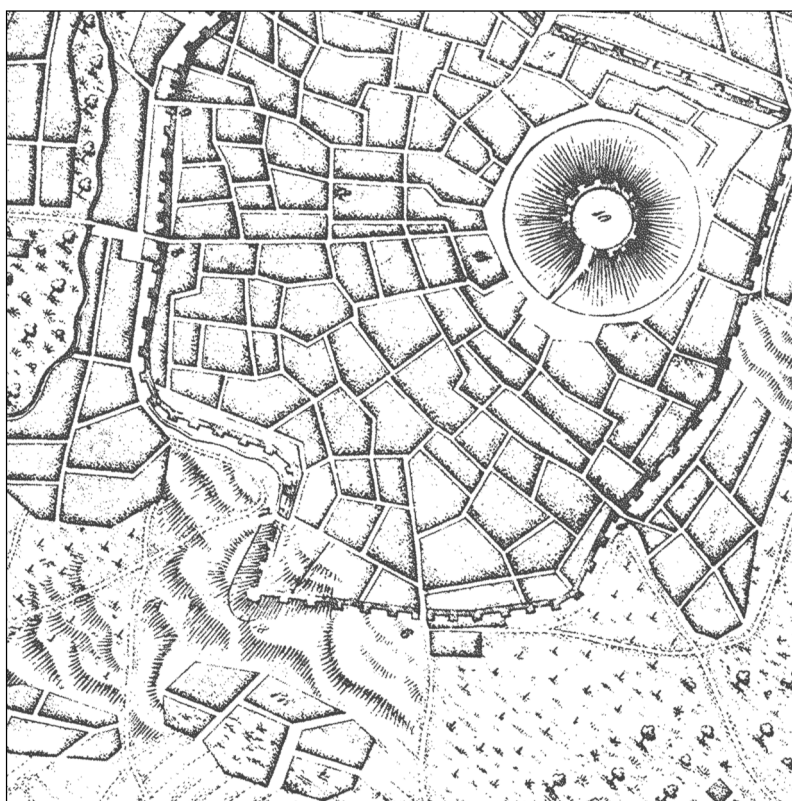


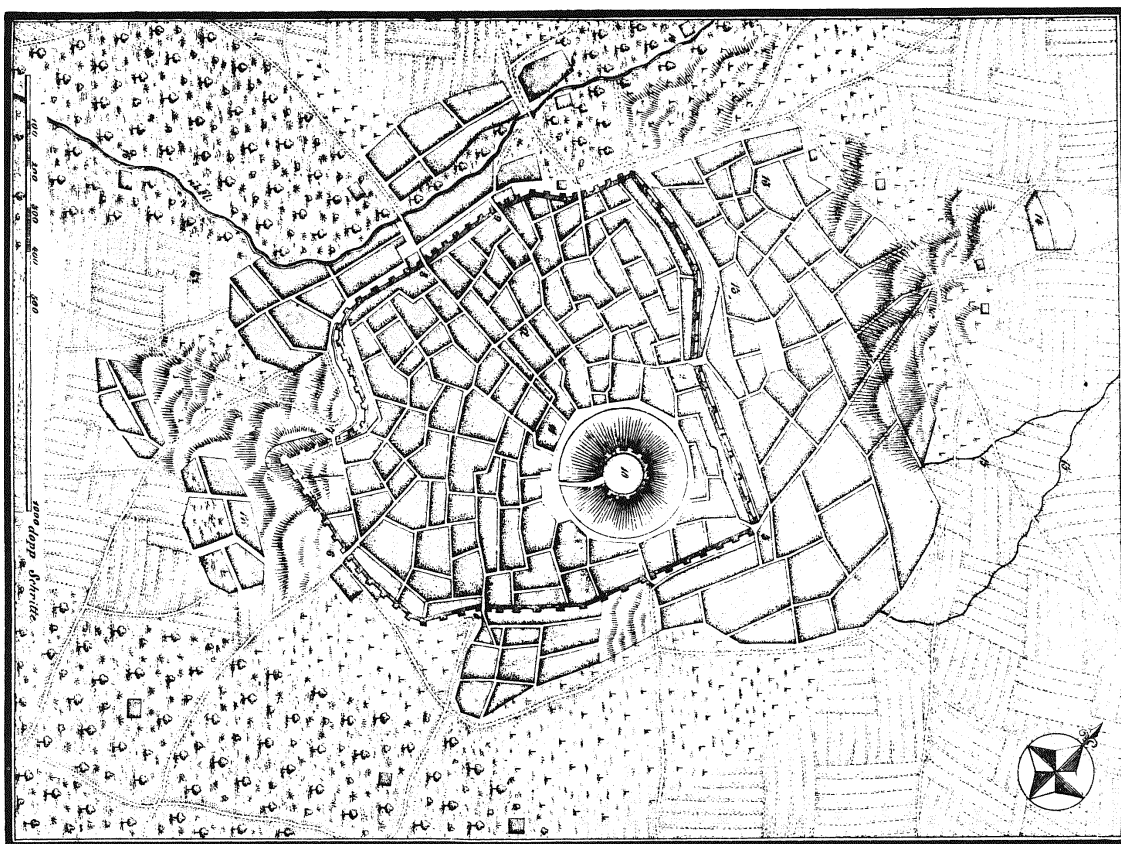


**11 |** Maquetes de estudo da proposta arquitectónica. Relação entre os pisos públicos e pisos de aulas em corte (em cima) e distribuição programática do piso público (em baixo). [Escala 1.200]

### 3. Investigação

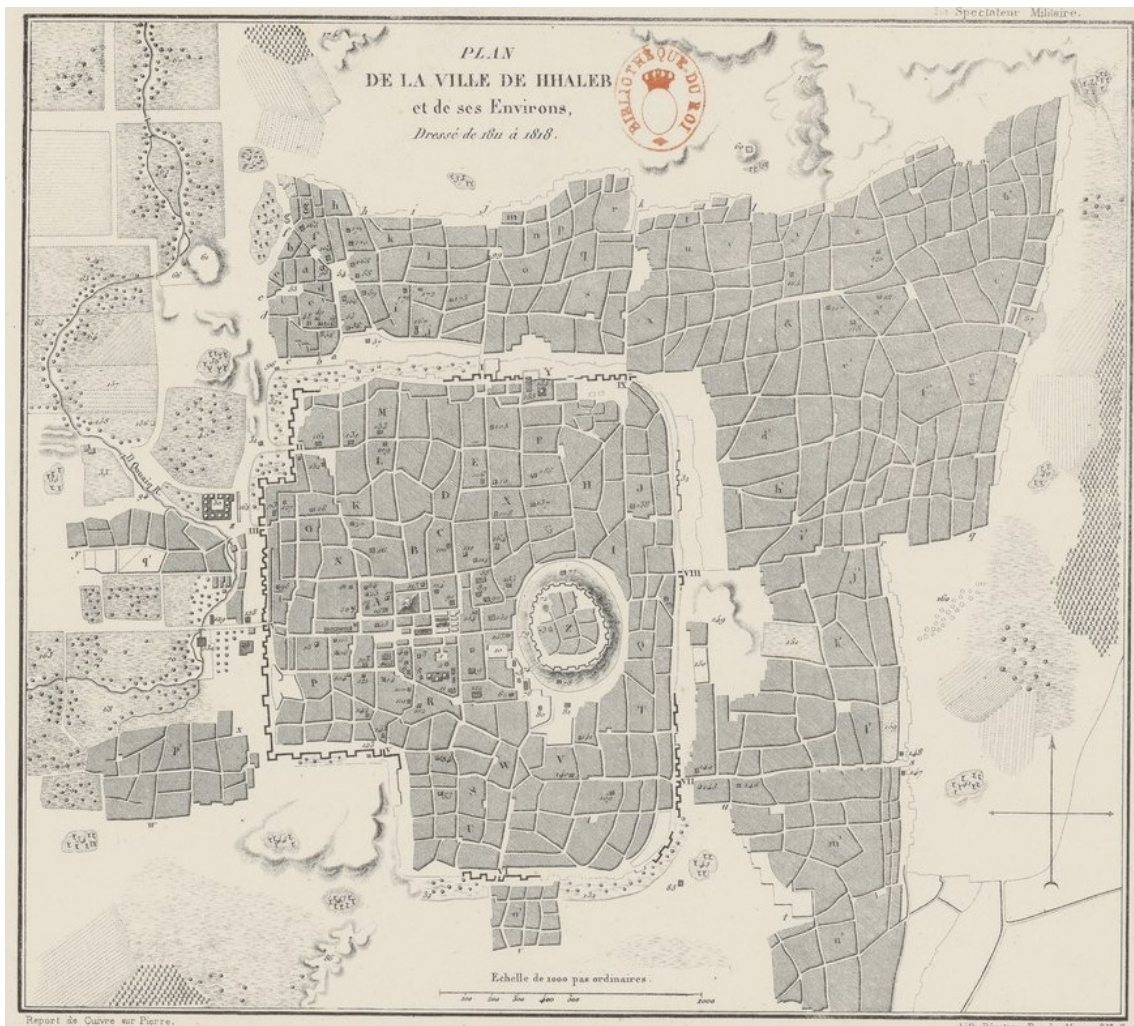
Levantamento Cartográfico



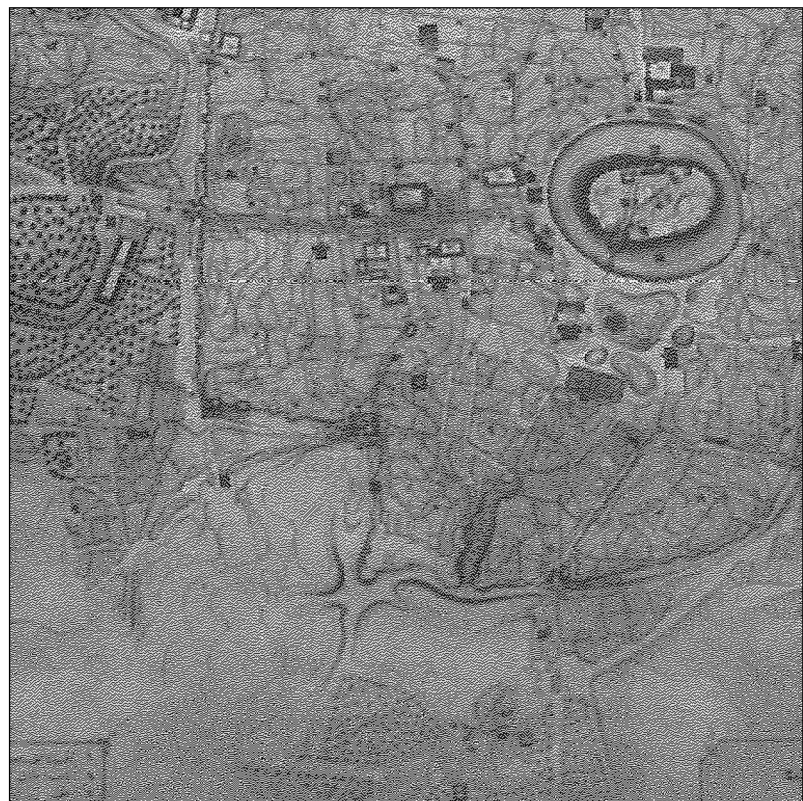


1 | Grande Estado de Alepo. [1778, C.Niebuler]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]



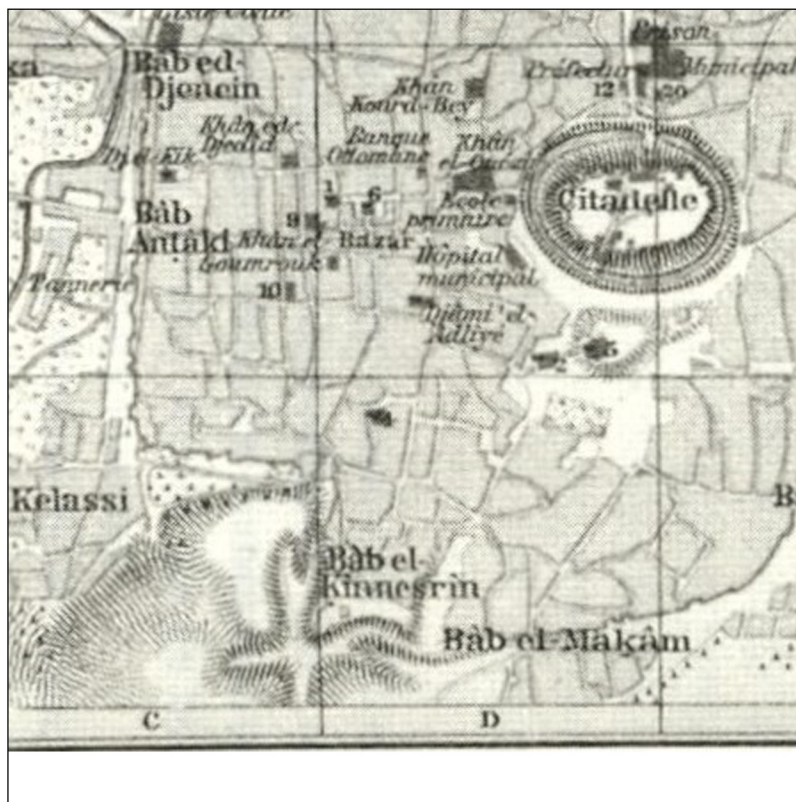


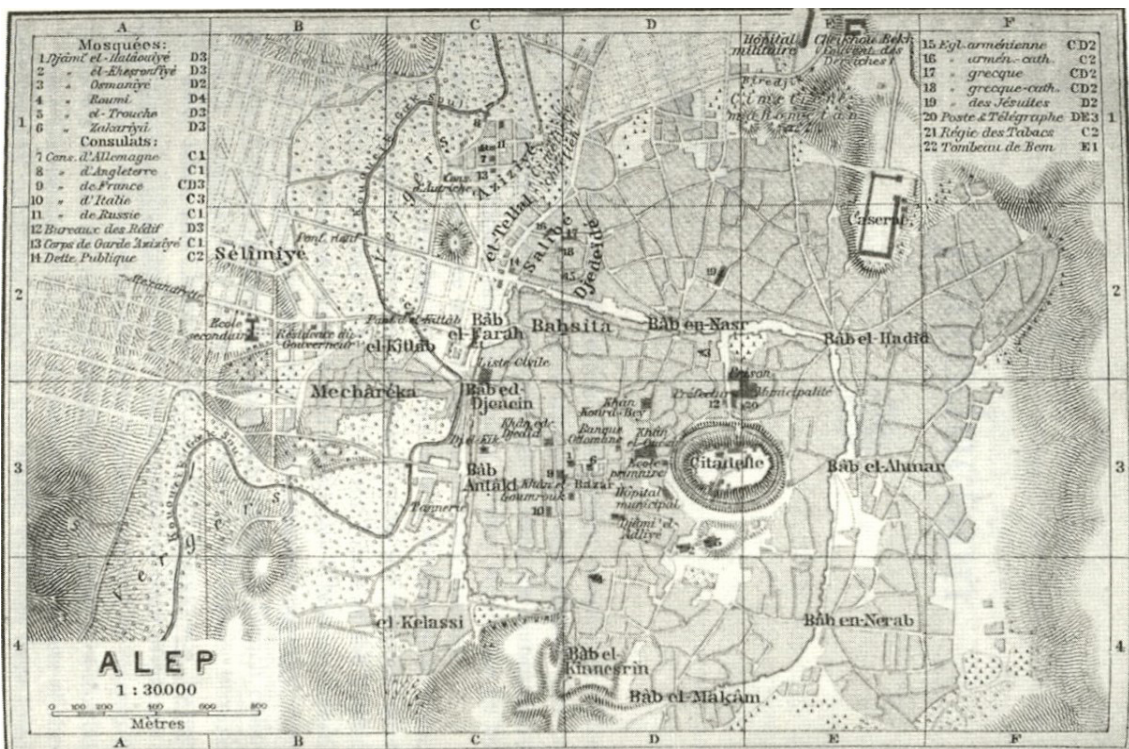
2 | Planta da cidade de Alepo...de 1811-1818. [1839, Rousseau]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]





**3** | Planta geral da cidade de Aleppo.  
[1900, autor desconhecido]; página  
do lado [ampliação da área de inter-  
venção à escala 1.15000]



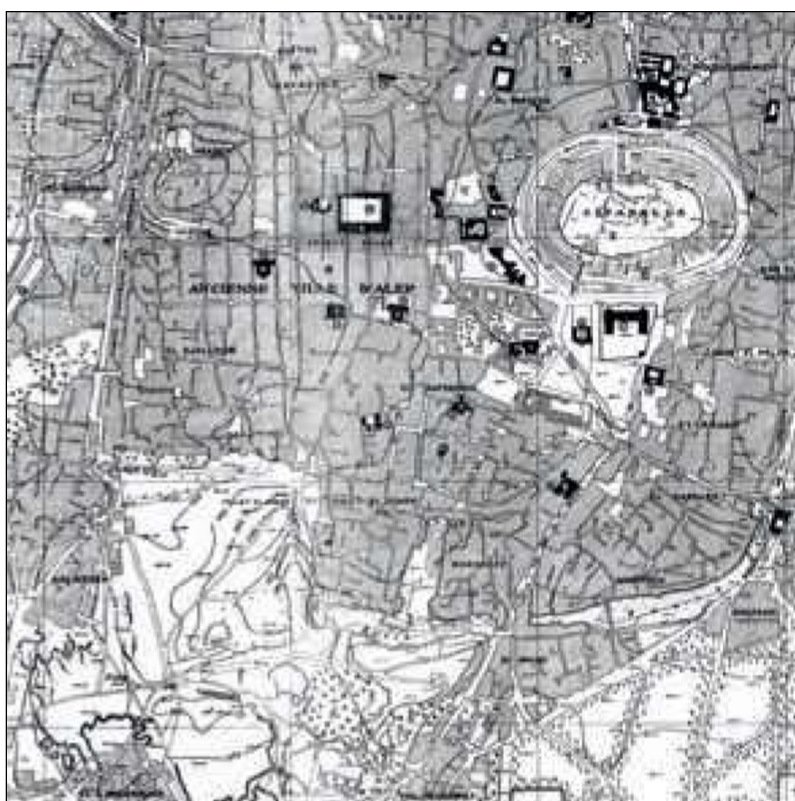


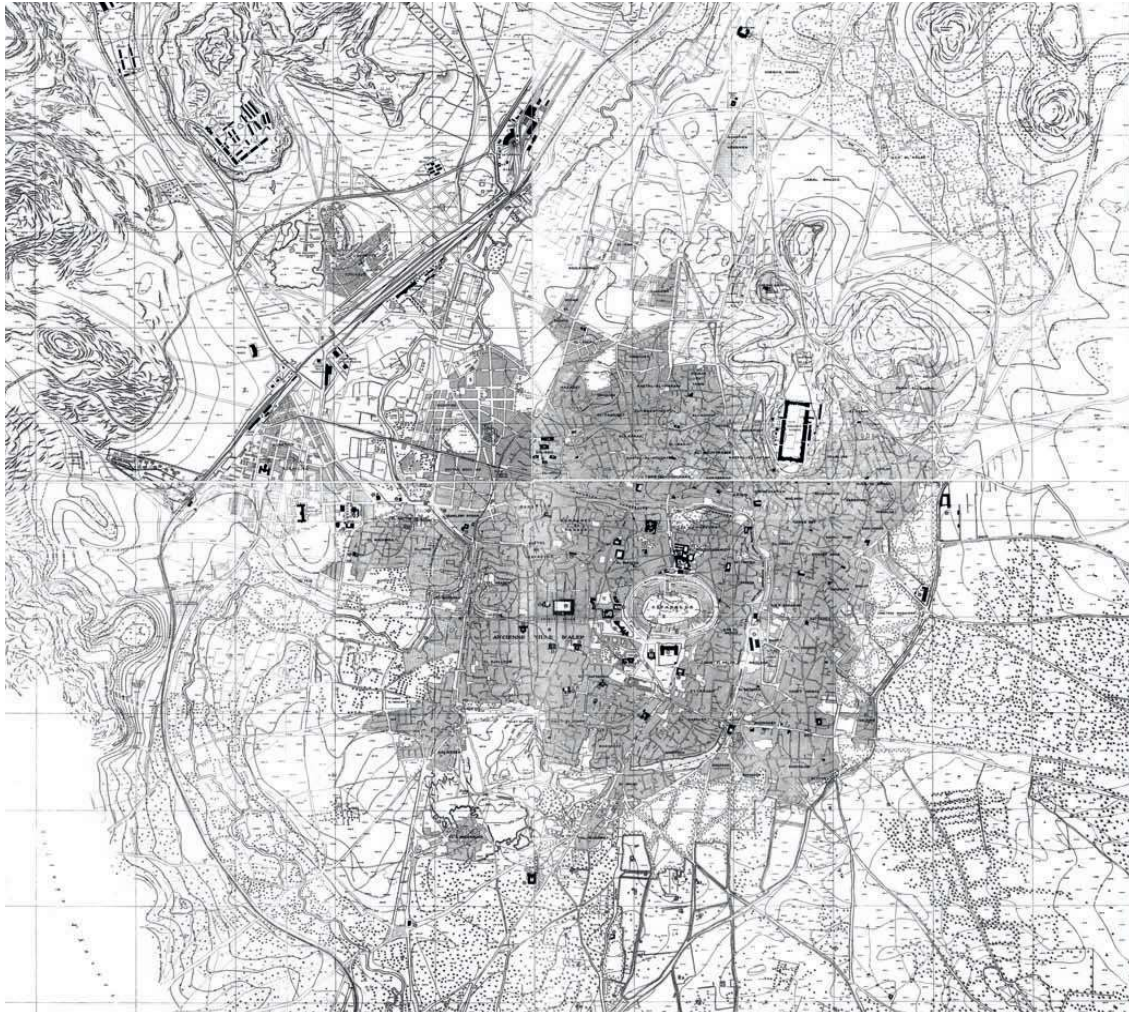
4 | Planta geral de Aleppo. [1930, autor desconhecido]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]





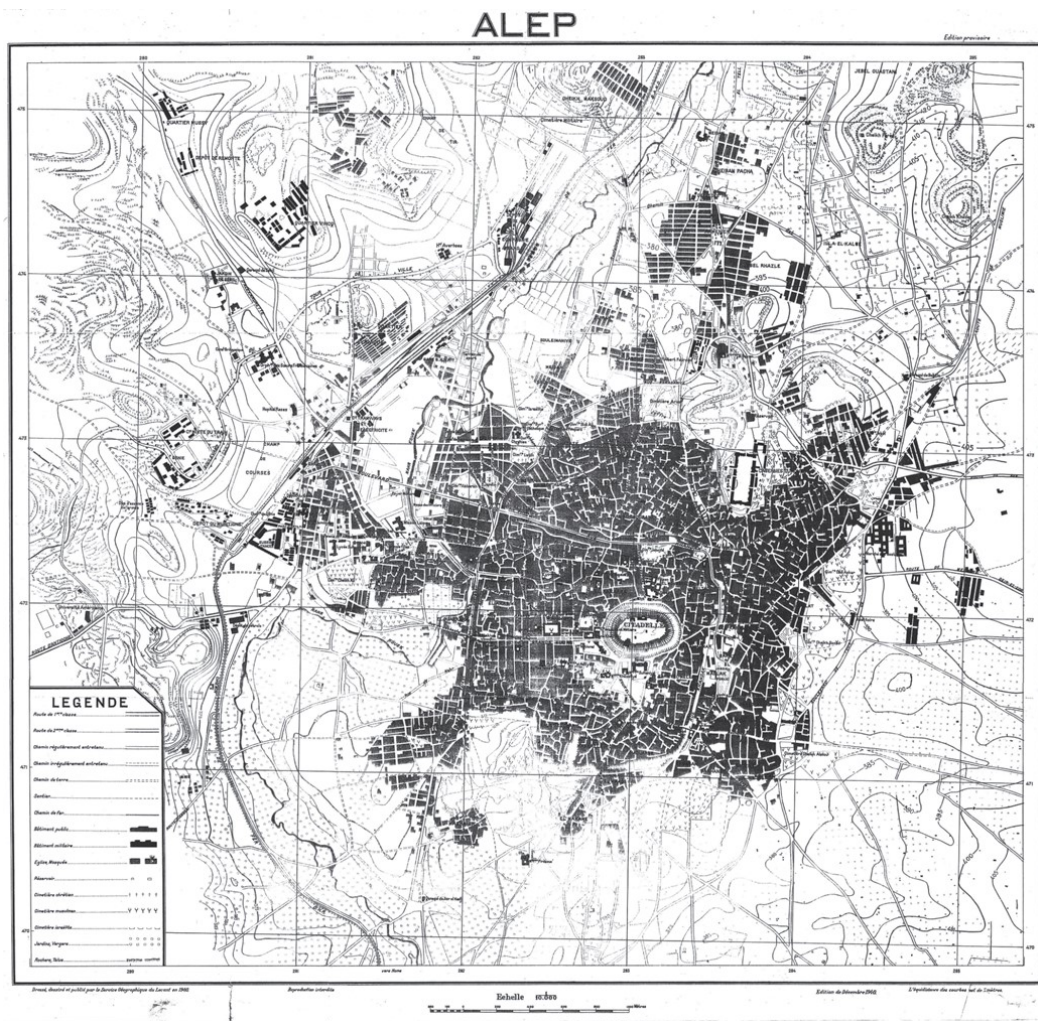
**5 |** Vista aérea de Aleppo. [1930, Michel Écochard]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]



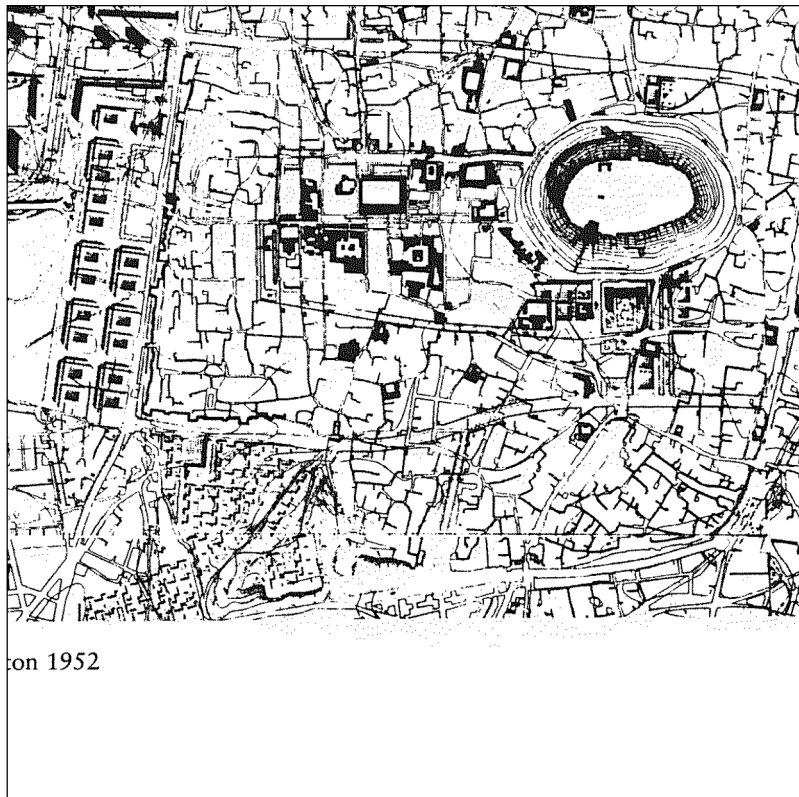


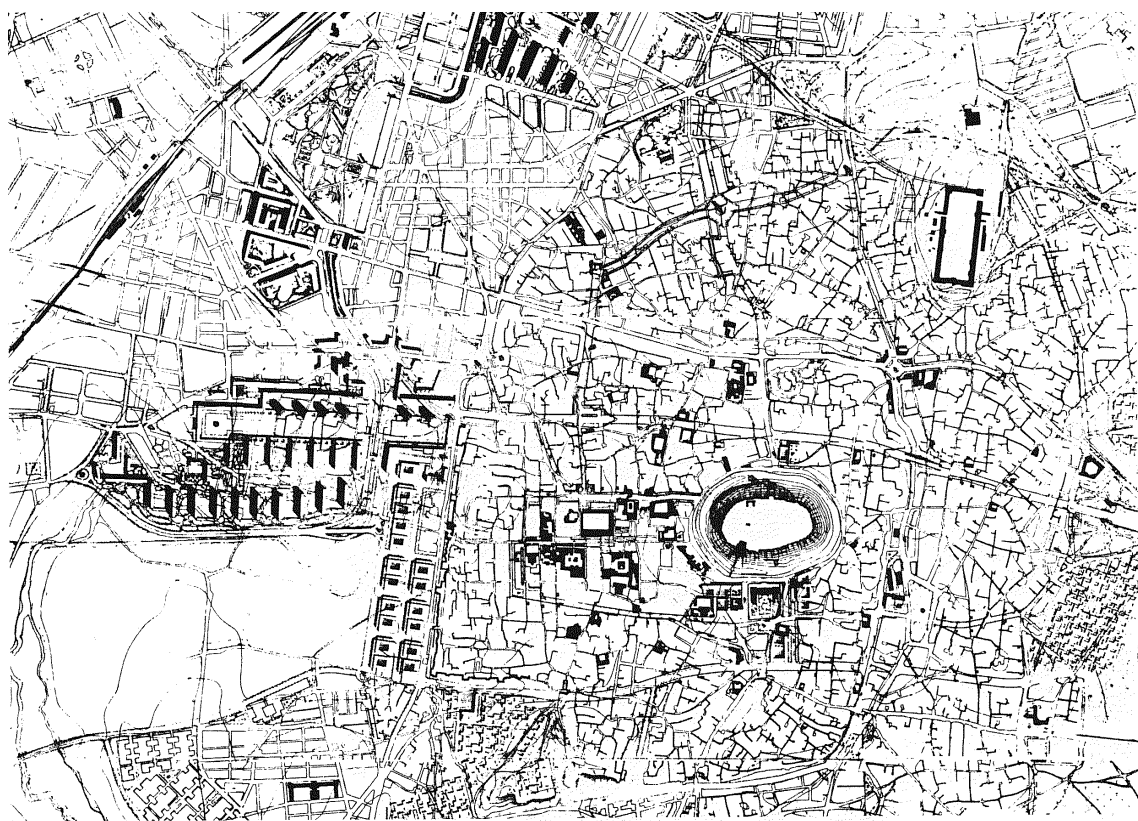
**6** | Cidade de Aleppo. [1930, Service Géographique du Levant]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]



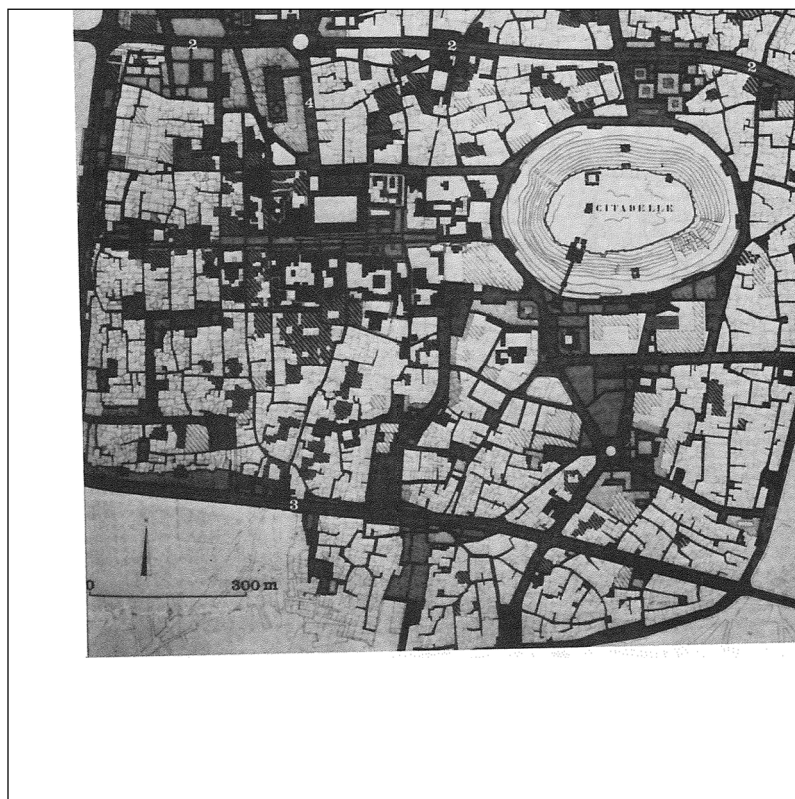


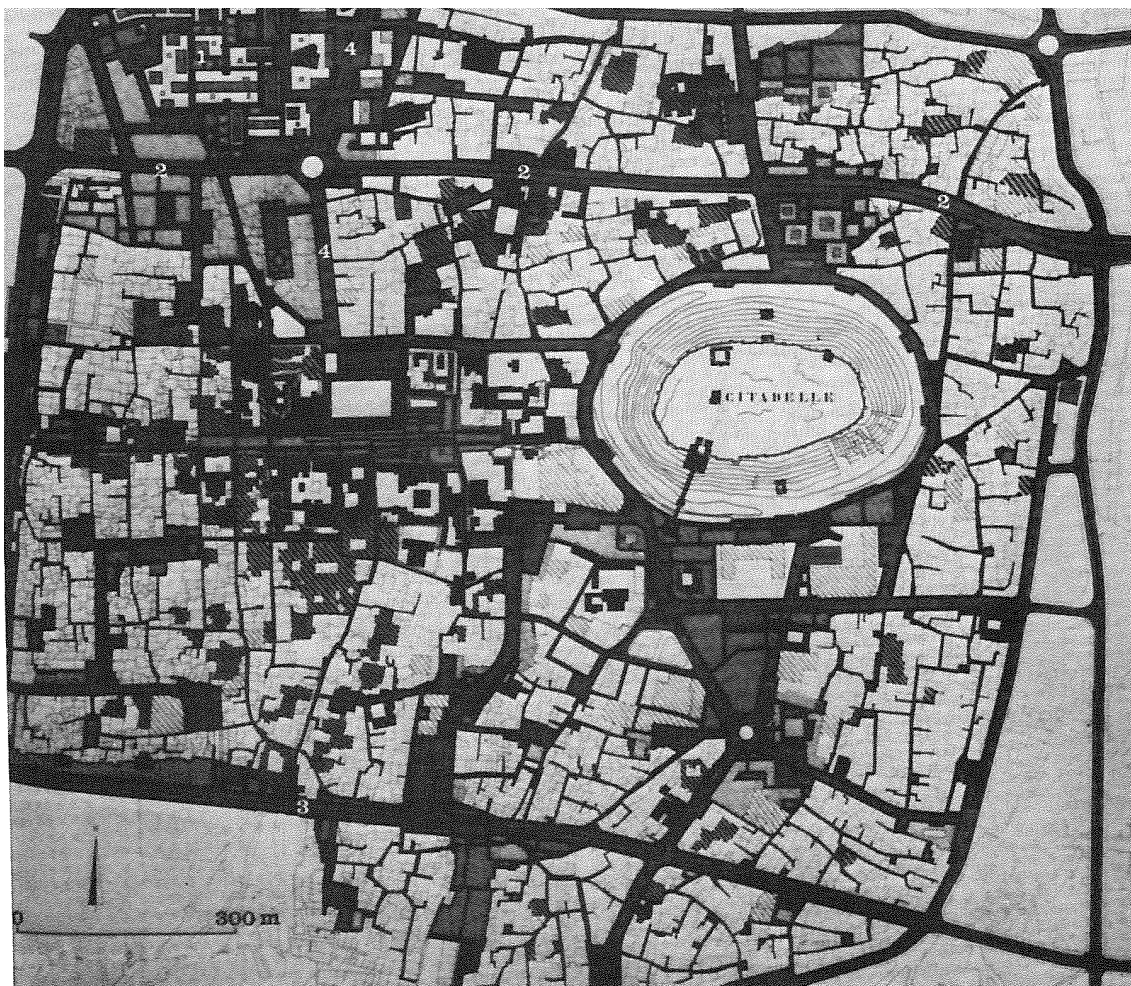
7 | Cidade de Aleppo. [1940, Service Géographique du Levant]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]





**8** | Plano de Desenvolvimento Urbano  
- André Gutton. [1952, André Gutton];  
página do lado [ampliação da área de  
intervenção à escala 1.15000]





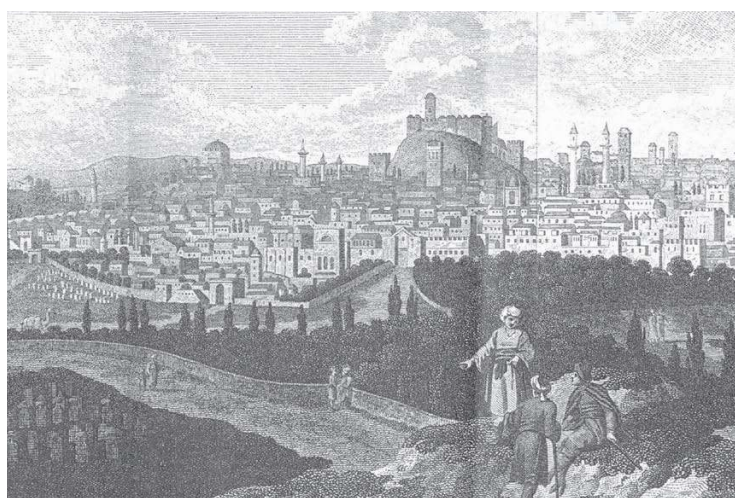
**9 |** Plano de Desenvolvimento Urbano - Gyoji Banshoya. [1972-1974, Gyoji Banshoya]; página do lado [ampliação da área de intervenção à escala 1.15000]

- 1 | Grande Estado de Alepo. 1778. C.Niebuler *in* GAUBE; WIRTH, 1984, p.32.
- 2 | Planta da cidade de Alepo...de 1811-1818. 1839. Rousseau - <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b530354312.r=Alep?rk=600861>.
- 3 | Planta geral da cidade de Alepo. 1900. Autor desconhecido *in* GAUBE; WIRTH, 1984, p.35.
- 4 | Planta geral de Alepo. c.1930. Autor desconhecido *in* MANSEL, 2016, Anexos.
- 5 | Vista aérea de Alepo. c.1930. Michel Écochard - [https://archnet.org/media\\_contents/91326](https://archnet.org/media_contents/91326).
- 6 | Cidade de Alepo. 1931. Service Géographique du Levant *in* NEGLIA, 2009, p.28.
- 7 | Cidade de Alepo. 1940. Service Géographique du Levant *in* NEGLIA, 2009, p.35.
- 8 | Plano de Desenvolvimento Urbano - André Gutton. 1952. André Gutton *in* GAUBE; WIRTH, 1984 ,p.51.
- 9 | Plano de Desenvolvimento Urbano - Gyoji Banshoya. 1972-74. Gyoji Banshoya *in* GAUBE; WIRTH, 1984 ,p.52.

Todas as ampliações se encontram aproximadamente à escala 1:15000 e respeitam o mesmo perímetro definido.



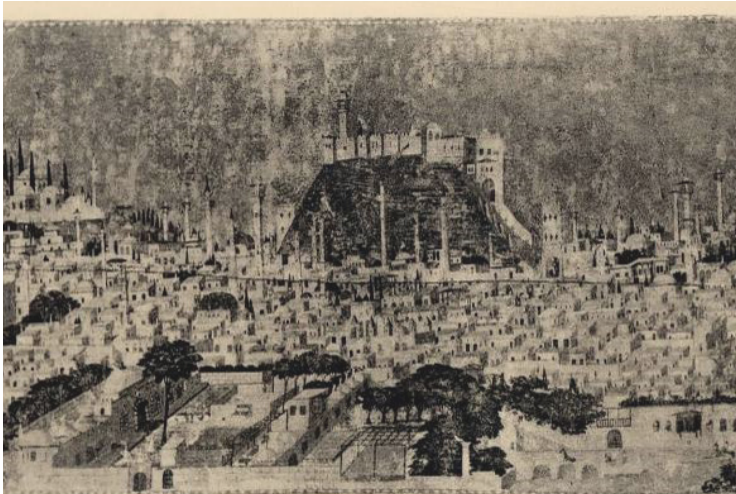
Levantamento Fotográfico



1 | Miniatura turca de Matrakci Nasuh representando Aleppo. c.1534-35.

2 | A cidade de Aleppo. Gravura de A. Russel, 1794.

3 | Aleppo no século XVIII. Gravura de A. Drummond, séc.XVIII.



**4** | Aleppo no século XVIII. Pintura de As'ad-Pacha el-Azm, séc. XVIII.

**5** | Aleppo vista de Sudoeste. Postal, s/n., 1920.

**6** | Aleppo vista de Sudoeste. Fotografia de Michel Écochard, c.1930.

**1 |** Miniatura turca de Alepo. c.1534-35. Matrakci *in* BOISSIÈRE; DAVID, 2014, cap.19. Disponível em <https://books.openedition.org/ifpo/6708>. Consultado a 23-04-2019.

**2 |** A cidade de Alepo. 1794. A. Russel *in* NEGLIA, 2009, p.28.

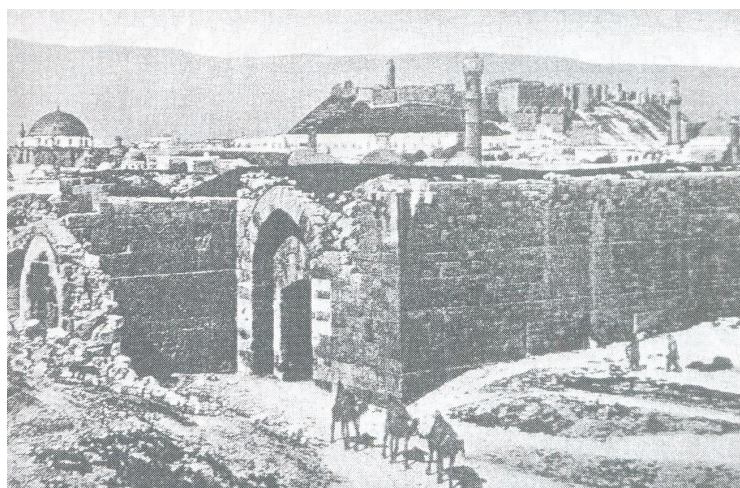
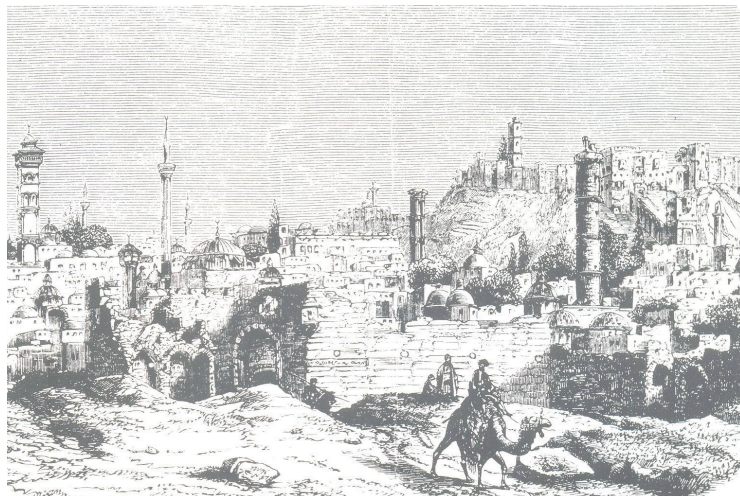
**3 |** Alepo no século XVIII. séc.XVIII. A. Drummond *in* SAUVAGET, 1941, Album (70 planches). Disponível em <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com/2011/09/19/jean-sauvaget-alep-essai-sur-le-developpement-dune-grande-ville-syrienne-des-origines-au-milieu-du-xixeme-siecle/>. Consultado a 23-04-2019.

**4 |** Alepo no século XVIII. séc. XVIII. As'ad-Pacha el-Azm *in* SAUVAGET, 1941, Album (70 planches). Disponível em <https://bertrandterlindeninarchitecture.wordpress.com/2011/09/19/jean-sauvaget-alep-essai-sur-le-developpement-dune-grande-ville-syrienne-des-origines-au-milieu-du-xixeme-siecle/>. Consultado a 23-04-2019.

**5 |** Alepo vista de Sudoeste. 1920. Autor desconhecido. Disponível em <https://www.mid-eastimage.com/result.php?selectLocation=3&search=1>. Consultado a 22-04-2019.

**6 |** Alepo vista de Sudoeste. c.1930. Michel Écochard. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/91311](https://archnet.org/media_contents/91311). Consultado em 22-04-2019.



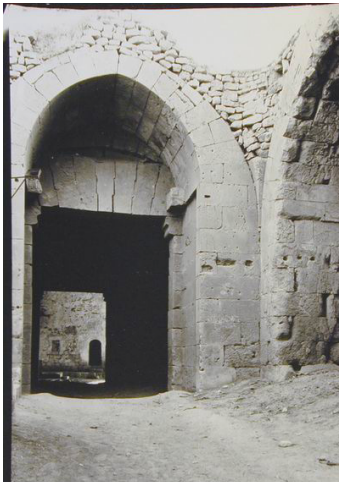


**1** | Vista de Alepo. *Bab Qinnisrin* em primeiro plano. 1857. Ilustração do Journal Universel.

**2** | Postal de Alepo. *Bab Qinnisrin* em má condição de conservação no início do século XX. Autor desconhecido. Início do século XX.

**3** | *Bab Qinnisrin*. Vista de um homem e o seu camelo que se aproximam da cidade. c.1930. Fotografia de Michel Écochard.



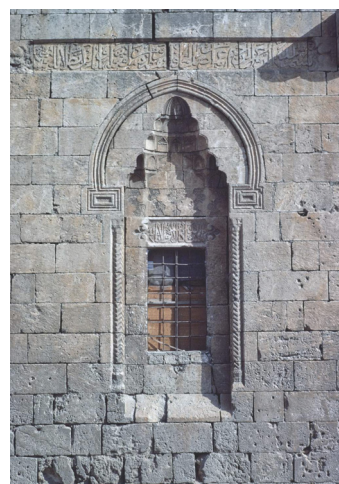


**4** | Abóbada interior da porta Qinnisrin caída. Início do século XX. Fotografia de Keppel Archibald Cameron Creswell.

**5** | Porta vista do interior da cidade. Início do século XX. Fotografia de Keppel Archibald Cameron Creswell.

**6** | Vista geral. Início do século XX. Fotografia de Keppel Archibald Cameron Creswell.

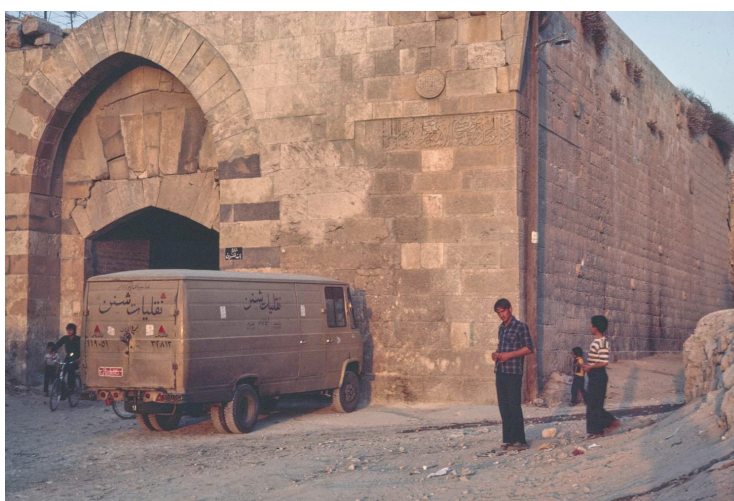
**7** | Vista de *Bab Qinnisrin* e da muralha adjacente. c.1930. Fotografia de Michel Écochard.



**8** | Torre este de Bab Qinnisrin. Estado de abandono. 1979. Fotografia de Yasser Tabbaa.

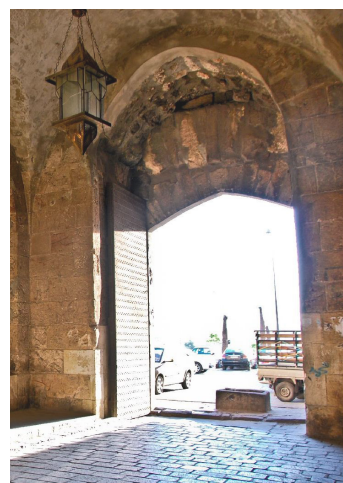
**9** | Vista da janela com *muqarna*, com inscrição gravada por cima. 1979. Fotografia de Yasser Tabbaa.

**10 e 11** | Vista exterior. 1979. Fotografia de Yasser Tabbaa.





**12, 13, 14, 15 e 16** | Trabalhos de levantamento e restauro. 1980. Fotografias de Yasser Tabbaa.



**17** | A porta após o restauro. 1994.  
Fotografia de Adnan Morshed.

**18** | Vista do interior abobadado.  
1994. Fotografia de Adnan Morshed.

**19** | Vista interior dos nichos abobadados. 2009. Fotografia de Zishan Sheikh.

**20** | *Bab Qinnisrin*. Janeiro de 2017. Autor desconhecido.



**1** | Vista de Alepo. *Bab Qinnisrin* em primeiro plano. 1857. Journal Universel. Disponível em <https://www.gettyimages.pt/detail/ilustra%C3%A7%C3%A3o/view-of-aleppo-syria-illustration-from-lillustration-gr%C3%A1fico-stock/766358751>. Consultado a 22-04-2019.

**2** | Postal de Alepo. Início do século XX. Autor desconhecido. Disponível em <https://www.mideastimage.com/result.php?selectLocation=3&search=1>. Consultado a 22-04-2019.

**3** | *Bab Qinnisrin*. c.1930. Michel Écochard. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/91376](https://archnet.org/media_contents/91376). Consultado a 22-04-2019.

**4** | Abóbada interior da porta *Qinnisrin* caída. Início do século XX. Keppel Archibald Cameron Creswell. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/35651](https://archnet.org/media_contents/35651). Consultado a 26-04-2019.

**5** | Porta vista do interior da cidade. Início do século XX. Keppel A. Cameron Creswell. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/35652](https://archnet.org/media_contents/35652). Consultado a 26-04-2019.

**6** | Vista geral. Início do século XX. Keppel A. Cameron Creswell. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/35649](https://archnet.org/media_contents/35649). Consultado a 26-04-2019.

**7** | Vista de *Bab Qinnisrin* e da muralha adjacente. c.1930. Michel Écochard. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/91377](https://archnet.org/media_contents/91377). Consultado a 22-04-2019.

**8** | Torre este de *Bab Qinnisrin*. Estado de abandono. 1979. Fotografia de Yasser Tabbaa. Disponível em <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111218&views=i>. Consultado a 22-04-2019.

**9** | Vista da janela com *muqarna*, com inscrição gravada por cima. 1979. Yasser Tabbaa. Disponível em [https://archnet.org/collections/1321/media\\_contents/111213](https://archnet.org/collections/1321/media_contents/111213). Consultado a 22-04-2019.

**10 e 11** | Vista exterior. 1979. Yasser Tabbaa. Disponível em <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111224&views=i> e <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111225&views=i>. Consultado a 22-04-2019.

**12, 13, 14, 15 e 16** | Trabalhos de levantamento e restauro. 1980. Yasser Tabbaa. Disponível em <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111204&views=i>; <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111219&views=i>; <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111205&views=i> e <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=111217&views=i>. Consultado a 22-04-2019.

**17** | A porta após o restauro. 1994. Adnan Morshed. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/4331](https://archnet.org/media_contents/4331). Consultado a 26-04-2019.

**18** | Vista do interior abobadado. 1994. Adnan Morshed. Disponível em <https://archnet.org/print/preview/mediacontents=4334&views=i>. Consultado a 26-04-2019.

**19** | Vista interior dos nichos abobadados. 2009. Zishan Sheikh. Disponível em [https://archnet.org/media\\_contents/75532](https://archnet.org/media_contents/75532). Consultado a 26-04-2019.

**20** | *Bab Qinnisrin*. Janeiro de 2017. Autor desconhecido. Disponível em Google Earth. Consultado a 26-04-2019.



#### 4. Entrevistas

Bilal

Tomei conhecimento do projecto “É Uma Vida” da Associação CRESCER em Maio de 2018. A parceria que iniciaram (2016) com a Câmara Municipal de Lisboa visa cumprir os objectivos delineados pelo *Programa Municipal de Acolhimento aos Refugiados na Cidade de Lisboa* (PMAR LX), aproveitando a experiência prévia da associação no realojamento e reintegração social de grupos fragilizados.

Entrando em contacto com os profissionais responsáveis pelo projecto, via e-mail, soube que entre os beneficiários existiam alguns alepinos asilados em Portugal. A equipa disponibilizou-se a contactá-los e a colocar-me em contacto com eles, caso se disponibilizassem para uma entrevista.

Bilal, 60, e a mulher, aceitaram receber-me na casa para onde se tinham recentemente mudado no bairro de São João, na freguesia da Penha de França. Estavam em Portugal havia poucos meses, de modo quase accidental - esta não tinha sido a primeira escolha do casal - e ainda a tentar ambientar-se ao novo espaço, ao novo bairro, à nova cultura, à nova língua.

Visto que ambos falavam apenas Árabe, fui gentilmente acompanhada pelo Abrar, tradutor da CRESCER - jovem iraquiano também asilado em Lisboa. Dado o seu já grande à-vontade com o Português, pude colocar uma série de questões que me deram uma perspectiva mais esclarecida quanto a algumas dúvidas sobre as quais me interroguei e fui tendo curiosidade ao longo desta pesquisa.

Eis alguns pedaços dessa nossa conversa, que se estendeu tarde dentro, acompanhada de um acolhedor e saboroso lanche-ajantarado - para o qual já ia advertida que não faltaria pelo Abrar - esmeradamente feito pela mulher de Bilal, que pouco interveio na conversa, apesar de curiosa, por andar azafamada com outras tarefas domésticas.

**Carolina: Onde habitavam em Alepo e o que vos fez tomar a decisão de partir?**

Bilal: Não habitávamos em Alepo propriamente, mas sim numa vila próxima entre a cidade e Afrin, perto da fronteira com a Turquia. Aguentámos algum tempo após o início do conflito, mas a um dado ponto a vida quotidiana tornou-se praticamente impossível, vivíamos numa insegurança constante, não podia continuar a minha actividade profissional. Tivemos de partir.

**C: Qual era a sua actividade profissional na Síria?**

B: Tinha uma fábrica familiar de transformação de textêis. Fazia todo o tipo de roupa: camisas, calças, coletes...Comecei quando era muito novo, tinha 10/11 anos. Ia frequentemente ao centro da cidade de Alepo para me encontrar com alguns revendedores habituais e estabelecer novos.

**C: Que recordação guarda com mais saudade do seu país?**

B: Os vastos olivais verdejantes que se estendem por quilómetros entre a minha vila e a cidade.

**C: Com o fim do conflito, que se deseja para breve, desejariam voltar?**

B: Se a guerra terminasse hoje, voltaria amanhã ou mal pudesse. De momento já ficaria muito feliz de me poder reunir novamente com os meus filhos e netos, na Alemanha. Vamos falando pelo Whatsapp.



**1** | Fotografia tirada no final da entrevista. Da esquerda para a direita: Abrar, o tradutor; a autora; Bilal, o entrevistado; a esposa de Bilal. [Maio de 2018]

## 5. Viagens

Marraxexe, Casablanca e Rabat (Marrocos)

Projectar para um local momentaneamente não visitável foi um desafio que nunca se colocou durante o meu percurso académico. Pareceu-me inicialmente uma grande condicionante, mas rapidamente se tornou uma das permissas próprias e justificáveis do contexto em que estava a intervir, isto é, hipoteticamente pós-conflito.

A informação disponibilizada *online* pelas inúmeras instituições académicas, organizações não-governamentais e centros de investigação que se têm debruçado sobre o tema revelou-se plural e suficiente, mas a vontade de conhecer e experimentar mais de perto o espaço urbano de matriz islâmica fez--me viajar até Marrocos, em Outubro de 2018.

Marrocos pareceu-me uma hipótese viável e que poderia ser rica em paralelismos com o caso em estudo, dada a comum matriz urbana islâmica e a influência modernista sob a acção do Protectorado Francês, apesar das especificidades próprias de cada país.

Durante uma semana visitei Marraxexe, Casablanca e Rabat, debruçando-me em particular sobre as zonas de transição entre as cidades históricas e os novos bairros. Fotografei inúmeras portas urbanas, observando atentamente o modo como o espaço era apropriado nas suas imediações e as pessoas fluíam. Fiz desenhos esquemáticos das oficinais que entrevi nas ruas estreitas dos *souks*. Sempre que possível conversei com alguns locais, ora em Inglês ora em Francês, destacando a sorte que tive em Marraxexe, em que fui guiada pelo Karim, estudante de Arquitectura local, sem quem me teria certamente perdido nas ruas labínticas do centro da cidade.

As próximas páginas são uma selecção das imagens e desenhos que melhor me parecem ilustrar esta viagem e que constituíram importantes dados, enriquecendo o processo de projecto.



**1** | Fotografia tirada na proximidade de *Bab Mellah*, Marraquexe. Esta área aparentava ter sido alvo de obras recentemente, tendo sido criadas condições para o estabelecimento fixo de espaços comerciais nas arcadas limítrofes à porta. [Outubro de 2018]



**2 e 3 | Bab Mellah, Marraquexe.**

Zona de intenso tráfego automóvel e pedonal. Entre a porta e o tecido urbano extarmuros, impõem-se um imponente eixo viário de circulação que contorna a cidade. [Outubro de 2018]

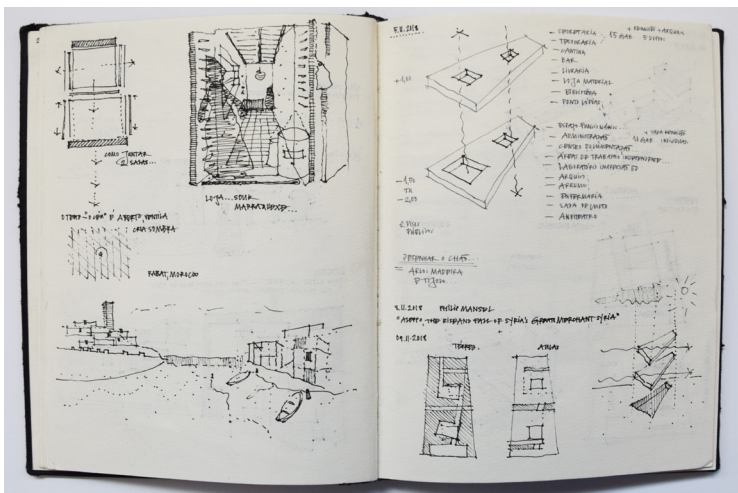


**4 e 5 | Souks, Marraquexe.**

A primeira, uma loja de vimes. A segunda, uma loja de tecidos - um dos já raros casos em que no interior ainda existe afecta uma pequena área de produção. O comerciante-artífice fazia bandeiras. [Outubro de 2018]

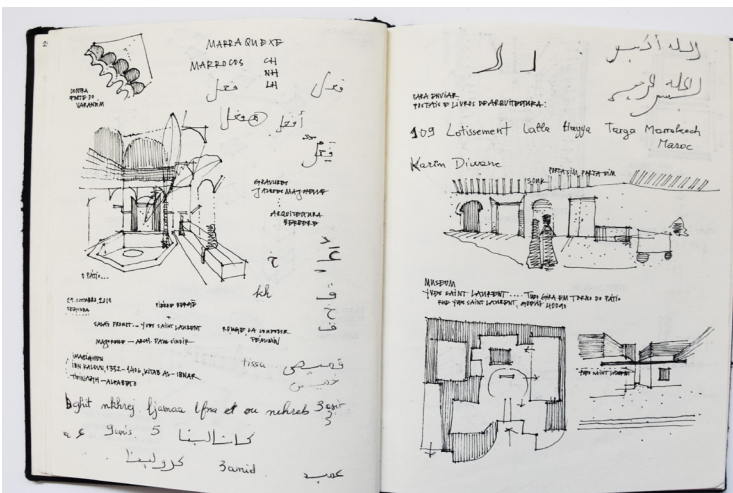
**5 | Esquissos, Marraquexe e Rabat.**

Na página da esquerda, observa-se o levantamento de uma loja-oficina, feito por observação, em Marraquexe. Por baixo, um desenho que ilustra os contrastes urbanos observados em Rabat, do topo dos jardins da Torre Hassan. [Outubro de 2018]





**6 e 7 |** Porta para a cidade histórica, Casablanca. Centro económico, portuário e industrial de Marrocos, Casablanca é a cidade onde a descontinuidade e incompatibilidade entre o antigo e o novo é mais evidente. [Outubro de 2018]



**8 e 9 |** Fora das muralhas, o experimentalismo. A zona do porto de Casablanca, em construção veloz, cria uma barreira física entre a água e a antiga cidade. [Outubro de 2018]

**10 |** Esquissos, Marraquexe. Pormenores de alguns pátios e casas que tive a oportunidade de visitar. [Outubro de 2018]



**11,12 e 13** | Os *souks* profundamente transformados, Rabat. Em Rabat, os *souks* contrastam com o tradicionalismo que havia observado em Marraquexe. Vendem-se roupas tradicionais ou similares fabricadas na China. Poucas são as lojas que ainda têm zonas oficiais associadas. [Outubro de 2018]

**14** | A cidade governamental francesa, Rabat. A principal avenida da cidade, monumental, é pontuada por grandes edifícios do período do Protectorado Francês. [Outubro de 2018]



## 6. Textos

Reconstrução pós-guerra

*Um breve panorama à 2ª. metade do século XX*

1. CHARLESWORTH, Esther [2006] op.cit., p.30; a divisão nem sempre é tão clara, tendo muitas das vezes sido posta em prática uma solução de "compromisso".

2. Ibid., p.14; segundo a autora, a bibliografia disponível sobre o assunto é escassa e pouco sistematizada.

Reconstruir foi sempre um acto banal, meio feito através dos esforços informais da população, meio tido como arma de afirmação das dinastias e dos poderes vigentes, tornando-se apenas um acto metódico e ideológico, um esforço de reflexão multidisciplinar após a 2ª Guerra Mundial, que deixou grande parte da Europa brutalmente aniquilada.

Os arquitectos, chamados, pela primeira vez, a responder formalmente à questão, tomaram uma de duas posturas, nem sempre mutualmente exclusivas: a democrática, que via como essencial a participação da população no processo de reconstrução e a autocrática, que descobria na desgraça a oportunidade única para o cumprimento das suas próprias visões.

O esclarecimento desta dicotomia é particularmente importante para compreender a tomada de posição ideológica que se seguiu na resposta a como reconstruir: uns, historicistas, apologistas da reprodução *fac-simile* – reconstruir “o que estava, onde estava, como era”; outros, descrentes em soluções do passado, modernistas, favorecedores da *tabula rasa*.<sup>1</sup>

As estratégias co-existiram, mas a discussão prendeu-se substancialmente com a questão física, dada a imperatividade de reestruturar rápida e eficientemente, dum ponto de vista económico, as cidades. Pouco foi escrito sobre as metodologias aplicadas, pouco foi estudado sobre os resultados dessas mesmas metodologias.<sup>2</sup>

Eis alguns casos de estudo analisados, que ajudaram na compreensão da multiplicidade de opções de actuação neste tipo de contexto.

## Varsóvia

O *fac-simile* historicista (1945)

“ Warsaw has to be purified, that is, razed to the ground.”<sup>3</sup>

Adolf Hitler, 1944

No apogeu da guerra, os Nazis montaram um verdadeiro plano de “aniquilação cultural sistémica” da cidade de Varsóvia. Primeiro, fizeram um levantamento do património existente; depois, procederam à sua destruição, arrasando o “orgulho polaco”. (fig.1)

Como desculpa, afirmaram que a antiga cidade, fundada sobre “um mercado enquanto modesto centro comercial fortificado, responsável pela administração regional” no século XIV, já não servia os propósitos da vida moderna, sendo necessário fazer erigir uma nova<sup>4</sup>.

“(…), I was somewhat shocked when I found that just such decisive confirmation of the tangible significance of historic buildings was activated none other than Adolf Hitler during World War II, when in order to subdue the roles, he ordered the destruction of the monuments of Warsaw. In seeking to destroy his enemies’ courage, Hitler identified a primal source of their strength.”<sup>5</sup>

in *Preserving the World’s Great Cities: The Destruction and Renewal of Historic*

*Metropolis*, Anthony Max Tung

Obrigados a sacrificar a “cidade física”<sup>6</sup> para salvar a própria pele, os polacos foram deixados com uma capital reduzida a escombros. Os mais importantes edifícios, considerados “âncoras de coesão”, – tinham sido aniquilados um a um – método altamente eficaz: no fim do conflito, a destruição em Varsóvia era muito superior às cidades mais fustigadas pelos bombardeamentos aéreos. (fig.3)

Imediatamente após a libertação, Estaline engendrou um plano com vista à rápida reconstrução<sup>7</sup>, com o seguinte mote: “*The entire nation builds its capital city*”<sup>8</sup>. (fig.2) Aplicou-se a política “*comèra dovèra*”<sup>9</sup>, apesar do programa

3. HITLER, Adolf in MAX TUNG, Anthony, “The Destruction and Renewal of Historic Metropolis”, p.73; tradução livre: “Varsóvia precisa de ser purificada, isto é, totalmente arrasada.”

4. Plano Pabst (1940) – A Alemães pretendiam arrasar a cidade e reconstruí-la como cidade modelo.

5. Op. cit.,p.75; tradução livre: “(...) fiquei de certa maneira chocado, quando descobri tamanha confirmação da significância tangível dos edifícios históricos foi activada nem mais nem menos que por Adolf Hitler durante a 2ª Guerra Mundial, quando para subverter os papéis, ordenou a destruição dos monumentos de Varsóvia. Para destruir a coragem dos inimigos, Hitler identificou a sua mais primária fonte de força.”

6. Insurreição de Varsóvia (1944) – movimentos locais libertários decidiram fazer frente ao exército nazi.

7. Plano dos 6 Anos (1950) – Plano polaco para reconstruir o país física e economicamente, em tempo *record*, após o término da 2ª Guerra Mundial.

8. MAX TUNG, Anthony [2001] op. cit.; tradução livre: “Toda a nação constrói a sua capital.”

9. Ibid.; tradução livre: “como era, onde era.”

10. Ibid. Nem todos os edifícios do centro histórico chegaram a ser reconstruídos e os critérios para a selecção dos mesmos não eram claros, inferindo-se que o programa de reconstrução servia propósitos políticos.

11. Pintor italiano (1720-1780) conhecido pelas suas paisagens urbanas, as *vedute*.

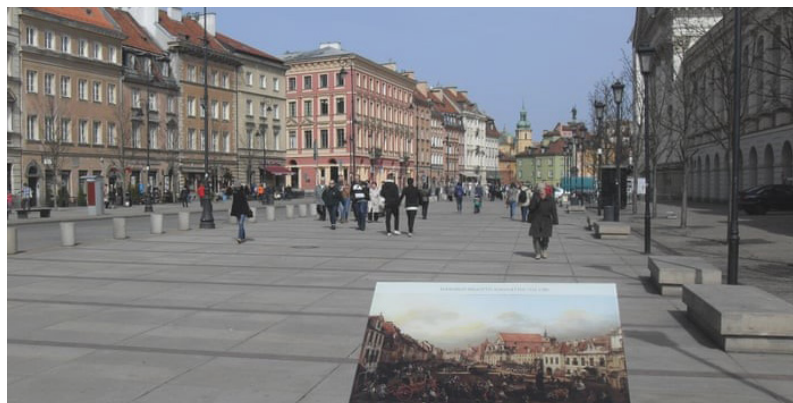
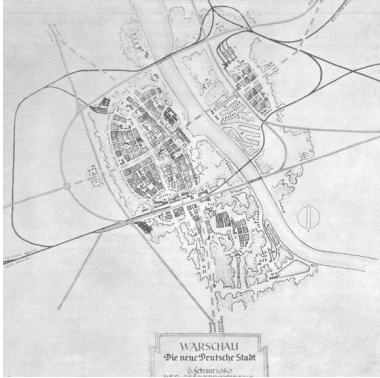
12. MAX TUNG, Anthony, [2001] op.cit., p.73.

de reconstrução ser visivelmente selectivo e estar subjugado à agenda de interesses e propaganda comunista<sup>10</sup> - a força política que tomou o governo do país finda a guerra.

Muitos dos edifícios foram reconstruídos à imagem dos que ali tinham estado, mas nem sempre de acordo com a sua situação imediatamente antes da guerra. As *vedute* de Bernardo Bellotto<sup>11</sup> (séc.XVIII) foram a fonte preferida na tomada de algumas decisões, já que retratavam o período áureo polaco, livre de governos externos. (fig.4)

Optou-se por uma “verdade envernizada”, que eliminou “a ocasional fealdade, estupidez e imperfeição” do passado. Qualquer memória do conflito procurou ser esbatida, procurando-se, por oposição, enaltecer os traços identitários da cidade.<sup>12</sup>

As críticas internacionais aos edifícios “antigos”, que nem sempre pareciam assim tão antigos - apesar dos esforços em implementar técnicas construtivas vernaculares e trabalho manual especializado - não impediram a classificação do centro histórico de Varsóvia como Património Mundial pela UNESCO (1980).



**1 | Plano Pabst.** [1940] Os Nazis pretendiam fazer de Varsóvia a sua cidade modelo, o que obrigava à destruição.

**2 | Trabalhos de reconstrução.** [1953]. A cidade foi reconstruída segundo as técnicas vernaculares dos edifícios originais e com a formação de mão-de-obra especializada.

**3 | Praça do centro da cidade, Varsóvia.** [1946]. Os arquitetos responsáveis pela reconstrução construíram o primeiro piso de um dos lados da praça, durante a noite, após uma ameaça do Partido Comunista de abrir esse alçado, criando ligação directa com o rio.

**4 | Rua *Krakowskie Przedmiecie*.** [2016] Por comparação as *vedute* de Belloto, que serviram de base para os planos de reconstrução.

## Beirute

*A tabula rasa* modernista (1990)

13. Com a criação do estado de Israel, palestinos muçulmanos refugiaram-se no Líbano (1948-1967), criando animosidade com os cristãos maronitas - no controlo dos principais órgãos de poder do país. A intervenção militar internacional complicou ainda mais o conflito.

14. CHARLESWORTH, Esther, [2006] op.cit.; empresa público-privada, fundada em 1994, com enquadramento excepcional na lei, o que lhe permite um grau de auto-determinação particular.

15. Ibid. Frequentemente denominado como *Plan Centre Ville*.

16. Ibid., p.53

17. Ibid.; o centro histórico foi praticamente totalmente expropriado, o que facilitou a execução rápida do projecto.

18. Ibid. A memória escolhida, eleita parcialmente através de critérios pouco definidos, subjugados a interesses económicos.

19. Ibid.; tradução literal: "cidade como um coração".

20. Ibid.; tradução literal: "cidade como uma espinha".

21. Ibid., p.70.

Beirut ficou em escombros depois de uma guerra civil brutal; motivada por divergências étnicas e religiosas (fig.5/6/7), fortemente acicatadas por uma alteração demográfica rápida, motivada por um grande fluxo migratório<sup>13</sup>.

Após mais de uma década de conflito (1975-1990), a reconstrução da cidade foi entregue a uma empresa – *Solidere*<sup>14</sup> – cujo principal objectivo foi a brevidade na resposta.

O plano contemplava apenas o centro histórico<sup>15</sup>, o que correspondia apenas a 10% da área da cidade. (fig.8) Tinha um enfoque particular na preservação do património; confiando cegamente em “*experts* internacionais.<sup>16</sup> Focava-se sobretudo nas “infra-estruturas físicas”, mas não tomava em consideração os agentes locais envolvidos.<sup>17</sup>

O resultado foram grandes discrepâncias urbanas entre o centro, onde emergiram novos projectos habitacionais e comerciais, sob grande especulação imobiliária, economicamente acessíveis apenas a uma franja muito reduzida da população, com um toque de *ruin memorabilia*<sup>18</sup> e uma grande área circundante, esquecida, ainda expectante por soluções.

A reconstrução física surgiu, maquilhando um problema maior para o exterior, atraindo investimento económico e atenção internacional. A conciliação urbana, pelo contrário, não foi feita, mantendo-se a polarização social. (fig.9)

Beirut foi reconstruída partindo do pressuposto que o exemplo do centro se expandiria, como que por magia, às áreas circundantes – *city as a heart*<sup>19</sup> -, no entanto, uma estratégia que tivesse ido à raiz do problema, às linhas de cisão urbanas, teria originado soluções de conjunto e compromisso, resultando numa reconstrução mais efectiva do todo – *city as a spine*<sup>20,21</sup>.



**5 |** “Linha Verde” de Beirute (1975-1990). A Oeste os muçulmanos a Este os cristãos.



**6 |** Cruzamento num dos *checkpoints*, perto de *Barbir-Museum*. [Julho 1989] O atravessamento de carros e peões era difícil e apenas possível em pontos específicos.



**7 |** Zona abandonada da “Linha Verde”. [1982] Devido aos conflitos constantes, as zonas adjacentes à linha de cisão foram abandonadas e, com os anos, apoderada pela Natureza.

**8 |** A baía *Zaitunay Bay*, no centro da cidade. [2012] Após a reconstrução da *Solidere*, o centro de Beirute é hoje inacessível aos locais. As habitações são maioritariamente ocupadas por estrangeiros e muitas lojas estão ainda fechadas.

**9 |** A “colonização” da periferia pela classe média de Beirute. [2017] Novos bairros, isolados e informais, surgem nas encostas das cidades para fazer face às necessidades habitacionais da população.

## Mostar

*A glamorização do trauma* (1996)

22. MACKIC, Arna, "Mortal Cities: The Irreversible Disappearance of Mostar" [portal]; o seu nome vem de *mostari*, que em sérvio-croata significa *os guardadores da ponte*, já que este era um ponto de controlo importante nos fluxos do rio *Neretva*.

23. MACKIC, Arna, [2012] "Mortal Cities and Forgotten Monuments". Motivada por movimentos independentistas, que levaram a cabo limpezas étnicas e resultaram na formação de novos estados independentes: Bósnia-Herzegovina, Croácia, Eslovénia, Kosovo, Macedónia e Montenegro.

24. Ibid.; O mote utilizado por Tito era: "Unity and Fraternity"; tradução livre: "Unidade e Fraternidade".

25. Ibid.; *Republika Srpska*, com Banja Luka como capital.

26. Ibid.; Acordo de Karadordevo (Março de 1991) e Acordo de Graz (Maio de 1992).

27. Ibid.; Acordo de Dayton (Dezembro de 1995).

28. Ibid.; p.65.

Mostar<sup>22</sup>, fruto de dois grandes cercos (1992 e 1993), ficou arrasada com o fim da Guerra Civil da ex-Jugoslávia<sup>23</sup> (1991-1995).

Tito (1892-1981), o ditador (de 1953 até à sua morte), tinha-se esforçado por construir uma identidade para a confederação de estados jugoslava, fortemente abalada pela 2ª Guerra Mundial, igualmente destruidora desta área<sup>24</sup>. Para tal, serviu-se várias vezes da Arquitectura, que se alicerçou nos aspectos sociais unificantes, preterindo representações de um passado plural regional.

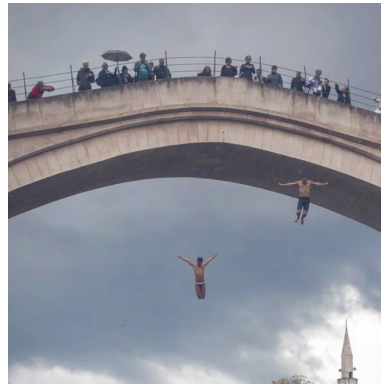
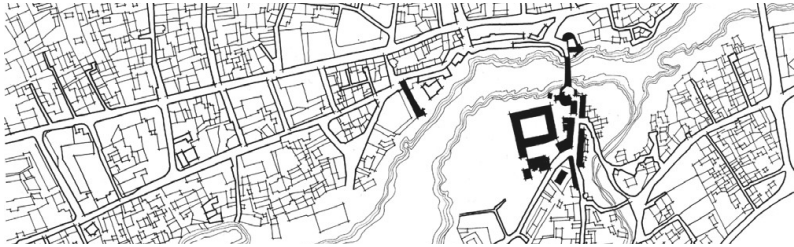
Após a sua morte (1981), a Jugoslávia entrou num período de forte recessão económica. Os nacionalismos, adormecidos durante o período ditatorial, manifestaram-se no início da década de 90 com a independência da Eslovénia e da Croácia (1991).

A Bósnia, um ano mais tarde, referendou também a possível independência da ex-Jugoslávia (1992), mas os Sérvios Bósnios (ortodoxos) tinham já proclamado a sua própria república<sup>25</sup>.

A corrida por uma parcela do território inicia-se: os Croatas (católicos), recém-independentes, reclamavam também partes da dita Bósnia. Os Sérvios e os Croatas definiram a divisão do país<sup>26</sup>, obliterando as intenções dos Bósnios (muçulmanos), que desapropriados do seu território, se rebelaram, lutando por um território que sentiam pertencer-lhes também.

A guerra durou quatro longos anos, terminando apenas em 1995<sup>27</sup>. Mostar ficou em ruínas: cerca de 90% do seu centro histórico ficou danificado e um terço dos edifícios totalmente destruídos. A cidade ficou irreconhecível; uma estratégia similar à já descrita em Varsóvia fora usada – a da aniquilação dos principais edifícios; os que eram a "cara da cidade"<sup>28</sup>.

Após o conflito e duas décadas de longa e lenta reconstrução, as recordações



**10** | A Ponte Antiga de Mostar e edificado de enquadramento. [1986] Da ponte, controlava-se a circulação no rio *Neretva*.

**11** | Vista aérea. [1980] Antes dos conflitos, passar a ponte era algo banal e quotidiano para a população.

**12** | Os tradicionais saltos para a água. [2008] A prática foi retomada após a reabertura da estrutura em 2004.

**13** | A destruição e a ponte suspensa temporária. [1993] Durante o conflito, várias pontes foram destruídas para dificultar o cruzamento entre as margens.

**14** | A reconstrução levada a cabo pela UNESCO. [2011] A ponte foi reconstruída à semelhança do que era, usando técnicas otomanas. Pedras foram recolhidas do leito de rio e reincorporadas.

29. MACKIC, Arna, "Mortal Cities: The Irreversible Disappearance of Mostar" [portal]. Mostar era a cidade com maior percentagem de casamentos inter-étnicos e inter-religiosos da ex-Jugoslávia.

30. Ibid. *Stari most*, construída em 1566 sobre jugo otomano, foi reconstruída à sua imagem e semelhança, no exacto local que ocupava previamente.

31. Ibid. Durante o cerco, facções opostas ocupavam margens distintas do rio.

32. Ibid. Para além de ser a principal fora de passar de um lado para o outro da cidade, antes da guerra era o local eleito para os passeios de fim de dia em família, para os primeiros encontros de muitos dos casais da cidade e para os mergulhos dos mais jovens durante o Verão - um género de ritual de passagem para a idade adulta nos rapazes.

da guerra estão ainda particularmente presentes: os católicos não passeiam nas mesmas ruas dos muçulmanos ou dos ortodoxos, numa cidade que era previamente conhecida como um exemplo de convivência entre pessoas com diferentes proveniências étnicas e religiões.<sup>29</sup>

Os limites que em tempos marcaram as áreas de controlo dos diferentes grupos apesar de terem sido apagados fisicamente, persistem invisivelmente, fazendo com que o espaço urbano não seja um verdadeiro espaço de partilha entre todos os que o habitam.

Procurou reconstruir-se a cidade - em particular os seus monumentos e edifícios públicos mais significantes à semelhança do que eram -, sendo a Ponte Velha<sup>30</sup> reconstruída numa pareceria entre entidades locais e a UNESCO (2004); o caso mais paradigmático. (fig. pág. anterior)

No entanto, a mera reconstrução da ponte não restituiu por si só o antigo ambiente de partilha e união, já que para os locais está ainda bem viva a divisão da cidade em duas partes distintas.<sup>31</sup>

A procura por outros elementos culturais, imateriais, associados a estes guardiões físicos da memória da cidade, pode ser a chave para uma reconstrução sustentada não apenas na restituição física do seu antigo esplendor, mas também das actividades<sup>32</sup> que faziam dela singular e um agregador dos vários grupos étnico-religiosos que habitam a cidade.

**1 | Plano Pabst.** 1940. Friedrich Pabst. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Pabst\\_Plan#/media/File:The\\_Pabst\\_Plan\\_Warsaw\\_1.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Pabst_Plan#/media/File:The_Pabst_Plan_Warsaw_1.jpg). Consultado a 15-04-2019.

**2 | Trabalhos de reconstrução.** 1953. Gołębia Street. Zbyszko Siemaszko. Disponível em <https://culture.pl/en/article/how-warsaw-came-close-to-never-being-rebuilt>. Consultado a 15-04-2019.

**3 | Praça do centro da cidade, Varsóvia.** 1946. Karol Pecherski. Disponível em <https://culture.pl/en/gallery/ruins-of-warsaw-photographs-of-the-city-after-ww2-image-gallery>. Consultado a 15-04-2019.

**4 | Rua *Krakowskie Przedmieście*.** 2016. Daryl Mersom. Disponível em <https://www.theguardian.com/cities/2016/apr/22/story-cities-warsaw-rebuilt-18th-century-paintings>. Consultado a 15-04-2019.

**5 | “Linha Verde” de Beirute.** 1975-1990. Ole Møystad. Disponível em <http://almashriq.hiof.no/lebanon/900/910/919/beirut/greenline/>. Consultado a 25-04-2019.

**6 | Cruzamento num dos *checkpoints*, perto de *Barbir-Museum*.** 1989. Nabil Ismail. Disponível em <https://timeline.com/daily-life-continued-in-beirut-during-civil-war-37ad-777d9ea8>. Consultado a 25-04-2019.

**7 | Zona abandonada da “Linha Verde”.** 1982. A.Abbas. Disponível em <https://pro.magnumphotos.com/Asset/-2S5RYDOP6QEK.html>. Consultado a 25-04-2019.

**8 | A baía *Zaitunay Bay*, no centro da cidade.** 2012. Bryan Denton. Disponível em <https://www.nytimes.com/2012/02/19/travel/in-beirut-the-zaitunay-bay-promenade-opens.html>. Consultado a 25-04-2019.

**9 | A “colonização” da periferia pela classe média de Beirute.** 2017. Manuel Alvarez Diestro. Disponível em <https://www.archdaily.com/872480/spurred-by-privatization-beiruts-working-class-is-colonizing-the-citys-periphery>. Consultado a 25-04-2019.

**10 | A Ponte Antiga de Mostar e edificado de enquadramento.** 1986. Aga Khan Trust for Culture. Disponível em <https://archnet.org/authorities/3842/publications/757>. Consultado a 25-04-2019.

**11 | Vista aérea .**1980. Autor desconhecido. Disponível em <https://ojs.cvut.cz/ojs/index.php/ap/article/view/824>. Consultado a 25-04-2019.

**12 | Os tradicionais saltos para a água.** 2008. Zuzana Uhlíková. Disponível em <https://www.saatchiart.com/art/Photography-Jump-off-the-Old-Bridge-Mostar-Limited-Edition-1-of-25/1088309/4273457/view>. Consultado a 25-04-2019.

**13 | A destruição e a ponte suspensa temporária.** 1993. Autor desconhecido, *in* CI-DOM (Centro de Informação e Documentação de Mostar). Disponível em <http://heritage.sense-agency.com/>. Consultado a 25-04-2019.

**14 | A reconstrução levada a cabo pela UNESCO.** 2011. Ko Hon Chiu Vincent. Disponível em <https://whc.unesco.org/en/documents/128482>. Consultado a 25-04-2019.